

**minha religião**

**Liev Tolstói**

Organização e tradução

*Dinah de Abreu Azevedo*

São Paulo, 2011

Copyright da edição © 2011 A Girafa

Todos os direitos desta edição foram cedidos à

Manuela Editorial Ltda. (A Girafa)

Rua Caravelas, 187

Vila Mariana - São Paulo, SP - 04012-060

Telefone: (11) 5085-8080

[livraria@artepaubrasil.com.br](mailto:livraria@artepaubrasil.com.br)

[www.artepaubrasil.com.br](http://www.artepaubrasil.com.br)

Diretor editorial: Raimundo Gadelha

Coordenação editorial: Mariana Cardoso

Assistente editorial: Ravi Macario

Organização e tradução: Dinah de Abreu Azevedo

Revisão: Cristiane Maruyama e Ionas Pinheiro

Capa e projeto gráfico: Ronaldo Perreira

Diagramação: Felipe Bonifácio

Impressão: Graphium

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Obra em conformidade com o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa

Prefácio

Introdução

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Prefácio

Para alguém que não conhece a língua russa, os dados de que dispomos sobre a vida pública de Liev Nikolaevich Tolstói, o autor deste livro, são escassos, para dizer o mínimo. Seu nome não aparece naquele registro heterogêneo de celebridades conhecido como *The men of the time* (Os homens de nosso tempo), nem no abrangente *Dictionnaire des contemporains* (Dicionário dos contemporâneos) do sr. Vapereau. Apesar disso, o conde Liev Tolstói é reconhecido por críticos competentes como um homem genial e que, pelo menos uma vez, produziu uma obra-prima da literatura que vai continuar figurando entre as maiores produções artísticas de nossa época.

Para nós, talvez baste saber que ele nasceu na propriedade do pai na província russa de Tula, no ano de 1828; que recebeu uma boa educação em casa e estudou línguas orientais na Universidade de Kazan; que pas-

sou algum tempo no exército, no qual entrou como oficial de artilharia aos 23 anos de idade, servindo posteriormente no gabinete do Príncipe Gortschakof; e que depois alternou entre S. Petersburgo e Moscou, levando a vida de um barbarismo super-refinado e de uma luxúria desenfreada, característicos da aristocracia russa. Viu a vida no campo e na cidade, no interior e na corte. Esteve entre os defensores de Sebastopol na Guerra da Crimeia, e usou as impressões que acumulou nessa época como material para uma série de *Esboços de guerra*, que chamaram a atenção nas páginas da revista em que foram publicados pela primeira vez; e, um pouco mais tarde, quando foram editados em forma de livro, seu autor, então com 28

anos de idade, adquiriu imediatamente grande popularidade. A popularidade se transformou em fama com a publicação, também em 1856, de *Infância e juventude*, igualmente notável por suas revelações singelas sobre a gênese e o crescimento das ideias e emoções na mente dos jovens, por seus quadros idílicos da vida doméstica e por suas encantadoras descrições da natureza. Esta obra foi seguida por *Os cossacos*, um empolgante romance das estepes, vigorosamente realístico nos detalhes e, como todas as obras do Conde Tolstói, poético em concepção, inspirado, com grande intensidade dramática. Em 1869 apareceu *Guerra e paz*, um romance histórico em diversos volumes, que trata da invasão de Napoleão de 1812 e dos eventos que se seguiram imediatamente à retirada de Moscou. De acordo com C. Courrière<sup>1</sup>, ele foi lido com avidez e causou grande impacto.

o palco é imenso e os atores são incontáveis; entre eles, três imperadores com seus ministros, seus marechais e seus generais, e depois um cortejo de inúmeros oficiais subalternos, soldados, nobres e camponeses. Somos transportados sucessivamente dos salões de S. Petersburgo aos campos de batalha, de Moscou à zona rural. E todas essas cenas diversas e variadas são interligadas por um fio condutor que põe tudo em harmonia. Cada uma das longas séries de quadros em constante modificação é de grande beleza e palpita de vida.

Certa ou erradamente, Pierre Besushkof, um dos três heróis de *Guerra e paz*, é considerado há muito tempo um estudo autobiográfico sob certos aspectos, mas a nota pessoal é sempre clara e perceptível nos escritos do Conde Tolstói, se dermos crédito às palavras dos entusiásticos transmissores de informação literária que tornaram conhecidos alguns de seus muitos traços cativantes. É claro também que um

1. Histoire de la littérature contemporaine en Russie.

fio condutor comum passa por todos os seus textos, um fio condutor que só encontra sua plena expressão nas últimas obras do autor. Há sinais dele em *Infância e juventude*; em *Guerra e paz* e em *Ana Karenina*, um romance posterior, ele fica bem distinto. Nestas duas últimas obras, o Conde Tolstói é impiedoso em sua descrição dos vícios e loucuras da classe aristocrática e rica, e elogia a simplicidade e a virtude dos humildes. Pierre Besushkof é representado como produto de um período de transição, um homem que vê claramente que o futuro deve ser diferente do passado, mas é incapaz de interpretar as profecias de sua vinda. O sr Courriere fala dele com muita felicidade: "uma criança grande que parece perdida em um mundo totalmente desconhecido" Durante algum tempo, Pierre encontra paz de espírito nas doutrinas da maçonaria e o autor nos dá um relato alternadamente vívido bem-humorado e patético dos esforços do jovem para por em prática as doutrinas recém-adquiridas. Ele resolve melhorar a vida dos camponeses que vivem em suas propriedades; mas, em vez de cuidar pessoalmente das coisas, ele delega seus planos aos empregados, e o resultado é que "o mais inteligente entre eles ouvia com atenção, mas só pensava numa coisa - como realizar seus fins pessoais sob o pretexto de executar as ordens do patrão". Mais tarde vemos Pierre vagando sem destino pelas ruas de Moscou em chamas até ser detido pelos franceses. É então que, graças a um outro preso, descobre o verdadeiro significado da vida e que a garantia de segurança para o futuro só é possível quando se vive segundo o modelo de simplicidade rude adotado pelas pessoas comuns, e quando se reconhece, tanto em palavras como em atos, a fraternidade do homem.

Não cabe entrar aqui na questão de saber se essa postura, nada incomum entre russos cultos e liberais, surge da falta de gradação social entre o nobre e o camponês, que obriga o filósofo social de destaque a aceitar uma existência que só mostra interesse pelos assuntos

mundanos e vazios, ou a adotar as aspirações primitivas e a humilde labuta dos camponeses. De qualquer modo, é claro que o conde Tolstói está do lado destes últimos. A doutrina da simplicidade tem muitos adeptos na Rússia e quando, há algum tempo, foi anunciado que o autor de *Guerra e paz* tinha se retirado para o campo e estava levando uma vida de frugalidade e labuta no cultivo de suas propriedades, a surpresa de seus compatriotas não deve ter sido muito grande. Em seu livro, ele nos conta como essa decisão foi tomada. Ele baseia suas

conclusões em uma interpretação direta e literal dos ensinamentos de Jesus tal como foram expressos no Sermão da Montanha.

A rigor, esta interpretação não é nova, mas nunca antes tinha sido realizada com tanto zelo, tanta determinação, tanta sinceridade e, dadas as mesmas premissas, com lógica tão irresponsável, como nesta bela profissão de fé. De que modo comovente ele descreve as dúvidas e temores de quem busca uma vida melhor como é impressionante a sua seriedade na investigação da verdade como é inspiradora a sua confiança na bondade natural, contraposta à depravação natural do homem ... como são convincentes os seus argumentos de que a doutrina de Jesus é simples e praticável e que conduz à mais elevada felicidade; como é aterradora a sua enumeração dos sofrimentos "dos mártires da doutrina do mundo" ... como é impiedosa a sua denúncia da indiferença arrogante da Igreja pelo bem-estar da humanidade aqui neste estágio presente da existência ... como é sublime a sua profecia da idade de ouro, quando os homens viverão unidos pelos laços do arrior, e o pecado e o sofrimento não serão a sorte comum da humanidade! Lemos e somos tomados por uma emoção divina; mas quem de nós está disposto a aceitar a verdade apresentada aqui como o verdadeiro segredo da vida?

Vamos levar a sério esta elo quente profissão de fé na humildade, no altruísmo, no amor fraternal, ou vamos considerá-la apenas uma fase bela e pacífica na carreira de um homem de gênio que, depois da tempestade e tensão de uma vida de pecado e sofrimento, voltou-se para os ideais da juventude e de inocência e procurou fazer deles, uma vez mais, os objetos de desejo? Fanatismo, diria você? É, pode ser ... mas não foi exatamente um fanatismo como esse que Jesus e seus discípulos praticaram? Quem poderia negar que tudo o que há de bom nesse mundo (e há muita coisa boa, afinal de contas) que tudo o que há de bom veio do grande impulso moral gerado há dezoito séculos por um pequeno grupo de fanáticos em um canto obscuro da Ásia? Ainda sentimos aquele impulso, apesar de todas as obstruções postas em seu caminho para anular sua ação; e se alguém fosse buscar forças na fonte primordial de poder, quem diria seria contra? E, mesmo que a gente sorria da ingenuidade desse cristão russo em sua determinação de encontrar nos evangelhos o imperativo categórico do altruísmo, mesmo que a gente só admire a audácia maravilhosa de suas especulações exegeticas, não podemos deixar de respeitar uma fé tão sincera, tão intensa e, em muitos aspectos, tão elevada e tão nobre.

Huntington Smith

Introdução

Nem sempre tive as ideias religiosas expostas neste livro. Durante 35 anos de minha vida fui, na plena acepção da palavra, um niilista - não um socialista revolucionário, mas um homem que em nada acreditava. Há cinco anos a fé chegou a mim; acreditei na doutrina de Jesus e toda a minha vida sofreu uma transformação súbita. O que anti-gamente desejava, não desejo mais e comecei a desejar o que nunca tinha desejado antes. O que antigamente me parecia certo agora se tornou errado e o erro do passado comecei a ver como acerto. Minha situação era como a de um homem que parte para se desincumbir de uma tarefa e, depois de percorrer uma parte da estrada, chega à conclusão de que o assunto não tem mais importância e volta. O que inicialmente estava em sua mão direita está agora na esquerda, e o que estava na sua mão esquerda está agora na direita; em vez de sair de sua residência, ele deseja voltar a ela o mais rápido possível. Minha vida e meus desejos mudaram completamente; bem e mal intercambiaram significados. Por que isso? Porque entendi a doutrina de Jesus de um modo diferente daquele que tinha entendido antes.

Não é meu propósito expor aqui a doutrina de Jesus; só desejo contar como foi que cheguei a compreender o que essa doutrina tem de simples, claro, evidente, indiscutível; como entendi aquela parte que toca todos os homens e como esse entendimento refrescou minha alma e me deu felicidade e paz.

Não é minha intenção comentar a doutrina de Jesus; tudo quanto desejo é que todos os comentários sejam postos de lado para sempre. As seitas cristãs sempre afirmaram que todos os homens, por mais desiguais que sejam em educação e inteligência, são iguais perante Deus; que a verdade divina é acessível a qualquer um. Jesus chegou até a declarar ser a vontade de Deus que seja revelado aos simples aquilo que está escondido dos sábios. Nem todos são capazes de compreender os mistérios da dogmática, da eloquência sagrada, das liturgias, da hermenêutica, da apologética; mas qualquer um é capaz de compreender - e compreende - o que Jesus Cristo disse a milhões de pessoas simples e ignorantes que viviam em seu tempo e vivem hoje no nosso. Ora, as coisas que Jesus disse a pessoas simples que não podiam se valer dos comentários de Paulo, de Clemente, de João Crisóstomo e de outros, são justamente aquelas que eu não compreendia e que, agora que cheguei a compreendê-las, desejo tornar claras para todos.

O ladrão na cruz acreditou em Cristo e foi salvo. Se, em vez de morrer na cruz, o ladrão tivesse descido dela e espalhado aos quatro ventos a sua crença no Cristo, não teria sido um grande bem? Assim como o ladrão na cruz, creio na doutrina de Jesus e esta fez de mim um homem inteiro. Esta não é uma comparação vazia, e sim uma expressão verdadeira da minha situação espiritual; minha

alma, antigamente cheia de desespero diante da vida e de medo diante da morte, agora está cheia de felicidade e paz.

Assim como o ladrão, eu sabia que minha vida passada e presente era indigna; eu via que a maioria dos homens ao meu redor tinha uma vida indigna. Eu sabia, como o ladrão, que era desprezível e estava sofrendo, que todos ao meu redor sofriam e eram desprezíveis; e via que só a morte me tiraria dessa situação. Como o ladrão pregado na cruz, também eu havia sido pregado a uma vida de sofrimento e mal por um poder incompreensível. E como, depois dos sofrimentos de uma vida

sem sentido, o ladrão viu à sua frente as horríveis sombras da morte, também eu as vi se acumulando diante de mim.

Em tudo isso me senti como o ladrão. Mas havia uma diferença entre a situação dele e a minha: ele estava prestes a morrer e eu - eu ainda estava bem vivo. O ladrão prestes a morrer pensava que talvez encontraria a salvação além do túmulo, enquanto eu tinha à minha frente a vida e seu mistério deste lado de cá. Eu nada compreendia desta vida; ela me parecia uma coisa assustadora e então - então compreendi as palavras de Jesus, e vida e morte deixaram de ser um mal; em vez do desespero, senti uma alegria e uma felicidade que nem a morte me poderia tirar.

Será que alguém vai achar ruim se eu contar a história de como tudo isso aconteceu?

*Liev Tolstói*

Moscou, 22 de janeiro de 1884

## Capítulo I

Vou explicar em outro texto - em dois tratados volumosos - o que não compreendi da doutrina de Jesus e como, ao longo do tempo, ela se tornou clara para mim. Esses trabalhos são uma crítica da teologia dogmática e uma nova tradução dos quatro Evangelhos, seguidos por uma concordância<sup>2</sup>. Nesses escritos, procuro desvendar metodicamente tudo o que tende a esconder a verdade dos homens; traduzo de novo os quatro evangelhos, versículo por versículo, e os reúno em uma nova concordância. Este trabalho já dura seis anos. A cada ano, a cada mês,



descubro novos significados que corroboram a ideia fundamental; corrijo os erros que se insinuaram e dou os últimos retoques àquilo que já tinha escrito. Minha vida, cujo fim não está muito distante, sem dúvida vai terminar antes de eu terminar meu trabalho; mas estou convencido de que o trabalho é de grande valia; de modo que farei tudo que puder para concluí-lo.

Eu agora não me preocupo com esse trabalho exterior sobre teologia e sobre os Evangelhos, e sim com um trabalho interior de natureza inteiramente distinta. Eu agora nada tenho a ver com algo sistemático ou metódico, mas apenas com aquela luz súbita que me mostrou a doutrina do Evangelho em toda a sua beleza simples.

2 N. T.: Concordância: relação de palavras ou tópicos (da Bíblia), mencionando o local onde se acham.

o processo foi similar àquele vivenciado por alguém que seguindo um modelo errado tenta restaurar uma estátua a partir de pedaços quebrados de mármore. Quando, com um dos fragmentos mais refratários na mão, percebe a impossibilidade de seu propósito; então começa de novo e, em vez das primeiras incongruências, à medida que estuda o contorno de cada fragmento, ele descobre que todos se encaixam e formam um todo coerente. Foi exatamente isso o que aconteceu comigo e é o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar como encontrei a chave do verdadeiro significado da doutrina de Jesus e como, através desse significado a dúvida foi completamente varrida da minha alma. A descoberta aconteceu da maneira como relatarei a seguir.

Desde a minha infância, quando comecei a ler o Novo Testamento, sentia-me tocado principalmente por aquela parte da doutrina de Jesus que prega o amor, a humildade, o altruísmo e o dever e retribuir o mal com o bem. Para mim, esta sempre foi a substância do cristianismo; meu coração reconhecia sua verdade apesar do ceticismo e do desespero e, por esta razão, submeti-me a uma religião professada por uma multidão de trabalhadores, que via nela a solução da vida - a religião ensinada pela Igreja ortodoxa. Mas, depois de me submeter à Igreja, logo vi que não acharia em seu credo a confirmação da essência do cristianismo; aquilo que para mim era essencial parecia ser um mero acessório dos dogmas da Igreja. O que para mim era o mais crucial nos ensinamentos de Jesus, era considerado pela Igreja algo de somenos importância. Sem dúvida - pensei - a Igreja vê no cristianismo, além de seu significado intrínseco de amor, humildade e altruísmo, um significado extrínseco e dogmático o qual, por mais que parecesse estranho e repulsivo para mim, não era em si mesmo mau ou pernicioso. No entanto, quanto mais eu procurava aceitar a doutrina da Igreja, tão mais claramente via neste ponto em particular algo de importância maior do que eu lhe atribuíra inicialmente. O que eu achava mais repugnante

na doutrina da Igreja era a estranheza de seus dogmas e não só a aprovação, como também o apoio que ela dava a perseguições, à pena de morte, às guerras estimuladas pela intolerância, fatores comuns a todas as seitas; mas a minha fé foi destruída principalmente pela indiferença da Igreja ao que me parecia essencial nos ensinamentos de Jesus e por sua avidez pelo que me parecia secundário, Eu sentia que algo estava errado; mas não conseguia ver onde estava o erro porque a doutrina da Igreja não negava o que me parecia essencial na doutrina de Jesus; esse essencial era plenamente reconhecido, embora de modo a não dar a ele o primeiro lugar. Eu não podia acusar a Igreja de negar a essência da doutrina de Jesus, mas ela a reconhecia de um modo que não me deixava satisfeito, A Igreja não me dava o que eu esperava dela, Passei do niilismo à Igreja simplesmente porque achei impossível viver sem religião, ou seja, sem um conhecimento do bem e do mal além dos instintos animais, Esperava achar esse conhecimento no cristianismo; mas o cristianismo que conheci então era apenas uma vaga simpatia espiritual, da qual era impossível deduzir quaisquer regras claras e peremptórias para a orientação da vida. Estas busquei e exigi da Igreja, A Igreja me ofereceu regras, mas regras que, além de não inculcarem a prática da vida cristã, tornavam tal prática ainda mais difícil. Eu não poderia tornar-me um discípulo da Igreja, Para mim era indispensável uma existência baseada na verdade cristã e a Igreja só me oferecia regras em completo desacordo com a verdade que eu venerava. As regras da Igreja sobre artigos de fé, dogmas, observação dos sacramentos, jejuns, orações, não eram necessárias para mim e não me pareciam ser baseadas na verdade cristã. Além disso, as regras da Igreja enfraqueciam - e algumas vezes destruíam - o desejo da verdade cristã, a única a dar significado à minha vida, O que mais me perturbava eram as misérias da humanidade, o hábito de julgar uns aos outros, de julgar nações e religiões, e as guerras

e massacres que disso resultavam; tudo isso com as bênçãos da Igreja. A doutrina de Jesus - não julgue, seja humilde, perdoe as ofensas, negue a si mesmo, amor - esta doutrina era exaltada em palavras pela Igreja; mas, ao mesmo tempo, aprovava o que era incompatível com a doutrina. Seria possível que a doutrina de Jesus admitisse uma tal contradição? Eu não podia acreditar que sim.

Outra coisa espantosa sobre a Igreja era que as passagens sobre as quais ela baseava a afirmação de seus dogmas eram as mais obscuras.

Por outro lado, as passagens de onde derivavam as leis morais eram as mais cristalinas e precisas. Os dogmas e deveres que dependiam delas eram claramente formulados pela Igreja, enquanto a recomendação de obedecer à lei moral era posta nos termos mais vagos e místicos possíveis. Seria essa a intenção de Jesus? Só os Evangelhos poderiam dissipar minhas dúvidas. Eu os li várias vezes.

De todas as partes dos Evangelhos, o Sermão da Montanha sempre teve para mim uma importância excepcional. Eu agora o leio mais frequentemente do que nunca. Em nenhuma outra parte Jesus falou com maior solenidade, em nenhuma outra parte propõe regras morais mais definidas e práticas, nem em qualquer outra parte essas regras ecoam mais facilmente no coração humano em nenhum outro lugar se dirige a uma multidão tão grande de pessoas comuns. Se existirem princípios cristãos claros e precisos, eles devem estar lá. De modo que procurei a solução de minhas dúvidas em Mateus V, VI e VII, incluindo o Sermão da Montanha. Releio sempre esses capítulos e toda vez sinto a mesma emoção avassaladora ao passar pelos versículos que aconselham a oferecer a outra face, a entregar o manto, a estar em paz com todo o mundo, a amar os inimigos - mas, toda vez, sinto a mesma decepção. As palavras divinas não eram claras. Elas aconselham uma renúncia tão absoluta quanto negar a vida, tal como eu a compreendia; a renunciar a tudo; portanto, parecia a mim, não poderiam ser essenciais à salvação.

E, no momento em que essa deixou de ser uma condição absoluta, terminaram a precisão e a clareza.

Não li apenas o Sermão da Montanha; li todos os Evangelhos e todos os comentários teológicos sobre os Evangelhos. Não fiquei satisfeito com as declarações dos teólogos de que o Sermão da Montanha era apenas uma metáfora do grau de perfeição a que um homem poderia aspirar; que o homem, arrastado pelo pecado, não poderia atingir esse ideal; e que a salvação da humanidade estava na fé, na oração e na graça. Eu não podia admitir a verdade dessas proposições. Parecia-me estranho que Jesus tivesse proposto regras tão claras e admiráveis, que tenha se dirigido à compreensão de todos e, mesmo assim, tivesse consciência da incapacidade do homem em colocar sua doutrina em prática.

E então, enquanto lia essas máximas, fui tomado pela alegre certeza de que eu poderia praticá-las naquela hora mesmo, naquele momento mesmo. O ardente desejo que senti me levou a tentar, mas a doutrina da Igreja ressoava em meus ouvidos: "O homem é fraco e não consegue chegar a tanto"; e minha força logo se dissipou. Por todos os lados eu ouvia: "Você deve acreditar e rezar"; mas minha fé oscilante me impedia de rezar. E escutei de novo: "Você deve orar, que Deus vai lhe dar fé; essa fé inspira a quem ora, o que, por sua vez, vai lhe dar mais fé, que vai inspirar mais ainda a quem ora, e assim por diante, indefinidamente". Tanto a razão quanto a experiência me convenceram de que esses métodos eram inúteis. Parecia-me que o único caminho verdadeiro era o de tentar seguir a doutrina de Jesus.

E assim, depois de toda essa busca infecunda e de cuidadosa meditação sobre tudo o que havia sido escrito a favor e contra a divindade da doutrina de Jesus, depois de toda essa dúvida e sofrimento, voltei a ficar cara a cara com a misteriosa mensagem do Evangelho. Eu não conseguia encontrar os significados que outros encontraram, nem conseguia descobrir o que estava buscando. Só depois de rejeitar as interpretações dos

sábios críticos e teólogos, segundo as palavras de Jesus: "Se não se tornarem como as crianças, vocês não entrarão no reino dos Céus" (Mateus 18:3) - foi só então que de repente compreendi o que antes me parecera completamente sem sentido. Eu compreendi, não por meio de fantasias exegéticas ou de combinações textuais profundas e engenhosas; compreendi tudo porque joguei fora de minha mente todos os comentários. Esta foi a passagem que me deu a chave do todo: "vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal": (Mateus, 5:38,39)

Um belo dia me ocorreu o significado exato e simples dessas palavras; compreendi o que Jesus queria dizer, nem mais nem menos do que disse. O que vi não era novo; só caiu o véu que escondia a verdade de mim, e a verdade me foi revelada em toda sua grandeza: "vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal."

De repente, tive a impressão de que nunca havia lido essa frase. Antes, por estranho que pareça, sempre que lia esta passagem, eu deixava certas palavras me escaparem, "Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal": Para mim, era como se as palavras que acabei de citar nunca tivessem existido, ou nunca tivessem possuído um significado definido. Mais tarde, ao falar com muitos cristãos versados no Evangelho, notei muitas vezes a mesma cegueira em relação a essas palavras. Ninguém se recordava delas e, frequentemente, ao falar dessa passagem, os cristãos abriam os Evangelhos para verificar com os próprios olhos se elas estavam realmente lá. Por causa de uma omissão similar dessas palavras, deixei de compreender o trecho que se segue: "Ao contrário, se alguém os esbofetear na face direita, ofereçam-lhe a outra também"; etc. (Mateus 5: 39 e seguintes)

Tive a impressão de que todas essas palavras exigiam um longo sofrimento e uma longa privação, ambos contrários à natureza humana. Mas elas me tocaram; senti que seria nobre segui-las, mas também senti

que não tinha força para pô-las em prática. Disse para mim mesmo: "Se eu virar a outra face, vou receber outro golpe; se eu der tudo o que tenho, tudo o que tenho me será tirado. A vida seria uma impossibilidade. Posto que a vida me foi dada, por que eu me privaria dela?"

"Jesus não pode exigir-me tanto". Era o que eu pensava, persuadido de que Jesus, ao exaltar longo sofrimento e privações, usou termos exagerados que careciam de clareza e precisão; mas, quando compreendi as palavras "Não resistam ao mal", percebi que Jesus não exagerava, que ele não exigia sofrimento por gostar de nos ver sofrer, e sim que ele tinha formulado com grande clareza e precisão exatamente o que desejava dizer.

"Não resistam ao mal", sabendo que vocês vão encontrar aqueles que, depois de baterem em uma de suas faces e não tiverem encontrado resistência, vão bater na outra; aqueles que, depois de lhes tirar a blusa, vão lhes tirar o manto; aqueles que, depois de lucrar com seu trabalho, vão forçá-los a trabalhar ainda mais sem o devido pagamento. Mas, mesmo que tudo isso aconteça, "Não resistam ao mal"; façam o bem àqueles que os prejudicam. Quando compreendi essas palavras como elas estão escritas, tudo o que era obscuro se tornou claro para mim, e o que tinha parecido exagerado passei a considerar perfeitamente razoável. Pela primeira vez apreendi a ideia central das palavras "Não resistam ao mal"; vi que o que se seguia era apenas um corolário desse mandamento; vi que Jesus não nos aconselhava a virar a outra face porque temos de sofrer; seu conselho era: "Não resistam ao mal" e, logo depois, declarou que a prática desse mandamento poderia implicar sofrimento.

Um pai, quando seu filho se prepara para fazer uma longa viagem, aconselha-o a não se demorar pelo caminho; ele não diz ao filho para passar as noites ao relento, ou se privar de comida, nem a se expor à chuva e ao frio. Ele não diz: "Segue seu caminho, e não demore, mesmo que passe frio ou fique molhado!"; Jesus também não diz: "Vire a outra face e sofra!"; Ele diz: "Não resistam ao mal"; aconteça o que acontecer, "Não resistam!";

Estas palavras "Não resistam ao mal": quando compreendi seu significado, foram a chave que abriu todo o resto. Então fiquei espantado de não ter compreendido termos tão claros e precisos: "Vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal":

Qualquer que seja a injúria que um homem perverso lhe infligir, suporte-a, dê a ele tudo o que você tem, mas não resista. Poderia algo ser mais claro, mais definido, mais inteligível do que isto? Só tive de apreender o significado simples e exato destas palavras, exatamente como elas foram ditas, para que toda a doutrina de Jesus, não só aquela apresentada no Sermão da Montanha, mas em todos os Evangelhos, se tornasse clara para mim; o que me parecia contraditório, agora era harmonia; acima de tudo, aquilo que tinha parecido supérfluo, agora era indispensável. Todas as partes entravam em equilíbrio e de acordo umas com as outras, todas encontravam seu lugar próprio, como os fragmentos de uma estátua partida quando montados de acordo com o projeto do escultor. Por toda a parte, no Sermão da Montanha, assim como ao longo de todo o Evangelho, encontrei a afirmação da mesma doutrina, "Não resistam ao mal":

No Sermão da Montanha, assim como em muitos outros lugares, Jesus mostra a seus discípulos, aqueles que observam o mandamento de não resistir ao mal, como virar a outra face, entregar o manto, suportar perseguições, maus tratos e insultos, e pobreza. Em toda parte *Jesus* diz que aquele que não tomar sua cruz, aquele que não renunciar às vantagens mundanas, aquele que não estiver pronto a suportar todas as consequências de seu mandamento: "Não resistam ao mal": não pode se tornar seu discípulo.

A seus discípulos Jesus diz: "Escolham a pobreza; suportem todas as coisas sem resistir ao mal, mesmo que isso lhes traga perseguição, sofrimento e morte":

Preparado para sofrer a morte em vez de resistir ao mal, Jesus censurou o ressentimento de Pedro e morreu aconselhando seus seguidores a não resistir ao mal e a permanecer sempre fiéis à sua doutrina. Os primeiros discípulos observaram essa regra e passaram a vida na miséria e na perseguição, sem retribuir o mal com o mal.

Parece, portanto, que Jesus queria dizer precisamente o que disse. Podemos declarar que a prática de tal regra é muito difícil; podemos negar que aquele que a segue vai achar a felicidade; podemos dizer, como dizem todos os que não creem em suas palavras, que Jesus era um sonhador, um idealista que propunha máximas impraticáveis; mas

é impossível não reconhecer que expressou de modo claro e preciso o que desejava dizer, ou seja, que, de acordo com sua doutrina, o homem não deve resistir ao mal, e consequentemente, aquele que abraçar sua doutrina não vai resistir ao mal. No entanto, nem quem crê, nem quem não crê admite esta interpretação simples e clara das palavras de Jesus.

## Capítulo II

Quando entendi claramente as palavras "Não resistam ao mal", minha concepção da doutrina de Jesus mudou inteiramente; e não fiquei espantado por não a ter compreendido antes, e sim por tê-la entendido tão estranhamente mal. Eu sabia, como todos sabemos, que o verdadeiro significado da doutrina de Jesus estava compreendido na regra de amar o seu próximo. Quando dizemos: "Vire a outra face", "Ame seus inimigos", estamos falando da própria essência do cristianismo. Eu sabia disso tudo desde a infância; mas por que não compreendi corretamente essas palavras simples? Por que sempre procurei um outro significado? "Não resistam ao mal" significa nunca resistir, nunca opor violência; ou, em outras palavras, nunca fazer algo contrário à lei do amor. Se alguém se aproveitar dessa postura e afrontar você, suporte a afronta e, acima de tudo, não faça uso da violência. Isto Jesus disse em palavras tão claras e simples que seria impossível expressar a ideia de modo mais coerente. Como foi então que, acreditando ou tentando acreditar serem estas as palavras de Deus, eu ainda declarava que era impossível obedecer a elas? Se meu mestre me disser: "Vai cortar um pouco de madeira" e eu responder, "Está além das minhas forças", das duas, uma: ou não levo a sério o que meu mestre diz, ou não desejo obedecer às suas ordens. Será então que eu devia dizer, a respeito do mandamento de Deus, que não tenho condições de obedecer a ele sem o auxílio de um poder sobrenatural? Será que eu devia dizer isso sem ter feito o menor



esforço para obedecer a ele? Dizem-nos que Deus desceu à Terra para

salvar a humanidade; que a salvação foi assegurada pela segunda pessoa da Trindade, que sofreu pelos homens, redimindo-os com isso do pecado, e deu a eles a Igreja como meio de transmissão da graça a todos os crentes; mas, além disso, o Salvador deu aos homens a doutrina e o exemplo de sua própria vida para a salvação de todos. Como, então, poderia eu dizer que as regras de vida que Jesus formulou tão clara e simplesmente para qualquer um, como eu poderia dizer que essas regras eram difíceis de ser obedecidas, que era impossível obedecer a elas sem a ajuda de um poder sobrenatural? Jesus não via tal impossibilidade; ele declarou claramente que aqueles que não obedecessem a essa regra não poderiam entrar no reino de Deus. Em nenhum lugar ele disse que a obediência seria difícil; ao contrário, ele disse muitas e muitas vezes: "Meu jugo é suave e minha carga é leve" (Mateus 11: 30). E João, o evangelista, diz: "Seus mandamentos não são penosos" (I João 3). Como Deus declarou que a prática de sua lei era fácil, e ele mesmo a praticou sob forma humana, assim como seus discípulos, como ousei falar da impossibilidade de obediência sem o auxílio de um poder sobrenatural?

Se alguém usa todas as suas energias para desobedecer a uma lei, o que ele poderia dizer além de que essa lei é essencialmente impraticável e que o legislador sabia que ela era impraticável e inatingível sem o auxílio de um poder sobrenatural? Mas era exatamente isso o que eu estava pensando do mandamento "Não resistam ao mal". Tentei descobrir de onde me veio a ideia de que a lei de Jesus era divina, mas que não podia ser obedecida; e, enquanto revia minha história, percebi que a ideia não tinha sido comunicada a mim em toda a sua crueza (o que me teria revoltado), mas foi sem me dar conta que fui imbuído dela desde a infância, e toda a minha vida posterior só me confirmou no erro.

Desde a infância me ensinaram que Jesus era Deus e que sua doutrina era divina; mas, ao mesmo tempo, ensinaram-me a respeitar

como sagradas as instituições que me protegiam da violência e do mal. Ensinaram-me a resistir ao mal, que era humilhante alguém se submeter ao mal e que era louvável resistir a ele. Ensinaram-me a julgar e a impor um castigo. Depois aprendi a profissão de soldado, ou seja, a de resistir ao mal pelo homicídio; o exército ao qual eu pertencia era chamado de "Exército Cristófilo" e ele foi mandado para o campo de

batalha com uma bênção cristã. Da infância à maturidade, aprendi a venerar coisas que estavam em contradição direta com a lei de Jesus: a enfrentar o agressor com suas próprias armas, a me vingar através de violência por todas as ofensas contra minha pessoa, minha família ou minha raça. Além de ninguém nunca me ter censurado por causa disso, aprendi a considerar essa postura coerente com a lei de Jesus. Tudo o que me rodeava, a minha segurança pessoal e a da minha família, e de minha propriedade, dependia de uma lei que Jesus reprovava, a lei do "dente por dente". Meus mentores espirituais me ensinaram que a lei de Jesus era divina; mas, por causa da fraqueza humana, era impossível praticá-la, e que só a graça de Jesus Cristo poderia nos ajudar a seguir seus preceitos. E essa orientação estava de acordo com aquela que recebi nas instituições laicas e na organização social ao meu redor. Eu estava tão completamente impregnado da ideia de que a doutrina divina era impraticável, e essa ideia era tão conveniente em relação ~ meus desejos, que só depois de os meus olhos se abrirem é que percebi sua falsidade. Eu não via que era impossível aceitar Jesus e sua doutrina, "Não resistam ao mal" e, ao mesmo tempo, contribuir ativamente para a organização de propriedades, de tribunais, de governos, de exércitos; de fazer de tudo para implementar uma política inteiramente contrária à doutrina de Jesus e, ao mesmo tempo, orar a Jesus para nos ajudar a obedecer a seus mandamentos, a perdoar nossos pecados, e nos ajudar a não resistir ao mal. Eu não via, o que é muito claro para mim agora, que seria muito mais simples organizar um modo de viver conforme a lei de Jesus e então orar por tribunais, massacres e guerras, se essas coisas fossem indispensáveis a nossa felicidade.

Foi então que compreendi a origem do erro em que tinha caído. Eu havia reconhecido Jesus com a boca, mas o coração ainda estava longe dele. O mandamento "Não resistam ao mal" é o ponto central da doutrina de Jesus; e uma simples declaração verbal; é uma regra cuja prática é obrigatória. Na verdade, é a chave de todo o mistério; mas a chave deve ser enfiada até o fundo da fechadura. Quando o consideramos um mandamento impossível de cumprir o valor da doutrina inteira passa despercebido. Quando suprimimos a proposição fundamental de uma doutrina, como ela não pareceria impraticável? Não é estranho que aqueles que não creem em Jesus o considerem totalmente absurdo. Quando declaramos que é possível ser cristão sem observar o mandamento "Não resistam ao mal" simplesmente deixamos de fora o elemento que dá força para pôr a doutrina de Jesus em prática.

Ha algum tempo atrás eu estava lendo em hebraico, o quinto capítulo de Mateus com um rabino judeu. Praticamente a cada versículo o rabino dizia 'Isso está na Bíblia', ou 'Isso está no Talmude', e me mostrava na Bíblia e Talmude sentenças muito parecidas com as declarações do Sermão da montanha. Quando chegamos às palavras "Não resistam ao mal", o rabino não disse "Isso está no Talmude", mas me perguntou com um sorriso "Os cristãos obedecem a este mandamento? Oferecem a outra face?" Eu nada tinha a responder, principalmente naquela época particular em que os cristãos, longe de oferecer a outra face, estavam batendo nas duas faces dos judeus. Perguntei a ele se havia alguma coisa similar na Bíblia ou no Talmude. "Não", ele respondeu, "não há nada parecido com isso; mas, diga-me, os cristãos obedecem a esta lei?". Esta foi apenas outra maneira de dizer que a existência de um mandamento na doutrina cristã, ao qual ninguém obedecia, e que os próprios cristãos consideravam impraticável,

é simplesmente o reconhecimento da tolice e nulidade daquela lei.

Nada pude responder ao rabino.

Agora que compreendo o sentido exato da doutrina, vejo com clareza meridiana a posição estranhamente contraditória na qual eu estava. Tendo reconhecido a divindade de Jesus e de sua doutrina, e tendo ao mesmo tempo organizado uma vida totalmente contrária àquela doutrina, o que me restava senão considerar a doutrina impraticável? Em palavras eu tinha reconhecido a doutrina de Jesus como sagrada; em atos, eu tinha professado uma doutrina que nada tinha de cristã, e tinha reconhecido e venerado os costumes anticristãos que dificultavam todos os aspectos de minha vida. A mensagem persistente do Velho Testamento é que os hebreus sofreram muitas desgraças porque acreditaram em falsos deuses e negaram Jeová. Samuel (I: 8-12) acusa o povo de acrescentar a seus outros pecados a escolha de um homem, do qual dependia para a libertação, em vez de depender de Jeová, que era o seu verdadeiro rei. "Não se desviem; porque seguiriam coisas vãs", diz Samuel ao povo (I: 12,21); "Não se desviem em busca de coisas vãs, que de nada servem e tampouco os podem salvar". "Portanto, temam somente ao Senhor e sirvam-no [ ... ] Mas, se perseverarem em fazer o mal, perecerão, tanto vocês como o seu rei" (1:12,24). E, comigo, a fé em coisas vãs, em ídolos ocultos, tinha escondido a verdade de mim. Ao longo

do caminho que me levou à verdade, o ídolo das coisas vãs elevou-se à minha frente, privando-me da luz, e eu não tive força para derrubá-lo.

Certo dia, eu estava andando em Moscou em direção ao Portão

Borovitsky, onde estava sentado um mendigo velho e aleijado, com um pano sujo enrolado em torno da cabeça. Peguei a minha bolsa para lhe dar uma esmola; mas, no mesmo momento, vi um jovem soldado saindo do Kremlin em passo rápido, a cabeça ergui da, faces vermelhas, usando uma insígnia de dignidade militar. O mendigo, percebendo o soldado, levantou-se com medo e correu com todas as suas forças em direção ao Jardim de Alexandre. Depois de uma tentativa frustrada de alcançar o fugitivo, o soldado parou, lançando uma imprecação contra o pobre desgraçado que se tinha colocado sob o portão, contrariando os regulamentos. Esperei pelo soldado. Quando ele se aproximou de mim, perguntei-lhe se sabia ler.

- Sei. Por que pergunta?"

- Já leu o Novo Testamento?

- Já.

- E por acaso se lembra das palavras: "Se um inimigo tem fome, alimente-o ... ?"

Repeti a passagem. Ele se lembrava, sim, e me ouviu até o final. Vi que ficou constrangido. Dois transeuntes pararam e escutaram. O soldado parecia estar perturbado pelo fato de ser condenado por cumprir seu dever ao enxotar pessoas de um lugar onde elas estavam proibidas de ficar. Pensou estar cometendo um erro e procurou uma desculpa. Subitamente seus olhos brilharam; olhou para mim sobre o ombro, como se estivesse para ir embora.

- E o regulamento militar, conhece alguma coisa a respeito dele? - perguntou o soldado.

- Não - respondi.

- Nesse caso, nada tem a me censurar - retrucou ele balançando a cabeça com um ar triunfal e, elevando ainda mais a pluma do capacete, marchou em direção a seu posto. Foi o único homem que conheci que resolveu, com uma lógica inflexível, a questão que me perseguia nas relações sociais e que surge continuamente perante todo homem que se considera cristão.

### Capítulo III

Estamos errados ao dizer que a doutrina cristã trata apenas da salvação do indivíduo e nada tem a ver com as questões de Estado. Essa declaração não passa de uma forma ousada de enunciar uma falsidade que, quando examinada seriamente, desmorona. Está bem (assim dizia eu); não vou resistir ao mal; vou oferecer a outra face na vida privada; mas cá está o inimigo, ou aqui está uma nação oprimida e eu sou chamado a fazer a minha parte na luta contra o mal, a seguir em frente e matar. Tenho de decidir a questão, servir a Deus ou ao ídolo vazio, ir à guerra ou não ir. Talvez eu seja um camponês; sou designado prefeito de uma aldeia, juiz, jurado; sou obrigado a fazer o juramento do ofício, a julgar, a condenar. O que devo fazer? Aqui também preciso escolher entre a lei divina e a lei humana. Talvez eu seja um monge vivendo em um mosteiro; os camponeses vizinhos transgridem os direitos de propriedade de nossa pastagem e sou designado para resistir ao mal, a entrar na justiça contra os malfeitores. Preciso decidir outra vez. É um dilema do qual nenhum homem pode escapar. Não falo daqueles cuja vida inteira é passada resistindo ao mal, como as autoridades militares, juízes ou governadores. Ninguém é tão obscuro que não seja obrigado a escolher entre servir a Deus e servir o Estado. Minha própria existência, emaranhada com a do Estado e com a existência social organizada pelo Estado, exige de mim uma atividade anticristã diretamente contrária aos mandamentos de Jesus. De fato, com o recrutamento e com o serviço compulsório de jurado, surge perante todos nós o dilema implacável. Todos nós somos forçados a usar armas mortíferas; e, mesmo que não cheguemos a nos tornar assassinos, nossas armas devem estar prontas, a carabina carregada e a espada com gume afiado, de modo a podermos dizer que estamos prontos para o assassinato. Ao servir nos tribunais, todos nós somos forçados a

tomar parte em reuniões para fazer julgamentos e promulgar sentença: ou seja, a negar o mandamento de Jesus "Não resistam ao mal", tanto em atos como em palavras.

A humanidade enfrenta hoje o problema do soldado, entre o Evangelho e os regulamentos militares, a lei divina e a lei humana, da mesma forma que enfrentava no tempo de Samuel. Ele foi imposto a Jesus e a seus discípulos: é imposto em nosso tempo a todos os que desejam ser cristãos: e foi imposto a mim.

A lei de Jesus, com sua doutrina de amor, humilde e altruísmo, tocou meu coração mais profundamente que nunca. Mas por toda parte nos anais da história, nos eventos que estavam ocorrendo, a meu redor, na minha vida pessoal, vi a lei humana opor-se de um modo revoltante ao sentimento cristão, à consciência e à razão, e encorajando-os baixos instintos. Percebi que, se adotasse a lei de Jesus, ficaria sozinho; que passaria muitas horas terríveis; que seria perseguido e torturado, como Jesus disse, No entanto, se eu adotasse a lei humana, todo mundo aprovaria; eu estaria em paz e segurança, com todos os recursos da civilização a meu dispor para me justificar perante minha consciência. Como Jesus disse, eu devia rir e estar alegre. Entendi tudo isto e, por esse motivo mesmo, não analisei o significado da doutrina de Jesus; só procurei compreendê-lo de modo que ela não interferisse na parte animal da minha vida. Ou seja, eu não queria compreendê-la de modo algum. Essa determinação de não compreender me levou a ilusões que agora me espantam. Como um exemplo, deixe-me explicar minha compreensão inicial destas palavras:

"Não julguem, para não serem julgados .. ." (Mateus 7:1). "Não julguem e não serão julgados; não condenem e não serão condenados" (Lucas 6:37). Os tribunais em que servi - e que garantiam a segurança de minha propriedade e de minha pessoa - pareciam instituições tão indubitavelmente sagradas e tão inteiramente de acordo com a lei divina, que nunca me passou pela cabeça que as palavras que acabei de citar pudessem ter outro significado além de uma proibição de falar mal do próximo. Nunca me ocorreu que, com estas palavras, Jesus falava dos tribunais da lei e da justiça humanas. Só quando compreendi o verdadeiro significado das palavras "Não resistam ao mal" é que surgiu a questão do conselho de Jesus em relação aos tribunais. Quando compreendi que

Jesus queria denunciá-los, perguntei a mim mesmo se este não seria o real significado: não apenas não julgar o próximo, não falar mal dele, mas não o julgar nas cortes, não o julgar em quaisquer dos tribunais que você instituiu. Ora, em Lucas (6:37,49) essas palavras se seguem imediatamente à doutrina que nos aconselha a não resistir ao mal e a fazer o bem a nossos inimigos. E, depois do conselho "Sejam misericordiosos, como seu Pai é misericordioso" [Lucas 6:36], Jesus diz: "Não julguem e não serão julgados; não condenem e não serão condenados." "Não julguem", isto não significa não instituir tribunais para o julgamento de seu próximo? Bastou enfrentar corajosamente a questão que meu coração e minha razão se uniram em uma resposta afirmativa.

Para mostrar como eu estava longe da verdadeira interpretação, sou obrigado a confessar uma brincadeira boba da qual ainda me envergonho. Quando eu estava lendo o Novo Testamento como um livro divino, na época em que eu tinha me tornado um adepto da Igreja, ainda tinha o hábito de perguntar a meus amigos juízes ou advogados, "E você, ainda julga, embora tenha sido dito, 'Não julgueis, e não sereis julgados?'". Eu estava tão certo de que essas palavras não poderiam ter outro significado além de uma condenação da maledicência que não compreendia a

horrível blasfêmia que eu assim cometia. Eu estava tão completamente convencido de que essas palavras não significavam o que significavam que as citei em seu sentido verdadeiro na forma de um gracejo.

E agora vou contar em detalhe como foi que toda dúvida em relação ao verdadeiro significado dessas palavras foi apagada de minha mente e como vi que seu sentido é que Jesus denunciou a instituição de todos os tribunais humanos, de qualquer tipo, e que ele queria dizer isso, e não poderia se expressar de outro modo. Quando compreendi o mandamento "Não resistam ao mal" no seu verdadeiro sentido, a primeira coisa que me ocorreu foi que os tribunais, em vez de se conformarem a esta lei, estavam diretamente opostos a ela e, na verdade, à doutrina como um todo; portanto, se Jesus algum dia pensou nos tribunais, foi para condená-los.

Jesus disse: "Não resistam ao mal"; o único objetivo dos tribunais é o de resistir ao mal. Jesus nos aconselhava a retribuir o mal com o bem; os tribunais retribuem o mal com o mal. Jesus disse que não devíamos fazer distinção entre aqueles que fazem o bem e aqueles que fazem o mal; os tribunais fazem exatamente isto. Jesus disse: "Perdoe, perdoe não apenas uma vez, ou sete vezes, mas incondicionalmente; ame seus inimigos, faça o bem a quem odeia você" - mas os tribunais

não perdoam, eles punem; não retribuem o mal com o bem àqueles que consideram inimigos da sociedade. Pode ser, então, que Jesus estivesse denunciando as instituições judiciárias. Talvez - eu disse - Jesus nunca tenha tido nada a ver com tribunais de justiça, de modo que não pensava neles. Mas vi que essa teoria era insustentável. Jesus, da infância até a morte, preocupou-se com os tribunais de Herodes, do Sinédrio e dos sumos sacerdotes. Entendi que Jesus deve ter considerado erradas as cortes de justiça. Ele disse a seus discípulos que eles seriam arrastados perante os juízes e aconselhou-os sobre a maneira de se comportar. Quanto a si mesmo, ele disse que seria condenado por um tribunal

e mostrou qual deveria ser a atitude perante os juízes. Portanto, Jesus deve ter pensado nas instituições judiciárias que o condenaram e que condenaram seus discípulos; que condenaram e continuam condenando milhões de homens.

Jesus viu o erro e o enfrentou. Quando a sentença contra a mulher surpreendida em adultério estava para ser executada, ele negou cabalmente a possibilidade de justiça humana e demonstrou que o homem não poderia ser juiz, pois ele mesmo era culpado. E propôs esta ideia muitas vezes, como ao dizer que aquele com uma trave em seu olho não tem como ver o cisco no olho do outro, ou que um cego não pode conduzir outro cego. Chegou até a chamar a atenção para as consequências dessas ideias equivocadas - o discípulo estaria acima do mestre.

Mas, quem sabe, depois de ter denunciado a incompetência da justiça humana, como mostra o caso da mulher surpreendida em adultério, e como ilustra a parábola do cisco e da trave; quem sabe se, afinal de contas, Jesus não admitiria um apelo à justiça dos homens quando fosse necessário para a proteção contra o mal? Mas logo vi que isso era inadmissível. No Sermão da Montanha, dirigindo-se à multidão, ele diz: "e ao que quiser conduzi-lo perante o juiz para tomar sua túnica, entrega-lhe também o manto" (Mateus 5:40).

Mais uma vez, quiçá Jesus estivesse se referindo apenas ao comportamento pessoal caso um homem fosse levado perante instituições judiciais; talvez ele não tivesse condenado a justiça e admitido a necessidade dela em uma sociedade de indivíduos que julgam os outros segundo determinadas normas. Quando orava, Jesus pedia que todos os homens, sem exceção, perdoassem uns aos outros, para que seus próprios pecados fossem perdoados. Expressa frequentemente esse pensamento. Aquele que traz sua oferenda ao altar com orações, deve antes dar o perdão. Como, então, poderia um homem julgar e condenar quando sua religião lhe ordenava perdoar incondicionalmente todas as



transgressões? Portanto, vejo que, de acordo com a doutrina de Jesus, nenhum cristão poderia pronunciar sentença de condenação.

Mas será que a relação entre as palavras "Não julguem, para que não serem julgados ..." e as passagens precedentes ou subsequentes, poderia nos levar à conclusão de que Jesus ao dizer "Não julguem" não estava fazendo nenhuma referência a instituições judiciais? Não; não poderia ser isso; a partir da relação das frases, está claro, ao contrário, que, ao dizer "Não julguem"; Jesus falava, sim, de instituições judiciais. Segundo Mateus e Lucas, antes de dizer "Não julguem, não condenem"; seu mandamento era de não resistir ao mal. E, antes disso, como nos diz Mateus, ele repetiu a antiga lei criminal dos judeus "Olho por olho, dente por dente": E então, depois desta referência à antiga lei criminal, ele acrescentou: "Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal"; e, logo em seguida, "Não julguem". Portanto, Jesus se referia diretamente às leis criminais humanas e as reprovou com as palavras "Não julguem": Além disso, segundo Lucas, além de dizer "Não julguem"; disse também "Não condenem": Não foi por acaso que ele acrescentou esta palavra quase sinônima; ela mostra claramente o significado que deveria ser atribuído à outra. Se ele tivesse desejado dizer "Não julguem o próximo", ele teria dito "próximo"; mas ele acrescentou as palavras que são traduzi das como "Não condenem" e depois completou a sentença "E não serão condenados; perdoem, que serão perdoados": Mas alguns ainda insistem em afirmar que Jesus, ao se expressar dessa maneira, não se referia aos tribunais, e que eu projetei meus próprios pensamentos em suas palavras. Que os próprios apóstolos nos digam o que pensavam dos tribunais de justiça, e se eles os reconheciam e aprovavam. O apóstolo Tiago diz (4:11,12):

Irmãos, não falem mal uns dos outros. Quem fala mal de seu irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; ora, se você julga a lei, não é um observador da lei, mas um juiz. Há um só legislador e juiz, aquele que pode salvar e destruir; e você, quem é, para julgar o próximo?

A palavra traduzida como "falar mal" é o verbo καταλαλέω, que significa "falar contra, acusar"; este é o verdadeiro significado, como qualquer um pode descobrir abrindo um dicionário. Na tradução lemos "Quem fala mal de seu irmão,[ ... ] fala mal da lei". Por que isso? - é a pergunta que surge involuntariamente. Posso falar mal de meu irmão sem com isso falar mal da lei. Mas, se *acuso* meu irmão, se o levo à justiça, é claro que com isso acuso a lei de Jesus de insuficiência: acuso e

julgo a lei. É claro, então, que não pratico a lei, mas me faço um juiz da lei. "Não julgar, mas salvar" é a declaração de Jesus. Como então eu, que não posso salvar, poderia me tornar um juiz e punir? A passagem inteira se refere à justiça humana e nega sua autoridade. A epístola inteira está impregnada pela mesma ideia. No segundo capítulo lemos: "Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que julgou sem misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo".<sup>3</sup> (Tiago 2: 13) (Esta última frase foi traduzida de modo a dar a entender que o julgamento é compatível com o cristianismo, mas que deve ser misericordioso).

Tiago aconselha seus irmãos a não discriminar as pessoas. Se você discriminar a condição das pessoas, comete um pecado; é, como os juizes dos tribunais, indigno de confiança. Você olha o mendigo como refugio da sociedade, enquanto o homem rico é que deveria ser olhado assim. É o rico que oprime você e o arrasta aos tribunais. Se você vive de acordo com a lei do amor a seu próximo, de acordo com a lei da misericórdia (que Tiago chama de "a lei da liberdade" para distingui-la de todas as outras), se você vive de acordo com essa lei, muito bem. Mas, se você discriminar as pessoas, transgredir a lei da misericórdia. Então (sem dúvida pensando

### 3 Tradução do Conde Tolstói.

no caso da mulher adúltera que, quando foi trazida perante Jesus, estava prestes a ser morta de acordo com a lei), sem dúvida pensando neste caso, Tiago diz que aquele que inflige morte à mulher adúltera torna-se ele mesmo culpado de assassinato e, com isso, transgredir a lei eterna; pois a mesma lei proíbe tanto o adultério como o assassinato.

Falem e procedam como aqueles que vão ser julgados pela lei da liberdade. Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que julgou sem misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo (Tiago 2:12,13).

Será que essa ideia poderia ser expressa em termos mais claros e precisos? É proibida a discriminação de pessoas, assim como qualquer julgamento que classifique pessoas como boas ou más; o julgamento humano é considerado inevitavelmente defeituoso, e esse julgamento é denunciado como criminoso quando condena por crime; o julgamento é anulado pela lei eterna, a lei da misericórdia.

Abro as epístolas de Paulo, que foi vítima de tribunais e, na carta aos Romanos I, leio as censuras do apóstolo aos vícios e erros daqueles

a quem suas palavras são dirigidas; entre outras coisas, ele fala dos tribunais de justiça:

Embora conheçam o veredito de Deus (que declara dignos de morte os que cometem tais atos), não só os cometem, como também aprovam quem os comete (Rom. 1:32).

Ó homem, quem quer que seja você, você, que julga, não tem desculpa; pois, julgando os outros, é a si mesmo que condena, já que faz as mesmas coisas, você que julga (Rom. 2:1).

Ou será que você despreza as riquezas de sua bondade, de sua paciência, de sua generosidade, não entendendo que a benevolência de Deus é um convite insistente para você se converter? (Rom.2:4).

Essa era a opinião dos apóstolos em relação aos tribunais, e sabemos que a justiça humana estava entre as provocações e horrores que eles sofreram com firmeza e resignação à vontade de Deus. Quando pensamos na situação dos primeiros cristãos, cercados por pessoas que não acreditavam nas mesmas coisas que eles, compreendemos a futilidade de negar aos tribunais o direito de julgar cristãos perseguidos. Às vezes, os apóstolos falavam que os tribunais eram revoltantes e negavam a autoridade deles em toda ocasião.

Examinei os ensinamentos dos primeiros patriarcas da Igreja e descobri que eles concordavam em não obrigar ninguém a julgar ou a condenar e recomendavam a todos, com insistência, a suportar as penas da justiça. Os mártires, por seus atos, declaravam a mesma coisa. Vi que o cristianismo anterior a Constantino considerava os tribunais apenas um mal necessário; mas nunca poderia ter ocorrido a qualquer cristão primitivo tomar parte nos procedimentos dos tribunais de justiça. Portanto, é claro que as palavras de Jesus "Não julguem, não condenem" eram compreendidas por seus primeiros discípulos da mesma forma que devem ser compreendidas agora, em seu sentido direto e literal: não julgar em tribunais de justiça; não participar deles.

Tudo isso parecia confirmar da maneira mais cabal a minha convicção de que as palavras "Não julguem, não condenem" referiam-se à justiça dos tribunais. Mas a tradução por "Não fale mal de seu próximo" está tão arraigada, e os tribunais de justiça pronunciam suas sentenças com tanta segurança e audácia em todas as sociedades cristãs, e inclusive com o apoio da Igreja, que por muito tempo duvidei do acerto de minha interpretação. Se os homens compreenderam as palavras de

Jesus dessa maneira - pensava eu - e instituíram tribunais cristãos, certamente devem ter tido algum motivo para isso; deve haver um bom motivo para considerar essas palavras uma condenação à maledicência

e certamente há alguma base para a instituição de tribunais cristãos; talvez, afinal de contas, eu esteja errado.

Passei aos comentários da Igreja. Em todos, a partir do século V, encontrei invariavelmente a interpretação "Não acuse seu próximo", ou seja, evite maledicência. Como as palavras vieram a ser compreendidas exclusivamente neste sentido, surgiu uma dificuldade - como abster-me de julgamento? Sendo impossível não condenar o mal, todos os comentaristas discutiram a questão - o que é condenável e o que não é? Alguns como João Crisóstomo e Teofilato, na sua condição de servos da Igreja, dizem que a frase não poderia ser entendida como uma proibição de censura, pois os próprios apóstolos também censuravam. Outros disseram que não havia dúvida de que Jesus se referia aos judeus, que acusavam o próximo de deficiências e eram eles mesmos culpados de grandes pecados.

Em lugar algum uma única palavra que seja sobre as instituições humanas, sobre tribunais, para mostrar como o conselho "Não julguem" os afetava. Afinal de contas, Jesus aprovava ou não os tribunais de justiça? Não achei resposta para esta pergunta muito natural - como se fosse evidente que, a partir do momento em que um cristão tomasse assento no banco do juiz, ele não só poderia julgar seu próximo, mas também condená-lo à morte.

Voltei-me para outros escritores, gregos, católicos, protestantes, para a escola de Tübingen, para a escola histórica. Em todos os lugares, as palavras em questão eram interpretadas como uma proibição contra a maledicência, mesmo pelos comentaristas mais liberais.

Mas por que, contrariamente ao espírito de toda a doutrina de Jesus, são essas palavras interpretadas de um modo tão estreito, a ponto de excluir os tribunais de justiça da proibição "Não julguem"? Por que a suposição de que Jesus, ao proibir a ofensa comparativamente leve de falar mal do próximo, não proibiu, nem mesmo considerou, o

julgamento mais deliberado que resulta em punição infligida aos condenados? Não obtive resposta a nada disso; nem mesmo uma alusão à possibilidade mínima de que a palavra "julgar" pudesse ser usada para se referir a um tribunal de justiça, aos tribunais cujas punições tantos milhões têm sofrido.

Além disso, quando as palavras "Não julguem, não condenem" estão em pauta, a crueldade de julgar em cortes de justiça é ignorada, ou elogiada. Todos os comentaristas declaram que os tribunais são necessários em sociedades cristãs e de nenhum modo contrariam a lei de Jesus. Percebendo isso, comecei a duvidar da sinceridade de todos os comentaristas; e fiz o que devia ter feito em primeiro lugar: voltei às traduções textuais das palavras que traduzimos como "julgar" e "condenar". No original estas palavras são κρίνω e καταδικάζω. A tradução defeituosa de καταλαλέω em Tiago, que é "falar mal", reforçou minhas dúvidas sobre a tradução correta dos outros. Quando cotejei diferentes versões dos Evangelhos, achei καταδικάζω traduzido na Vulgata como "*condemnare*", "condenar"; no texto eslavo, a tradução é equivalente ao da Vulgata; Lutero tem "verdammen", "falar mal de". Essas traduções divergentes alimentaram minhas dúvidas e fui obrigado a procurar novamente o significado de κρίνω, como usado pelos dois evangelistas, e de καταδικάζω, como usado por Lucas que, dizem os eruditos, escrevia corretamente em grego.

Como seriam traduzidas essas palavras por um homem que nada conhecesse do credo evangélico e que tivesse à sua frente apenas as frases nas quais elas são usadas?

Consultando o dicionário, achei que a palavra κρίνω tinha vários significados diferentes e, entre os mais usados, estava "condenar em uma corte de justiça" e mesmo "condenar à morte", mas em nenhum caso ela significava "falar mal". Consultei um dicionário de grego do Novo Testamento e descobri que ela era usada no sentido de "condenar

em uma corte de justiça", algumas vezes no sentido de "escolher", nunca com o sentido de "falar mal". Daqui inferi que a palavra κρίνω poderia ser traduzida de diferentes maneiras, mas que a tradução "falar mal" era a mais forçada e artificial.

Procurei pela palavra καταδικάζω, que se segue a κρίνω, evidentemente para definir melhor o sentido no qual a última deve ser compreendida. Procurei por καταδικάζω no dicionário e descobri que ela tinha o mesmo significado que "condenar em julgamento" ou "julgar com possibilidade de condenação à morte". Descobri que a palavra foi usada quatro vezes no Novo Testamento, e todas as vezes no sentido de "condenar em julgamento, considerar merecedor de morte". Em Tiago (v. 6) lemos: "Tendes condenado e matado o justo [ ... ]". A palavra traduzida como "condenado" é esta mesma καταδικάζω e é usada em referência a Jesus, que foi condenado à morte por uma corte de

justiça. A palavra nunca é usada em outro sentido, no Novo Testamento ou em qualquer outro escrito em língua grega.

O que, então, dizer de tudo isso? É absurda a minha conclusão?

Não é a conclusão a que chegam todos os que veem o destino da humanidade cheio de horror pelos sofrimentos a ela infligidos pela aplicação de códigos penais - um flagelo tanto para aqueles que condenam quanto para os condenados - desde os massacres de Gêngis Khan aos da Revolução Francesa e às execuções de nossos próprios tempos? Na verdade, seria desnaturado alguém que não sentisse horror e repulsa, não só ao ver seres humanos serem tratados dessa maneira por seus semelhantes, mas à simples narração das mortes infligi das pelo *knot*, pela guilhotina ou pela força?

O Evangelho, do qual cada palavra é sagrada, declara distintamente e sem equívoco: "Você tem uma velha lei penal", "Olho por olho, dente por dente; mas uma nova lei lhe é dada: resistir ao mal. Obedeça a esta lei; não retribua o mal com o mal; faça o bem a todos,

perdoe a todos, em todas as circunstâncias". Depois vem a proibição "Não julguem" e, para que estas palavras não fossem mal compreendidas, Jesus acrescentou: "Não condenem; não condenem em tribunais de justiça os crimes de outros".

"Chega de pena de morte", disse uma voz interior, "chega de pena de morte", disse a voz da ciência; "o mal não pode suprimir o mal". A palavra de Deus, na qual acredito, disse-me a mesma coisa. E, ao ler a doutrina, ao chegar às palavras "Não condenem e não serão condenados; perdoem e serão perdoados", poderia eu entender que elas significavam simplesmente que eu não devia fazer mexericos e maledicências e que deveria continuar considerando os tribunais uma instituição cristã, e a mim mesmo como um juiz cristão? Fiquei horrorizado com a grosseria do erro em que tinha caído.

## Capítulo IV

Agora compreendo as palavras de Jesus: "Vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal". O significado dessas palavras de Jesus é: "Vocês pensam estar agindo de maneira razoável ao se defenderem do mal usando de violência, vazando um olho por outro olho, lutando contra o mal com tribunais criminais, com guardiões da paz, com exércitos; mas eu lhes digo: renunciem à violência; nada tenham a ver com a violência; não prejudiquem ninguém, nem mesmo seus inimigos". Compreendi então que, ao dizer "Não resistam ao mal", além de nos dizer o que resultaria da observância desta regra, Jesus estabeleceu uma nova base para a sociedade, de acordo com sua doutrina e oposta à base social estabelecida pela lei de Moisés, pela lei romana e pelos diferentes códigos de nossos dias. Ele formulou uma nova lei, cujo efeito seria livrar a humanidade de sofrimentos autoinfligidos. Sua declaração foi: "Vocês acreditam que suas leis reformam os cri-

minosos; na verdade, elas só produzem mais criminosos. Só existe um modo de suprimir o mal, e é retribuir o mal com o bem, sem discriminar as pessoas. Vocês tentam o outro método há milhares de anos; agora tentem o meu, tentem o contrário".

É estranho dizer que, nos últimos tempos, andei conversando com diferentes pessoas sobre este mandamento de Jesus "Não resistam ao mal" e raramente achei alguém que concordasse com minha opinião! Duas classes de homens nunca admitiriam, nem mesmo

obrigados pela lógica, a interpretação literal desta lei. Esses homens estão nos polos extremos da escala social: os patriotas cristãos conservadores, que defendem a infalibilidade da Igreja, e os revolucionários ateus. Nenhuma destas duas classes está disposta a renunciar ao direito de resistir pela violência ao que consideram um mal. E os mais sábios e mais inteligentes entre eles não querem reconhecer a verdade simples e evidente de que, se admitirem o direito de qualquer homem resistir pela violência ao que ele considera um mal, todo outro homem tem igualmente o direito de resistir pela violência ao que ele considera o mal.

Não faz muito tempo, tive em minhas mãos uma interessante correspondência entre um eslavo ortodoxo e um revolucionário cristão. Um advogava a violência por ser partidário de uma guerra para a libertação dos irmãos eslavos em estado de servidão; o outro, partidário da revolução, advogava a violência em nome de nossos irmãos do campesinato russo oprimido. Ambos invocavam a violência e ambos se baseavam na doutrina de Jesus. A doutrina de Jesus é compreendida de centenas de maneiras diferentes; mas nunca, infelizmente, da maneira simples e direta que se harmoniza com o significado inevitável de suas palavras.

Todo o nosso tecido social tem como base os princípios que Jesus reprovava; não queremos entender sua doutrina em sua aceção simples e direta e, apesar disso, asseguramos a nós mesmos e aos outros que seguimos sua doutrina, ou que sua doutrina não é aplicável a nós. Os adeptos afirmam que Deus, sob a forma da segunda pessoa da Trindade, desceu à Terra para ensinar, pelo exemplo, os homens a viver; eles passam pelas cerimônias mais elaboradas para receber os sacramentos, para construir templos, para enviar missionários, para instituir cleros, para a administração paroquial, para a realização de rituais; mas eles se esqueceram de um pequeno detalhe: a prática dos mandamentos de Jesus. E quem não é cristão tenta - de



todas as formas possíveis e imagináveis - organizar sua existência independentemente da doutrina de Jesus, depois de concluir *a priori* que essa doutrina não tem qualquer importância. No entanto, tentar pôr seus ensinamentos em prática, eis aí algo que todos se recusam a fazer; pior ainda: tanto os cristãos quanto os outros concluem *a priori* que é impossível praticar essa doutrina.

Jesus disse, simples e claramente, que a lei de resistência ao mal pela violência, que se transformou na base da sociedade, é falsa e contrária à natureza humana; e propôs outra base, a de não resistir ao mal, uma lei que, de acordo com sua doutrina, resgataria o homem do erro. "Vocês acreditam" (ele diz em essência) "que suas leis, que utilizam a violência, corrigem o mal; de modo nenhum; elas só o fazem aumentar. Vocês tentam destruir o mal pelo mal há milhares de anos e não o destruíram; só o fizeram aumentar. Façam o que lhes digo, sigam o meu exemplo; só assim saberão que minha doutrina é verdadeira". Não só em palavras, mas por seus atos, por sua morte, Jesus pregou sua doutrina, "Não resistam ao mal":

Os cristãos ouvem tudo isso. Ouvem tudo isso em suas igrejas, persuadidos de que as palavras são divinas; adoram Jesus como Deus e dizem até mesmo que "tudo isso é admirável, mas impossível; do modo como a sociedade está estruturada agora, isso desorganizaria toda a nossa vida e seríamos obrigados a desistir de costumes que nos são muito tão caros. Nós acreditamos em tudo isso, mas apenas em um sentido: que esse princípio é o ideal que a humanidade deve procurar alcançar; o ideal que deve ser atingido por meio da oração e pela crença nos sacramentos, na redenção e na ressurreição dos mortos".

Os outros, os que não são cristãos, os livre-pensadores que comentam a doutrina de Jesus, os historiadores de religiões, os Strauss, os Renans, completamente imbuídos dos ensinamentos da Igreja, que declaram ser difícil harmonizar a doutrina de Jesus com nossas concepções de

vida, dizem muito seriamente que a doutrina de Jesus é a doutrina de um visionário, o consolo de mentes fracas; que estava muito certo ela ser pregada nas cabanas dos pescadores da Galileia; mas que, para nós, é apenas o doce sonho de alguém que Renan chama de "doutor sedutor":

Na opinião deles, Jesus não poderia subir às alturas da sabedoria e da cultura atingidas por nossa civilização. Se ele tivesse estado no mesmo nível intelectual de seus críticos modernos, nunca teria profe-

rido seus absurdos encantadores sobre os pássaros do céu, sobre virar a outra face, sobre não pensar no amanhã. Esses críticos históricos julgam o valor do cristianismo pelo entendimento que têm dele tal como existe hoje. O cristianismo de nossa era e civilização aprova a sociedade como ela é agora, com suas prisões, seus bordéis, seus parlamentos; mas, quanto à doutrina de Jesus, que se opõe à sociedade moderna, trata-se apenas de palavras vazias. Os críticos históricos veem isso e, ao contrário dos que se consideram cristãos, submetem a doutrina a uma análise cuidadosa, uma vez que não têm motivos para encobri-la; eles a refutam sistematicamente e provam que o cristianismo não passa de um monte de ideias quiméricas.

Antes de tirar conclusões sobre a doutrina de Jesus, talvez fosse necessário saber em que ela consiste; e, para concluir se sua doutrina é razoável ou não, talvez fosse bom saber primeiro o que foi dito exatamente. E é justamente isso o que não fazemos, é exatamente isso o que os comentaristas da Igreja não fazem, o que os livre-pensadores não fazem - e sabemos muito bem o porquê. Sabemos muito bem que a doutrina de Jesus é dirigida para os erros humanos, e denuncia todos eles, denuncia todos os ídolos vazios que tentamos retirar da categoria dos erros, dando-lhes o nome de "Igreja", "Estado", "Cultura", "Ciência", "Arte", "Civilização". Mas Jesus falou precisamente destes, destes e de todos os outros ídolos. Não apenas Jesus, mas todos os profetas hebreus, João Batista, todos os verdadeiros sábios do mundo

denunciaram a Igreja, o Estado, a cultura e a civilização de seus tempos como fontes da perdição humana.

Imagine um arquiteto que diz ao dono de uma casa: "Sua casa não serve para nada; você tem de reconstruí-la" e passa a descrever a maneira pela qual os pilares devem ser cortados e instalados. O proprietário faz-se de surdo quanto às palavras "Sua casa não serve para nada", mas ouve com um respeito devoto quando o arquiteto começa a discutir a organização dos cômodos. É claro que, neste caso, todos os outros conselhos do arquiteto vão parecer impraticáveis; proprietários menos respeitosos os considerariam absurdos. Mas é exatamente desta maneira que tratamos a doutrina de Jesus. Dou este exemplo por falta de outro melhor. Lembro-me agora de que Jesus, ao ensinar sua doutrina, usou a mesma comparação. "Destrua este templo", ele disse: "e em três dias eu o reconstruirei". Foi por isso que o puseram na cruz e é por isso que agora crucificam sua doutrina.

O mínimo que se exige daqueles que julgam qualquer doutrina é

que a julguem com a mesma compreensão que aquela com a qual foi apresentada. Jesus compreendia sua doutrina não como um ideal vago e distante, impossível de ser atingido, não como um monte de sonhos fantasiosos e poéticos para encantar os habitantes simplórios das praias da Galileia; para ele, sua doutrina era uma doutrina de ação, de atos que deveriam se tornar a salvação da humanidade. Isto ele mostrou pela sua maneira de aplicar essa doutrina. O crucificado que gritou em sua agonia e morreu por sua doutrina não era um sonhador, era um homem de ação. Não são sonhadores os que morreram e ainda morrem por sua doutrina. Não, aquela doutrina não é uma quimera. Toda doutrina que revela a verdade é quimérica para o cego. Podemos dizer, como muitas pessoas dizem (eu estava entre elas), que a doutrina de Jesus é quimérica porque é contrária à natureza humana. É contra a natureza, dizemos, virar a outra face quando somos esbofeteados, dar tudo que

possuímos, trabalhar não para nós mesmos, e sim para os outros. É natural, dizemos, que um homem defenda sua pessoa, sua família, sua propriedade; ou seja, é da natureza do homem lutar pela existência. Uma pessoa culta provou cientificamente que o mais sagrado dever do homem é defender seus direitos, ou seja, lutar.

Mas, assim que abandonamos a ideia de que a organização estabelecida hoje pelo homem é a melhor, que é sagrada, no exato momento em que fazemos isto, a objeção de que a doutrina de Jesus é contrária à natureza humana se volta imediatamente contra aquele que a faz. Ninguém vai negar que não só matar ou torturar um homem, mas torturar um cão, matar um pássaro ou um bezerro, é infligir sofrimento reprovado pela natureza humana (conheço fazendeiros que deixaram de comer carne só porque era tarefa sua matar animais). Mesmo assim, nossa existência é organizada de tal modo que todo prazer pessoal é comprado ao preço de sofrimento humano contrário à natureza humana.

Basta examinar de perto o complicado mecanismo de nossas instituições - que são baseadas na coerção - para perceber que a coerção e a violência são contrárias à natureza humana. O juiz que condenou de acordo com o código não vai enforcar o criminoso com suas próprias mãos; nenhum funcionário arrancaria um aldeão de sua família em prantos para jogá-lo na prisão; o general ou o soldado, a menos que esteja endurecido pela disciplina e pelo serviço, não assassinaria uma centena de turcos ou alemães, nem destruiria uma aldeia; se pudesse, não mataria um único homem. Mas todas essas coisas são feitas graças à maquinaria administrativa que divide a responsabilidade por crimes de modo tal que ninguém sente que eles são contrários à natureza.

Alguns definem as leis, outros as executam; alguns treinam outros homens, pela disciplina, à obediência automática; e estes últimos, por sua vez, tornam-se instrumentos de coerção, e trucidam seus semelhantes sem saberem por quê, ou com que objetivo. Mas, se um homem se

desembaraçar por um momento que seja dessa rede complexa, ele vai ver imediatamente que a coerção é contrária à sua natureza. Vamos parar de dizer que a violência organizada, da qual fazemos uso de acordo com nossos interesses, é uma lei divina, imutável; e todos devemos ter clareza sobre aquilo que tem mais harmonia com a natureza humana, se é a doutrina da violência ou a doutrina de Jesus. Qual é a lei da natureza? É saber que a minha segurança e a segurança da minha família, que todos os meus prazeres e diversões são comprados ao preço da miséria, da privação e do sofrimento de milhares de seres humanos pelo terror provocado pelas galés? Pela desgraça de milhares que definham entre os muros das prisões? Pelo medo inspirado por milhões de soldados e guardiães da civilização, arrancados de seus lares e estupidificados pela disciplina para proteger nossos prazeres com revólveres carregados contra uma possível interferência dos famintos? Será que é comprar cada pedaço de pão que ponho na minha boca e na boca dos meus filhos com as incontáveis privações que são necessárias para eu ter abundância? Ou será que o certo é dizer que todo pedaço de pão só me pertence quando sei que todos têm a sua parte e que ninguém está morrendo de fome enquanto tenho o que comer?

Basta compreender que, graças à nossa organização social, todos os nossos prazeres, todos os minutos de nossa famosa tranquilidade, são obtidos por meio dos sofrimentos e privações de milhares de nossos semelhantes; basta compreender isso para saber o que está ou não em conformidade com a natureza humana; não só com nossa natureza animal, mas com a natureza animal e espiritual que constitui o homem. Quando entendemos a doutrina de Jesus em toda a sua plenitude, com todas as suas consequências, ficamos convencidos de que sua doutrina não é contrária à natureza humana, e sim que o seu único objetivo é suplantar a lei quimérica do combate ao mal

pela violência, esta sim contrária à natureza humana e produtora de muitos males.

Vocês acham que a doutrina de Jesus de "não resistir ao mal" não tem sentido? O que pensar, então, da vida daqueles que não estão cheios

de amor e compaixão por seus semelhantes, daqueles que estão prontos a punir seus semelhantes na fogueira, ou com o chicote, a roda, o ecúleo, com algemas, trabalhos forçados, a força, masmorras e prisões para mulheres e crianças, com as hecatombes da guerra, ou com revoluções periódicas - o que pensar então daqueles que executam esses horrores? Daqueles que se beneficiam com essas calamidades ou se preparam para fazer represálias - não são essas as vidas sem sentido?

Só é preciso entender a doutrina de Jesus para nos convenceremos de que a existência - não a existência razoável que dá felicidade aos seres humanos, mas a existência que os homens organizaram a expensas de si mesmos - para entender que essa existência é vazia, é vaidade, a mais selvagem e horrível das vaidades, um verdadeiro delírio de loucura à qual, assim que nos recuperarmos dela, não voltaremos mais.

Deus desceu à Terra, encarnou-se para redimir o pecado de Adão (é o que nos ensinam e dizem que devemos acreditar), disse muitas coisas misteriosas e místicas que são difíceis de entender, que não é possível entender exceto com o auxílio da fé e da graça - e, de repente, as palavras de Deus são consideradas simples, claras, razoáveis! Deus disse: "Não façam o mal; se não o fizerem, ele deixa de existir": Será que a revelação de Deus era de fato tão simples? Só isso? Dá a impressão de que todos poderiam compreendê-la, é tão simples!

O profeta Elias, que evitava os homens, refugiou-se em uma caverna, e disseram-lhe que Deus lhe apareceria. E um vento muito forte começou a soprar, um vento que devastou a floresta; Elias pensou que o Senhor tinha vindo, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento vieram os trovões e os relâmpagos, mas Deus não estava neles. Depois

houve um terremoto: a terra deu vazão à sua fúria (minerais e rochas foram abalados, as montanhas tremeram nas suas bases; Elias procurou o Senhor, mas o Senhor não estava no terremoto. E depois, na calma que se seguiu, uma brisa suave chegou até o profeta, trazendo o frescor dos campos; e Elias soube que o Senhor estava ali. Esta é uma ilustração maravilhosa das palavras "Não resistam ao mal"

São muito simples, essas palavras; apesar disso, são a expressão de uma lei divina e humana. Se houve algum dia na história um movimento progressista pela supressão do mal, ele se deve aos homens que compreenderam a doutrina de Jesus que sofreu com o mal, e não resistiu ao mal com violência. O avanço da humanidade rumo à justiça não se deve aos tiranos, e sim aos mártires. Assim como o fogo não consegue extinguir o fogo, o mal não consegue suprimir o mal. Só Deus, sofrendo

com o mal e resistindo a seu contágio, consegue vencer o mal. E, no mundo interior da alma humana, essa lei é tão absoluta quanto a própria lei de Galileu; não, mais absoluta, mais clara, mais ainda: imutável. Os homens podem lhe virar as costas, podem esconder sua verdade dos outros; mas o progresso da humanidade rumo à justiça só pode acontecer dessa maneira. Todo passo tem de ser guiado pelo mandamento "Não resistir ao mal". Um discípulo de Jesus pode dizer não com uma segurança ainda maior que a de Galileu, apesar de todos os infortúnios e ameaças. "E, apesar disso, não é a violência, e sim o bem, que vence o mal". Se o progresso é lento, é porque a doutrina de Jesus (que, graças à sua clareza, simplicidade e sabedoria, toca tão inevitavelmente a natureza humana), é porque a doutrina de Jesus tem sido matreiramente escondida da maioria dos seres humanos com o nome de uma doutrina oposta, que carrega ilegitimamente o seu nome.

## Capítulo V

Foi revelado a mim o verdadeiro significado da doutrina de Jesus; e tudo confirmou sua veracidade. Mas levei muito tempo para me acostumar ao fato estranho de que, depois dos dezoito séculos durante os quais a lei de Jesus foi professada por milhões de seres humanos, depois dos dezoito séculos durante os quais milhares de homens consagraram a vida ao estudo dessa lei, eu a descobri novamente por mim mesmo. Mas, por estranho que pareça, foi assim: a lei de Jesus - "Não resistam ao mal" - era totalmente nova para mim, algo sobre a qual nunca tinha pensado antes. Perguntei a mim mesmo como uma coisa dessas pode ter acontecido; certamente devo ter tido uma ideia falsa da doutrina de Jesus para chegar a uma interpretação tão equivocada da mesma. E é absolutamente inquestionável que eu tinha uma ideia falsa a respeito dela. Quando comecei a ler o Evangelho, não estava na mesma situação de alguém que, nada tendo ouvido da doutrina de Jesus, toma conhecimento dela pela primeira

vez; eu, ao contrário, tinha uma teoria preconcebida sobre a maneira de interpretá-la. Jesus não me atraía como um profeta que estava revelando a lei divina, e sim como alguém que dava continuidade e amplificava a lei divina que eu já conhecia; pois eu tinha noções muito definidas e complexas sobre Deus, o criador do mundo e do homem, e sobre os mandamentos de Deus dados aos homens através de Moisés.

Quando cheguei às palavras: "Vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal". As palavras: "Olho por olho, dente por dente" expressavam a lei dada por

Deus a Moisés; as palavras "Eu, porém, lhes digo: não resistam ao mal": expressavam a nova lei, que era uma negação da primeira. Se eu tivesse interpretado as palavras de Jesus com simplicidade, em seu verdadeiro sentido, e não como parte da teoria teológica que assimilei junto com o leite da minha mãe, teria compreendido imediatamente que Jesus anulava a velha lei e a substituí-a por uma nova. Mas inculcaram em mim a ideia de que Jesus não anulou a lei de Moisés; que, ao contrário, ele a confirmou nos mínimos detalhes e que a deixou mais completa. Os versículos 17-20 do quinto capítulo de Mateus sempre me impressionavam quando eu lia o Evangelho, por sua obscuridade, e foram eles que me fizeram mergulhar na dúvida. Eu conheci". o Velho Testamento muito bem e, em particular, os últimos livros de Moisés; e me recordo de certas passagens onde doutrinas detalhadas, frequentemente absurdas e mesmo cruéis em sua intenção, são precedidas pelas palavras, "E o Senhor disse a Moisés"; eu achava muito estranho que Jesus confirmasse todas essas regras; eu não conseguia entender por que fez isso. Mas deixei o problema sem solução e aceitei inocentemente as explicações que me foram inculcadas

na infância - que as duas leis eram igualmente inspiradas pelo Espírito Santo, que elas estavam em acordo perfeito uma com a outra e que Jesus confirmou a lei de Moisés, mesmo que a tenha completado e amplificado. Não me preocupei em raciocinar sobre o processo dessa amplificação, não me preocupei com a resolução das contradições evidentes ao longo de todo o Evangelho, nos versículos 17-20 do quinto capítulo, nem nas palavras "Eu, porém, lhes digo":

Agora que compreendi o significado claro e simples da doutrina de Jesus, vejo com a maior nitidez que as duas leis são diretamente opostas uma à outra, que elas nunca poderiam ser harmonizadas; que, em vez de suplementar uma com a outra, é inevitável termos de escolher uma das duas; e que a explicação recebida dos versículos 17-20 de Mateus, que me impressionaram por sua obscuridade, devia estar errada.

Agora, quando releio os versículos cuja obscuridade antes me tinha chamado a atenção, fico espantado pelo significado claro e simples que subitamente se revelou a mim. Esse significado não me foi revelado por nenhum tipo de combinação ou transposição, mas somente pelo repúdio às explicações fictícias com as quais as palavras foram atravancadas. Segundo Mateus, Jesus disse (v. 17-18):

Não pensem que vim destruir a lei ou os profetas (a doutrina dos profetas): não vim revogar, mas cumprir. Porque, em verdade lhes digo: até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til será omitido da lei sem que tudo tenha se cumprido.

E, no versículo 20, ele acrescentou o seguinte:

Pois eu lhes digo que, se a sua justiça não for superior à dos escribas e fariseus, vocês de modo algum entrarão no reino dos céus.

Não vim (disse Jesus) destruir a lei eterna sobre cuja obediência falam seus livros de profecias. Vim pregar a obediência à lei eterna; não à lei que seus escribas e fariseus chamam de lei divina, mas à lei eterna que é mais imutável do que a Terra e os Céus.

Expressei a ideia em outras palavras a fim de afastar os pensamentos de meus leitores da tradicional interpretação falsa. Se essa interpretação falsa nunca tivesse existido, a ideia expressa nos versículos não poderia ser traduzida de maneira melhor, nem mais clara.

A visão de que Jesus não revogou a velha lei surge da conclusão



arbitrária de que, nesta passagem, "lei" significa a lei escrita, em vez da lei eterna, e a referência ao jota, e ao til, talvez sirva de base para essa interpretação. Mas, se Jesus estivesse falando da lei escrita, teria usado a expressão "a lei e os profetas", que sempre empregava ao falar

da lei escrita aqui, entretanto, ele usa uma expressão diferente – “ a lei ou os profetas”. Se Jesus tivesse querido dizer a lei escrita, teria usado a expressão “a lei e os profetas" nos versículos que se seguem e dão continuidade à sua linha de raciocínio; mas diz apenas “a lei”. Além do

mais, em Lucas, Jesus fez uso da mesma fraseologia e o contexto torna o significado inevitável. Segundo Lucas, Jesus disse aos fariseus, que assumiam a Justiça de sua lei escrita:

E ele lhes disse: Vocês são aqueles que se justificam diante dos homens, mas Deus conhece os seus corações; porque aquilo que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação. A lei e os profetas vigoraram até João; desde então, prega-se o evangelho do reino de Deus, e todo homem faz de tudo para entrar nele. No entanto, é mais fácil passarem o céu e a terra do que cair um til da lei (Lucas 16: 15-17).

Nas palavras "A lei e os profetas vigoraram até João", Jesus revogava a lei escrita: nas palavras “No entanto é mais fácil passarem o céu e a terra do que cair um til da lei”, Jesus confirmava a lei eterna. Na primeira passagem citada, ele disse: “A lei e os profetas" ou seja, a lei escrita; na segunda, disse “a lei” simplesmente; portanto, a lei eterna. Fica claro então que a lei eterna é oposta à lei escrita<sup>4</sup>, exatamente como no contexto de Mateus onde a lei eterna é definida pela frase "a lei ou os profetas".

A história dos comentários sobre a passagem em questão coincide com aquela das variantes. O único significado, e o único significado claro, e aquele autorizado por Lucas: de que Jesus falava da lei eterna.

Mas, entre os copistas do Evangelho, havia aqueles que desejavam que a

4

Mais do que isso: como para tirar toda dúvida sobre a lei à qual se referia, Jesus cita imediatamente, em conexão com esta passagem, o exemplo mais decisivo da negação da lei de Moisés pela lei eterna, a lei da qual nem um til cairá: “ Todo aquele que repudia sua mulher e se casa com outra, comete adultério”. (Lucas 16:18). Ou seja, *segundo a lei escrita, o divórcio é permitido, segundo a lei eterna, é proibido.*

lei escrita de Moisés continuasse sendo considerada obrigatória. E, por isso, acrescentaram às palavras "a lei" a frase "e os profetas", mudando com isso a interpretação do texto.

Outros cristãos, não reconhecendo no mesmo grau a autoridade dos livros de Moisés, suprimiram a frase acrescentada e substituíram a partícula *καί* "e", por *ή* "ou"; e foi com esta substituição que a passagem foi aceita nos cânones. Todavia, apesar da clareza inequívoca do texto assim escrito, os comentaristas perpetuaram a interpretação permitida pela frase que tinha sido rejeitada nos cânones. Essa passagem gerou inúmeros comentários, que se afastam do verdadeiro significado em proporção direta à falta, por parte dos comentaristas, de fidelidade ao significado simples e óbvio da doutrina de Jesus. A maioria deles defende a interpretação rejeitada pelo texto canônico.

Para ficarmos absolutamente convencidos de que Jesus falava apenas da lei eterna, basta examinar o verdadeiro significado da palavra que deu origem a tantas interpretações equivocadas. A palavra "lei" (em grego *νόμος*, em hebraico *torá*), tem dois significados principais em todas as línguas: um, lei no sentido abstrato, independente de fórmulas; o outro, os estatutos escritos que os homens geralmente reconhecem como lei. No grego das Epístolas de Paulo, a distinção é indicada pelo uso do artigo. Sem o artigo, Paulo usa *νόμος* muito frequentemente no sentido de lei eterna e divina. *Terá* é sempre usado pelos antigos hebreus, como nos livros de Isaías e dos outros profetas, no sentido de revelação eterna, de uma intuição divina. Foi só na época de Esdras, e mais tarde no Talmude, que o termo "Torá" foi usado no mesmo sentido em que usamos a palavra "Bíblia" - com a diferença de que, enquanto temos palavras para distinguir entre a Bíblia e a lei divina, os judeus empregavam a mesma palavra para expressar os dois significados.

Portanto, algumas vezes Jesus fala da lei como lei divina (de Isaías e dos outros profetas), caso em que ele a confirma; e, algumas vezes,

no sentido de lei escrita do Pentateuco, caso em que a rejeita. Para distinguir a diferença, ele sempre, ao falar da lei escrita, acrescenta "e os profetas", ou usa antes a palavra "sua": "sua lei".

Quando ele diz: "Portanto, tudo o que vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês o mesmo a eles; porque esta é a lei e os profetas" (Mateus 7:12), ele está se referindo à lei escrita. Toda a lei escrita, diz ele, pode ser reduzida a esta expressão da lei eterna e, com estas palavras, ele revogava a lei escrita. Quando ele diz: "A lei e os profetas

vigoraram até João" (Lucas 16: 16), fala da lei escrita e a critica. Quando ele diz: "Moisés não lhes deu a lei? Apesar disso, nenhum de vocês a cumpre" (João 7:19), "Ora, na sua lei está escrito[ ... ]" (João 8:17), "Mas isso é para que se cumpra o que está escrito na sua Lei" (João 15:25), ele fala da lei escrita, a lei cuja autoridade ele negava, a lei que o condenou à morte: "Responderam-lhe os judeus: nós temos uma lei e, segundo esta lei, ele deve morrer" (João 19:7). É claro que essa lei judaica, que autorizava a condenação à morte, não era a lei de Jesus. Mas, quando ele diz: "Não vim para destruir a lei, vim para ensinar a vocês o cumprimento da lei; pois nada dessa lei será mudado, mas tudo será cumprido", ele não está falando da lei escrita, e sim da lei divina e eterna.

Digamos que tudo isto seja apenas uma prova formal; digamos que eu tenha combinado cuidadosamente contextos e variantes e tenha excluído tudo que seja contrário à minha teoria; digamos que os comentaristas da Igreja sejam claros e convincentes, e que, na verdade, Jesus não tenha condenado a lei de Moisés, mas que a tenha defendido - bom, nesse caso, então a questão é: quais eram os ensinamentos de Jesus?

De acordo com a Igreja, ele declarou ser a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus, e que veio ao mundo para expiar com sua morte o pecado de Adão. Mas aqueles que leram os Evangelhos sabem que Jesus não ensinava nada disso, ou pelo menos que falou muito vagamente sobre esses tópicos. As passagens em que Jesus afirma ser a segunda pessoa

da Trindade e que ele iria expiar os pecados da humanidade constituem uma parte muito pequena e obscura dos Evangelhos. Em que consiste, afinal, o resto da doutrina de Jesus? É impossível negar, pois todos os cristãos reconhecem o fato, que a doutrina de Jesus pretende, em síntese, regular a vida dos homens, pretende ensiná-los a se portar uns com os outros, a conviver. Mas, para nos darmos conta de que Jesus ensinou aos homens um novo modo de vida, é preciso ter alguma ideia da condição das pessoas a quem ele dirigia seus ensinamentos.

Quando estudamos o desenvolvimento social dos russos, ingleses, chineses, indianos, ou mesmo das raças dos selvagens insulares, descobrimos que todo povo tem, invariavelmente, certas leis ou regras práticas que governam sua existência; portanto, se alguém quisesse introduzir uma nova lei, teria de abolir a antiga ao mesmo tempo; isso seria inevitável em qualquer raça ou nação. As leis que estamos acostumados a considerar quase sagradas seguramente seriam revogadas; conosco talvez acontecesse que um reformador defendesse uma nova lei que iria abolir apenas nossas leis civis, o código oficial, nossos costumes administrativos, sem tocar no que consideramos nossas leis divinas,

embora seja difícil acreditar que isso pudesse realmente acontecer. Mas, no caso do povo judeu, que tinha apenas uma lei, e que a considerava divina - uma lei que impregnava a vida nos mínimos detalhes - o que um reformador conseguiria se declarasse de antemão que a lei existente era inviolável?

Digamos que este argumento não seja conclusivo; vamos, portanto, tentar interpretar as palavras de Jesus como uma confirmação de toda a lei de Moisés; neste caso, quem eram os fariseus, os escribas, os doutores da lei denunciados por Jesus durante todo seu ministério? Quem eram aqueles que rejeitavam a doutrina de Jesus e, com seus sumos sacerdotes à frente, crucificaram-no? Se Jesus tivesse aprovado a lei de Moisés, onde estavam os fiéis seguidores daquela lei, que a

praticavam sinceramente e que, por esse fato, teriam a aprovação de Jesus? Será que não havia nenhum? Os fariseus, disseram-nos, constituíam uma seita; onde, então, estavam os justos?

No Evangelho de João, os inimigos de Jesus são citados diretamente como "os judeus": Eles se opõem à doutrina de Jesus; eles são hostis porque são judeus. Mas não são apenas os fariseus e os saduceus que aparecem nos Evangelhos como inimigos de Jesus; também são mencionados os doutores da lei, os guardiões da lei de Moisés, os escribas, os intérpretes da lei, os antigos, aqueles que sempre são considerados representantes da sabedoria popular. Jesus disse: "Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento": a mudar seu modo de vida (μετάνοια) [metanoia]. Mas onde estavam os justos? Será que Nicodemos era o único? Ele é apresentado como um homem bom, mas desorientado.

Estamos tão habituados à opinião singular de que Jesus foi crucificado pelos fariseus e por comerciantes judeus que nunca pensamos em perguntar: "Onde estavam os verdadeiros judeus, os bons judeus, os judeus que praticavam a lei?". Assim que fazemos esta pergunta, tudo se torna perfeitamente claro. Jesus, fosse ele Deus, fosse ele homem, trouxe sua doutrina a um povo que possuía regras, chamadas de lei divina, que governavam toda a sua existência. Como Jesus poderia deixar de criticar essa lei?

Todo profeta, todo fundador de uma religião depara inevitavelmente, ao revelar a lei divina aos homens, com instituições que são consideradas traduções das leis de Deus. Portanto, ele não tem como evitar um uso duplo da palavra "lei", que expressa o que seus ouvintes erradamente consideram a lei de Deus ("sua lei") e a lei que ele veio proclamar como a verdadeira lei, a lei divina e eterna. Não só um reformador não tem como evitar o uso da palavra desta maneira, como muitas vezes ele não deseja evitá-lo, confundindo propositalmente as

duas ideias, querendo dizer com isso que, na lei professada por aqueles que ele quer converter, ainda existem algumas verdades eternas.

Todo reformador usa essas verdades, tão familiares a seus ouvintes, como base de seu ensinamento. Foi exatamente isso o que Jesus fez ao se dirigir aos judeus, para quem as duas leis eram vagamente sinônimas em palavras como "Torá". Jesus reconheceu que a lei mosaica, e ainda mais os livros proféticos e, em particular, os escritos de Isaías, cujas palavras ele cita constantemente - Jesus reconheceu que elas continham verdades divinas e eternas em harmonia com a lei eterna, e são essas as verdades que ele usa como base de sua própria doutrina. Jesus recorreu muitas vezes a este método; foi por isso que ele disse: "O que está escrito na lei? Como você entende o que está escrito na lei?" (Lucas 10:26). Ou seja: é possível encontrar a verdade eterna na lei, se ela for interpretada corretamente. E ele afirma uma vez mais que os mandamentos da lei mosaica, de amar o Senhor e o próximo, são também mandamentos da lei eterna. Na conclusão dos paralelos pelos quais Jesus explicou o significado de sua doutrina a seus discípulos, ele pronunciou palavras que têm uma relação com todas as que precedem:

E disse-lhes: por isso, todo escriba que se fez discípulo do reino dos Céus (a verdade) é semelhante ao dono de um tesouro, que tira dele (sem distinção) coisas novas e velhas (Mateus 13:52).

A Igreja compreende essas palavras como elas foram compreendidas por Irineu; mas, ao mesmo tempo, a despeito de seu verdadeiro significado, a Igreja atribui a elas - arbitrariamente - o significado de que tudo o que é antigo é sagrado. O significado evidente é este: aquele que procura o bem, leva em conta não apenas o novo, mas também o velho; portanto, ele não rejeitava uma coisa só por ela ser velha. Com essas palavras, Jesus queria dizer que não negava aquilo que era eterno na lei antiga. Mas, quando lhe falaram da lei como um

todo, ou das formalidades exigidas pela velha lei, sua resposta foi que o vinho novo não devia ser posto em odres velhos. Jesus não podia confirmar a lei como um todo; mas também não podia negar todos os ensinamentos da lei e dos profetas - a lei que diz "ama seu próximo como a si mesmo" repete palavras dos profetas que serviram muitas

vezes para expressar seus próprios pensamentos. Mas, no lugar desta explicação simples e clara das palavras de Jesus, apresentam-nos uma interpretação vaga que introduz contradições desnecessárias, que reduz a doutrina de Jesus à insignificância e que restabelece a doutrina de Moisés em toda sua selvageria.

Os comentaristas da Igreja, em particular aqueles que escreveram depois do século V, dizem que Jesus não condenou a lei escrita; dizem, ao contrário, que a confirmou. E de que maneira? É possível que a lei de Jesus se harmonize com a lei de Moisés? A essas perguntas, nenhuma resposta. Todos os comentaristas lançam mão de um malabarismo verbal para dizer que Jesus cumpriu a lei de Moisés e que as profecias dos antigos foram cumpridas em sua pessoa; que Jesus cumpriu a lei - de ser nosso mediador - graças à nossa fé nele. E a pergunta essencial para todo aquele que acredita em Deus - como harmonizar duas leis conflitantes, cada uma delas visando a regular a vida dos homens? - é deixada de lado sem a menor tentativa de explicação. Portanto, entre o versículo em que se diz que Jesus não veio destruir a lei, mas cumprir a lei, e a declaração de Jesus: "Vocês ouviram o que foi dito. Olho por olho ... Eu, porém, lhes digo"; a contradição entre a doutrina de Jesus e o próprio espírito da doutrina mosaica aparece cruamente.

Peça aos interessados na questão para examinar os comentários da Igreja relativos a esta passagem, desde o tempo de João Crisóstomo até nossos dias. Depois de uma leitura atenta das volumosas explicações oferecidas, eles vão ficar convencidos não só da ausência completa de qualquer resolução da contradição, como também do surgimento

de uma contradição nova e artificial em seu lugar. Vamos ver o que João Crisóstomo diz em resposta àqueles que rejeitam a lei de Moisés:

Ele fez essa lei, não para que pudéssemos arrancar os olhos dos outros, e sim para que o medo de sofrer nas mãos dos outros nos impedisse de fazer a eles uma coisa dessas. Foi por isso que Ele ameaçou os ninivitas de ruína; não que Ele quisesse destruí-los (pois se este tivesse sido o Seu desejo, Ele teria ficado em silêncio), e sim que Ele poderia, através do medo, torná-los melhores, e assim apaziguar Sua ira; foi por isso também que Ele designou uma punição para aqueles que só pensam em arrancar os olhos dos outros; porque, se os bons princípios não os levavam a se abster de tal crueldade, o medo poderia impedi-los de atentar contra a vista de seus vizinhos.

E, se isso é crueldade, é crueldade também que o assassino seja castigado, e o adúltero, reprimido. Mas essas são declarações de homens insensíveis, e

daqueles que enlouqueceram até os extremos últimos da loucura. Pois eu, longe de dizer que isso seja crueldade, deveria dizer que o contrário disso seria contrário à lei, de acordo com a razão dos homens. E, enquanto vocês dizem, "Porque Ele ordenou vazar *um olho por um olho*, portanto Ele é cruel"; eu digo que, se ele não tivesse dado este mandamento, então Ele teria parecido, ao julgamento da maioria dos homens, ser aquilo que você diz que Ele é.

João Crisóstomo reconhece claramente a lei "olho por olho" como lei divina, e o contrário dessa lei, ou seja, a doutrina de Jesus, "Não resistam ao mal", como uma iniquidade. "Pois vamos supor", diz ainda João Crisóstomo:

Pois vamos supor que essa lei fosse completamente abolida e que, por conseguinte, ninguém temesse a punição, mas que tivesse dado licença aos maus para realizar com a maior tranquilidade os seus desejos, que tivesse dado suas bênçãos a adúlteros, a assassinos, a todos, enfim, para cometerem perjúrio e parricídio; as coisas todas não virariam de cabeça para baixo? As cidades, os mercados e as casas, o mar e a terra e o mundo todo não iam ficar cheios de inúmeros crimes e assassinatos? Todo mundo sabe disso. Pois mesmo existindo leis, medo e ameaças, raramente nossas más inclinações são re-freadas; se até essa garantia for retirada, o que vai impedir os homens de optar pelo vício? E que grau de maldade não se espalharia por toda a vida humana?

Mas, como a crueldade não consiste somente em permitir aos maus que façam o que quiserem, mas em outra coisa muito semelhante - ignorar, ou não levar em conta aquele que não fez mal algum, e que está enfrentando adversidades sem causa ou razão. Pois eu gostaria que me respondessem a seguinte pergunta: se alguém reunisse homens maus vindos de todas as partes, e os armasse com espadas e lhes dissesse para andar por toda a cidade massacrando todos os que lhes aparecessem pela frente, será que haveria alguém mais parecido com um animal selvagem? E se outros se unissem e reprimissem com o maior rigor aqueles que aquele homem armou, e arrancassem dessas mãos criminosas aqueles que estavam prestes a ser chacinados, será que haveria algo mais humano que isso?

Crisóstomo não diz qual seria a opinião dos maus sobre esses outros. E se esses outros também fossem maus e lançassem inocentes na prisão? Crisóstomo continua:

Bem, eu lhes peço para transferir também esses exemplos para a Lei; pois Aquele que manda arrancar *um olho por um olho* usou o medo como uma espécie de restrição forte sobre as almas dos maus e, nesse sentido, parece-se

com aquele que mantém esses assassinos na prisão; por outro lado, aquele que não lhes impõe punição, só com essa omissão os arma com essa garantia e faz o mesmo papel que aquele que estava pondo as espadas em suas mãos e soltando-os por toda a cidade (Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus, 16).

Se João Crisóstomo tivesse compreendido a lei de Jesus, teria perguntado: "Quem é que arranca os olhos dos outros? Quem é que lança

os homens na prisão?". Se Deus, que fez a lei, faz isso, então não há contradição; mas são os homens que executam as sentenças, e o Filho de Deus disse aos homens que eles devem se abster da violência. Deus ordenou arrancar os olhos dos outros e o Filho de Deus ordenou não arrancar. Ou aceitamos um mandamento, ou o outro; e João Crisóstomo, como todo o resto da Igreja, aceitou o mandamento de Moisés e negou o de Cristo, em cuja doutrina, apesar disso, ele afirma acreditar. Jesus aboliu a lei mosaica e propôs sua própria lei no lugar daquela. Para aquele que realmente acredita em Jesus, não existe a menor contradição; aquele que acredita realmente em Jesus não presta a mínima atenção à lei de Moisés - pratica a lei de Jesus, no qual acredita. Para aquele que acredita em Jesus, não há contradição. Os judeus consideravam as palavras de Jesus uma tolice e acreditavam na lei de Moisés. A contradição só existe para aqueles que querem seguir a lei de Moisés sob a cobertura da lei de Jesus - para aqueles que Jesus denunciou como hipócritas, como uma geração de víboras.

Em vez de aceitar como verdade divina uma ou outra das duas leis, a lei de Moisés ou a de Jesus, aceitamos a divindade de ambas. Mas, quando a questão chega aos atos da vida cotidiana, rejeitamos a lei de Jesus e seguimos a de Moisés. E esta falsa interpretação, quando percebemos sua importância, revela a fonte daquele terrível drama que mostra a luta entre o mal e o bem, entre a escuridão e a luz.

Entre o povo judeu, acostumado as inúmeras regras formais instituídas pelos levitas com a rubrica de leis divinas, todas elas precedidas pelas palavras "E o Senhor disse a Moisés" - foi entre o povo judeu que Jesus apareceu. E encontrou tudo, até os mínimos detalhes, prescrito por regras; não apenas a relação do homem com Deus, como também suas oferendas, seus banquetes, seus jejuns, seus deveres sociais, civis e familiares, os detalhes dos hábitos pessoais, a circuncisão, a purificação do corpo, dos utensílios domésticos, das roupas - tudo

isso regulado por leis consideradas mandamentos de Deus e, por conseguinte, divinas.



Excluindo a questão da missão divina de Jesus, o que poderia fazer qualquer profeta ou reformador que desejasse introduzir sua própria doutrina entre um povo tão impregnado pelo formalismo - o que fazer senão abolir a lei pela qual todos esses detalhes eram regulados? Jesus escolheu daquilo que os homens consideravam a lei de Deus, as partes que eram realmente divinas; aproveitou o que servia a seu propósito, rejeitou o resto e, sobre essa fundação, pregou a lei eterna. Não era necessário abolir tudo, mas foi inevitável revogar boa parte do que era considerado obrigatório. Jesus fez isso e foi acusado de combater a lei divina; por isso é que ele foi condenado e morto. Mas sua doutrina foi alimentada por seus discípulos, atravessou os séculos e é transmitida para outros povos. Mas ela é novamente escondida sob dogmas heterogêneos, comentários obscuros e explicações artificiosas. Lastimáveis sofismas humanos substituem a revelação divina. No lugar da fórmula "e assim falou o Espírito Santo", dizemos "e o Senhor disse a Moisés". E, mais uma vez, o formalismo esconde a verdade. E o mais espantoso de tudo é que a doutrina de Jesus foi amalgamada com a lei escrita, cuja autoridade ele foi obrigado a negar. E dizem que essa *Torá*, essa lei escrita, foi inspirada pelo Espírito Santo, o espírito da verdade; e por isso Jesus é levado a cair na armadilha de sua própria revelação - sua doutrina é reduzida à insignificância.

Esta é a razão pela qual, depois de dezoito séculos, aconteceu o fato absolutamente singular de eu ter descoberto o significado da doutrina de Jesus como se fosse uma coisa nova. Mas não é; eu não a descobri; só fiz o que todos aqueles que buscam Deus e Sua lei devem fazer; procurei a lei eterna no meio dos elementos incongruentes daquilo que os homens chamam por esse nome.

## Capítulo VI

Quando entendi a lei de Jesus como a lei de Jesus, e não como a lei de Jesus e de Moisés, quando entendi o mandamento desta lei que se contrapunha à lei de Moisés da maneira mais cabal, então os Evangelhos, antes tão obscuros para mim, tão confusos e contraditórios, organizaram-se em um todo harmonioso, e a doutrina que resume sua essência, até então incompreensível, descobri formulada em termos simples, claros e acessíveis para todos aqueles que buscam a verdade<sup>5</sup>.

Ao longo de todos os Evangelhos, somos chamados a refletir sobre os mandamentos de Jesus e a necessidade de praticá-los. Todos os teólogos discutem os mandamentos de Jesus; mas que mandamentos são esses? Eu não sabia antes. Achava que o mandamento de Jesus era amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Eu não achava que se tratasse de um novo mandamento de Jesus, pois este nos foi dado em tempos antigos, no Deuteronômio e no Levítico. As palavras:

Portanto, todo aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar essa transgressão aos homens, será considerado menor no reino dos céus; porém, aquele que os cumprir e ensinar a cumpri-las será considerado grande no reino dos Céus (Mateus, 5:19).

5 Mateus, 5:21-48, especialmente o 38.

Eu pensava que elas se referissem à lei mosaica. E nunca me havia ocorrido que Jesus tivesse proposto novas leis de forma clara e precisa. Eu não via que, na passagem em que Jesus declara: "Vocês ouviram o que foi dito ... eu, porém, lhes digo"; ele formulava uma série de mandamentos muito definidos - cinco mandamentos inteiramente novos, se contarmos como só um as duas referências à antiga lei contra o adultério. Eu tinha ouvido falar das beatitudes de Jesus e de seu número; explicá-las e apresentar toda a lista dessas beatitudes tinha sido parte de minha educação religiosa; mas, sobre os mandamentos de Jesus - eu nunca tinha ouvido falar deles. Para meu grande espanto, eu agora os descobria por mim mesmo. No quinto capítulo de Mateus, achei estes dois versículos:

Vocês ouviram que foi dito aos antigos: não matar; e quem matar será réu de juízo. Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão sem uma causa, será réu de juízo; e quem chamar seu irmão de *raca*, será réu diante do sinédrio; e quem o chamar de louco será réu do fogo

do inferno. Portanto, se estiverem apresentando a sua oferenda no altar, e aí se lembrarem de que seu irmão tem alguma coisa contra vocês, deixem ali diante do altar a oferenda e vão primeiro se reconciliar com seu irmão, e depois fazer a oferenda. Reconciliem-se logo com seus inimigos, enquanto estão no caminho com eles; para que não aconteça que os inimigos os entreguem ao guarda e vocês sejam lançados na prisão. Em verdade lhes digo que de maneira nenhuma sairão dali enquanto não pagarem o último ceitil<sup>6</sup> (Mateus, 5:21-26).

Quando compreendi o mandamento "não resistam ao mal"; pareceu-me que esses versículos tinham um significado tão claro e inteligível quanto o mandamento que acabo de citar. O significado que eu tinha

6 N. T.: Moeda antiga portuguesa que valia um sexto de real. Quantia insignificante, coisa de pequeno valor. <http://www.dicio.com.br/ceitil/> Acesso em: 18/01/2010.

anteriormente atribuído à passagem era de que todos deviam evitar sentimentos de ira contra os outros, que nunca deviam usar linguagem agressiva e deviam viver em paz com todos os homens, sem exceção. Mas havia no texto uma frase que excluía este significado, "todo aquele que se encolerizar contra seu irmão sem uma causa" - nesse caso, essas palavras não poderiam ser uma recomendação de paz absoluta. Fiquei totalmente perplexo e procurei os comentaristas, os teólogos, para acabar com as minhas dúvidas. Para minha surpresa, descobri que os comentaristas estavam ocupados principalmente em definir sob quais condições a raiva era permissível. Todos os comentaristas da Igreja tratavam da frase qualificadora "sem uma causa" e explicavam que o significado era que não se deve ficar ofendido sem uma razão, que não se deve ser agressivo, mas que a raiva nem sempre era injusta; e, para confirmar sua opinião, citavam exemplos de raiva por parte de santos e apóstolos. Vi claramente que os comentaristas que autorizavam a raiva "para a glória de Deus", que não a consideravam repreensível, embora inteiramente contrária ao espírito do Evangelho, baseavam seus argumentos na expressão "sem uma causa", no vigésimo segundo versículo. Assim se mudava inteiramente o significado da passagem.

Não ficar com raiva sem causa? Jesus nos aconselha a perdoar a todos, a perdoar sem restrição ou limite. Ele perdoou a todos que fizeram mal a ele e repreendeu Pedro por ficar com raiva de Malcus quando aquele tentou defender seu mestre no momento da traição, quando parecia justificável sentir raiva, mais que em qualquer outro momento. Entretanto, este mesmo Jesus teria ensinado formalmente aos homens

a não ficar com raiva "sem uma causa" e, com isso, sancionado a raiva com uma causa? Então Jesus pregou a paz entre todos os homens, e depois, na expressão "sem uma causa", interpôs a ressalva de que esta regra não se aplica a todos os casos? Que havia circunstâncias sob as quais era

legítimo ficar com raiva de um irmão e assim dar aos comentaristas o direito de dizer que algumas vezes a raiva é justificável?

E quem determina quando a raiva é justificável e quando não é?

Nunca encontrei uma pessoa com raiva que não acreditasse que sua ira fosse justificável. Todos aqueles que estão com raiva pensam que a raiva é legítima e útil. Evidentemente, a expressão qualificadora "sem uma causa" destrói toda a força do versículo. Porém, lá estavam as palavras no texto sagrado, e eu não podia apagá-las. O efeito foi o mesmo que teria se a palavra "bom" tivesse sido acrescentada à frase: "ama o seu próximo" - ama o seu próximo bom, o próximo que concorda com você!

Todo o significado da passagem foi alterado por esta expressão "sem uma causa": Os versículos 23 e 24, que nos aconselham a nos reconciliar com todos os homens antes de pedir o auxílio divino, também perdem seu sentido direto e imperativo e adquirem uma conotação condicional graças à influência da qualificação precedente. Mas eu tinha a impressão de que Jesus proibiu toda raiva, todo sentimento mau, e que nenhum dos sentimentos maus poderia continuar em nosso coração; ele nos recomendou, antes de entrar em comunhão com Deus, a nos perguntar se havia alguma pessoa que poderia estar com raiva de nós. Se houvesse, fosse essa raiva com causa ou sem causa, ele nos ordenou que nos reconciliássemos. Eu tinha interpretado dessa maneira esta passagem; mas agora parecia, de acordo com os comentaristas, que o mandamento devia ser tomado como uma afirmação condicional. Todos os comentaristas explicavam que devemos tentar estar em paz com todos; mas, acrescentaram eles, se isso for impossível, se, impelido por maus instintos, alguém tiver ódio de você, tente se reconciliar com ele em espírito; nesse caso, o ódio dos outros não será obstáculo à comunhão divina.

E isso não era tudo. As palavras "e quem chamar seu irmão de *raca* será réu diante do sinédrio", sempre me pareceram estranhas e absurdas. Se estamos proibidos de ser agressivos, por que este exemplo com

um xingamento comum e inofensivo? Por que esta terrível ameaça contra aqueles que cometem afronta tão pequena quanto aquela implicada no termo hebraico *raca*, que significa "bobo"? Tudo isso era

obscuro para mim.

Eu estava convencido de que tinha diante de mim um problema similar àquele com que me tinha deparado nas palavras "não julgar". Senti que aqui o significado simples, grandioso, preciso e prático de Jesus tinha sido escondido e que os comentaristas estavam tateando na escuridão. Tinha me parecido que Jesus, ao dizer "vai se reconciliar primeiro com seu irmão", não poderia ter querido dizer "reconciliar-se em espírito" - uma explicação nada clara, supondo-se que seja verdadeira. Eu achava que, ao usar as palavras do profeta, o que Jesus queria dizer ao declarar que "Eu terei misericórdia, em vez de exigir sacrifício" era: quero que todos os homens amem uns aos outros. Se você quiser que seus atos sejam aceitáveis aos olhos de Deus, então, antes de fazer sua oração, interogue sua consciência; e, se achar que alguém está com raiva de você, procure essa pessoa e se reconcilie com ela; só depois faça a sua oração. Depois desta interpretação clara, o que eu deveria entender pela frase "reconciliar-se em espírito"?

Percebi que aquilo que me parecia o único significado claro do versículo havia sido destruído pela expressão "sem uma causa". Se eu pudesse eliminá-la, não haveria dificuldade em fazer uma interpretação lúcida. Mas todos os comentaristas eram unânimes contra essa interpretação; e o texto canônico autorizava a tradução à qual eu tinha objeções. Eu não podia apagar arbitrariamente essas palavras; mas, se elas fossem excluídas, tudo ficaria claro. Por isso busquei uma interpretação que não entrasse em conflito com o sentido da passagem inteira.

Consultei o dicionário. Em grego a palavra εἰκή significa "negligentemente, descuidadamente". Tentei achar algum termo que não

destruísse o sentido; no entanto, as palavras "sem uma causa" tinham realmente o sentido atribuído a elas. No grego do Novo Testamento, o significado de εἰκή é exatamente o mesmo. Consultei as concordâncias. A palavra ocorre uma vez nos Evangelhos, isto é, nesta passagem. Na primeira epístola aos Coríntios, 15:2, ela aparece exatamente com o mesmo sentido. É impossível interpretá-la de outra maneira e, se a aceitarmos, devemos concluir que Jesus pronunciou em palavras vagas um mandamento estrutura do de tal forma que não teria qualquer efeito. Admitir isso me parecia equivalente a rejeitar todo o Evangelho. Restava ainda um recurso - essa palavra se encontrava em todos os manuscritos? Consultei Griesbach, que apresenta todas as variantes reconhecidas e descobri, para minha alegria, que a passagem em questão não era

invariável e que a variação dependia da palavra εἰκή. Na maioria dos textos do Evangelho e das citações dos patriarcas da Igreja, esta palavra não existe. Consultei Tischendorf para dispor da leitura mais antiga: a palavra εἰκή não aparecia.

Portanto, essa palavra, tão destrutiva para o significado da doutrina de Jesus, é uma interpolação que se insinuou nas melhores cópias do Evangelho desde o século V. Alguns copistas acrescentaram essa palavra; outros a aprovaram e encarregaram-se de sua explicação. Jesus não pronunciou, não poderia ter pronunciado essa palavra terrível; e o significado primordial da passagem, seu significado simples, direto, comovente, é o verdadeiro sentido.

Agora que compreendi que Jesus proibiu a raiva, qualquer que seja a causa, e sem discriminação de pessoas, a advertência contra as palavras "raca" e "louco" adquiriu um significado muito diferente de qualquer proibição ao uso de xingamentos agressivos. A estranha palavra hebraica, *raca*, que não é traduzida no texto grego, serve para revelar o seu significado. *Raca* significa literalmente "vã, vazio, aquilo que não existe". Ela foi muito usada pelos hebreus para expressar exclusão. Ela é

empregada na forma plural em Juízes 9:4, no sentido de "vazio e vãos". Jesus nos proíbe de aplicar esta palavra a qualquer um, assim como nos proíbe de usar a palavra "louco" que, como "raca", nos exime de todas as obrigações de humanidade. Ficamos com raiva, fazemos o mal aos homens e depois, para nos desculparmos, dizemos que o objeto de nossa raiva era alguém vazio, um lixo de pessoa, um louco. Jesus nos proibiu exatamente essas palavras, e de aplicá-las aos homens. Ele nos aconselha a não ficar com raiva de ninguém e a não desculpar nossa raiva com a justificativa de que estamos tratando com uma pessoa vazia, com alguém destituído de razão, um louco.

E assim, em lugar de frases insignificantes, vagas e incertas, sujeitas a interpretações arbitrárias, achei em Mateus 5:21-26 o primeiro mandamento de Jesus: "viver em paz com todos os homens". Não considere a raiva justificável em nenhuma circunstância. Nunca considere um ser humano alguém desprovido de valor, ou um louco. Não só se deve se abster a si mesmo de expressar raiva, como também não se deve considerar uma insignificância a raiva de outros em relação a si. Se alguém estiver com raiva de você, mesmo sem razão, reconcilie-se com essa pessoa, acabe com todos os sentimentos hostis. Reconcilie-se logo com aqueles que têm queixa contra você para que o ódio deles não o prejudique.

Depois de esclarecer devidamente o primeiro mandamento de Je-

sus, consegui compreender o segundo, que também começa com uma referência à lei antiga:

Vocês ouviram que foi dito: não cometerão adultério. Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher com desejo, em seu coração já cometeu adultério com ela. Se o seu olho direito os faz tropeçar, arranquem-no e lancem-no de si; pois é melhor perder um dos seus membros do que todo o seu corpo seja lançado no inferno. E, se a sua mão direita os faz tropeçar, cortem-na e lancem-na de si; pois é melhor perder um dos seus membros do que todo o seu corpo ir para o inferno. Também foi dito<sup>7</sup>: quem repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, lhes digo que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser em caso de infidelidade, faz dela uma adúltera; e quem se casar com uma mulher repudiada, comete adultério (Mateus 5:27-32).

Por estas palavras eu entendia que um homem não deve, nem em sonhos, admitir que possa tocar em qualquer mulher a não ser aquela à qual ele foi unido para sempre, e que nunca pode abandoná-la para ficar com outra, embora isso fosse permitido pela lei mosaica<sup>7</sup>.

No primeiro mandamento, Jesus nos aconselhava a extinguir o germe da raiva e ilustrou seu significado pelo destino de um homem entregue aos juízes; no segundo mandamento, Jesus declara que a devassidão surge da tendência de homens e mulheres de encarar uns aos outros como instrumentos de voluptuosidade e, sendo assim, devemos nos guardar contra toda ideia que excite nosso desejo sensual; e, uma vez unido a uma mulher, nunca abandoná-la sob qualquer pretexto, pois as mulheres abandonadas são procuradas por outros homens e assim a devassidão é introduzida no mundo.

A sabedoria desse mandamento me impressionou profundamente. Ele suprimiria todos os males do mundo que resultam das relações sexuais. Convencidos de que a licenciosidade nas relações sexuais leva ao conflito, os homens, em obediência a esta regra, evitariam toda causa de voluptuosidade e, sabendo que a lei da humanidade é de viver em casais, iriam se unir de modo a nunca destruir o laço da união. Todos os males que surgem das dissensões causadas por atração sexual seriam suprimidos, pois não haveria homens, nem mulheres, privados da relação sexual.

<sup>7</sup> Deut. 24: 1.

No entanto, fiquei muito mais impressionado quando li o Sermão da Montanha e deparei com as palavras "a não ser em caso de infideli-

dade", que permitiam a um homem repudiar a esposa em caso de infidelidade. A própria forma pela qual a ideia foi expressa me pareceu indigna da solenidade da ocasião, pois aqui, lado a lado com as profundas verdades do Sermão da Montanha, aparecia, como uma nota em um código penal, essa estranha exceção à regra geral; mas não vou tratar da questão da forma; vou falar da própria exceção, em contradição tão cabal com a ideia fundamental.

Consultei os comentaristas. Todos, João Crisóstomo e os outros, e até mesmo autoridades em exegese como Reuss, concordavam que o significado das palavras era que Jesus permitia o divórcio em caso de infidelidade por parte da mulher e que, quando se opõe ao divórcio no capítulo dezenove de Mateus, as mesmas palavras tinham esse mesmo significado. Li o versículo 32 do capítulo 5 numerosas vezes e a razão recusou-se a aceitar essa interpretação. Para esclarecer minhas dúvidas, consultei as outras partes dos textos do Novo Testamento e achei em Mateus (19), Marcos (10), Lucas (16) e na primeira epístola de Paulo aos coríntios, a afirmação da doutrina da indissolubilidade do casamento. Em Lucas (16:18) temos o seguinte: "Todo aquele que repudia sua mulher e se casa com outra, comete adultério; e quem se casa com a que foi repudiada pelo marido, também comete adultério".

Em Marcos (10:5-12) a doutrina também é apresentada sem qualquer exceção:

Foi por causa da dureza dos seus corações que ele [Moisés] lhes deixou escrito esse mandamento. Mas, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso o homem deve deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher, e serão os dois uma só carne; portanto, já não são mais dois, mas uma só carne. Porque o que Deus uniu, o homem não deve separar. Em casa os discípulos

interrogaram-no de novo sobre isso. Ao que lhes respondeu: aquele que repudiar sua mulher e se casar com outra comete adultério contra ela; e se ela repudiar o marido e se casar com outro, comete adultério.

A mesma ideia é expressa em Mateus 19:4-9. Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios (7: 1-11) desenvolve sistematicamente a ideia de que o único meio de evitar a devassidão é que todo homem tenha sua própria mulher e toda mulher tenha seu próprio marido, e que eles mutuamente satisfaçam o instinto sexual; e diz sem equívoco, "que a mulher não se separe do marido. Mas, caso se separe, que fique sem se casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher" [10-11].



De acordo com Marcos, Lucas e Paulo, o divórcio é proibido.

Ele é proibido pela afirmação repetida em dois dos Evangelhos, de que o marido e a mulher são uma só carne que Deus uniu. O divórcio é proibido pela doutrina de Jesus, que nos aconselha a perdoar a todos, sem exceção da mulher adúltera. É proibido no sentido geral da passagem inteira, que explica que o divórcio provoca a devassidão e é por esse motivo que é proibido divorciar-se de uma mulher adúltera.

Em que, então, baseia-se a opinião de que o divórcio é permitido em caso de infidelidade por parte da mulher? Baseia-se nas palavras que tanto me impressionaram em Mateus 5:32; nas palavras que todos consideram significar que Jesus permite o divórcio em caso de adultério por parte da mulher; nas palavras, repetidas em Mateus 19:9, em diversas cópias do texto evangélico, e por muitos patriarcas da Igreja - baseia-se nas palavras "a não ser em caso de infidelidade". Estudei cuidadosamente estas palavras diversas vezes. Não consegui compreendê-las durante muito tempo. Parecia-me haver um defeito na tradução e uma exegese errônea; mas onde estaria a fonte do erro? Eu não conseguia achá-la; entretanto, o erro em si era muito evidente.

Foi em oposição à lei mosaica, segundo a qual, se um homem tomar-aversão à sua mulher, pode dar a ela uma carta de divórcio e expulsá-la de sua casa - foi em oposição a esta lei que Jesus declarou: "Eu, porém, lhes digo que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser em caso de infidelidade, faz dela uma adúltera". Nada vi nestas palavras que me permitisse afirmar que o divórcio era permitido ou proibido. Elas dizem que aquele que repudiar a esposa faz com que ela cometa adultério e então aparece uma exceção: a mulher culpada de adultério. Esta exceção, que lança a culpa da infidelidade conjugal inteiramente sobre a *mulher* é, em geral, estranha e inesperada; mas aqui, em relação ao contexto, ela é simplesmente absurda, pois mesmo o significado muito duvidoso que lhe poderia ser atribuído é destruído por completo.

Quem quer que repudie a esposa a expõe ao crime de adultério; mas é permitido ao homem repudiar uma esposa culpada de adultério, como se uma mulher culpada de adultério não fosse mais cometer adultério depois de repudiada.

Mas isso não é tudo; depois de examinar atentamente essa passagem, achei também que ela carecia de significado gramatical. As palavras são: "todo aquele que repudia sua mulher, a não ser em caso de infidelidade, faz dela uma adúltera" - e a frase está completa. É uma questão do

marido, daquele que, ao repudiar a esposa, a expõe ao crime de adultério; qual é, então, o sentido da frase qualificadora, "a não ser em caso de infidelidade"? Se a proposição estivesse na seguinte forma: "todo aquele que repudia sua mulher é culpado de adultério, a não ser que a própria esposa tenha sido infiel", ela seria gramaticalmente correta. Mas, como a passagem está agora, o sujeito "todo aquele" não tem outro predicado além da palavra "expõe": com a qual a frase "a não ser em caso de infidelidade" não tem nenhuma ligação. Qual é, então, o sentido desta frase? É claro que, seja com adultério, seja sem adultério por parte da mulher, o marido que repudia a esposa a expõe a cometer adultério. A proposição é análoga à seguinte frase:

Todo aquele que recusa alimento ao filho, exceto por maldade por parte deste, expõe a criança à possibilidade de ser cruel. É evidente que essa frase não pode significar que um pai pode recusar comida ao filho se este cometer uma maldade. Só pode significar que o pai que recusa comida ao filho, além de ser maldoso com seu filho, expõe a criança à possibilidade de se tornar cruel. E, da mesma maneira, a proposição do Evangelho teria um significado se pudéssemos substituir as palavras, "em caso de infidelidade": por libertinismo, por devassidão, ou alguma frase similar que expressasse não um ato, e sim uma qualidade.

Então perguntei a mim mesmo se o significado aqui não seria simplesmente que aquele que repudia a esposa, além de ser ele mesmo culpado de devassidão (pois ninguém repudia sua mulher exceto para tomar outra), expõe a esposa a cometer adultério? Se, no texto original, a palavra traduzida por "adultério" ou "fornicação" tivesse o significado de libertinagem, o significado da passagem ficaria claro. E então passei pela mesma experiência que tinha me acontecido em casos semelhantes. O texto confirmava minha suposição e eliminava inteiramente as minhas dúvidas.

A primeira coisa que me ocorreu ao ler o texto era que a palavra *πορνεία*, em geral considerada sinônimo de *μοιχάσθαι*, "adultério" ou "fornicação", é uma palavra inteiramente diferente da última. Mas será que essas duas palavras não eram usadas como sinônimas nos Evangelhos? Consultei o dicionário e descobri que a palavra *πορνεία*, que corresponde em hebraico a *zanah*, em latim a *fornicatio*, em alemão a *hurerei*, em francês a *libertinage*, tem um significado muito preciso, e que ela nunca significou, e nunca poderia ter significado, o ato de adultério, *chebruch*, como Lutero e os alemães depois dele traduziram a palavra. Ela significa um estado de depravação - uma qualidade e não um ato - e

nunca poderia ser traduzida como "adultério" ou "fornicação" Descobri também que "adultério" aparece ao longo dos Evangelhos, assim como na passagem em questão, com o uso da palavra μοιχεΰω. Eu só precisava corrigir a tradução incorreta - que, claro está, foi um erro deliberado -, para tornar absolutamente inadmissível o significado atribuído a ela por comentaristas do texto e para demonstrar a relação gramatical apropriada de πορνεία com o tema da sentença.

Uma pessoa familiarizada com o grego interpretaria a frase da seguinte forma: παρεκτός, "exceto, fora", λόγου, "a matéria, a causa", πορνείας, "de libertinagem", ποιῇ, "obriga", αὐτήν, "a ela", μοιχάσθαι, "ser uma adúltera" - cuja tradução literal seria: Aquele que repudia a esposa, a não ser em caso de libertinagem, faz dela uma adúltera.

É o mesmo significado de Mateus 19:9. Quando corrigimos a tradução desautorizada de πορνεία, substituindo "adultério" ou "fornicação" por "libertinagem", vemos imediatamente que a frase εἰ μή ἐπί πορνεία não pode se referir à "esposa". E, assim como as palavras παρεκτός λόγου πορνείας só poderiam significar o pecado de libertinagem por parte do marido, as palavras εἰ μή ἐπί πορνεία, no século XIX, não podem ter outro sentido. A frase εἰ μή ἐπί πορνεία é, literalmente, "se isso não for por libertinagem" (entregar-se à libertinagem). O significado então se torna claro. Jesus responde à teoria dos fariseus, segundo a qual o homem que abandona a esposa para se casar com outra sem a intenção de se entregar à libertinagem não comete adultério - Jesus responde a esta teoria dizendo que o abandono da esposa, ou seja, a cessação de relações sexuais, mesmo se não for com o propósito de libertinagem, mas para se casar com outra, é, apesar disso, adultério. Assim chegamos ao significado simples desse mandamento - um significado que concorda com a doutrina inteira, com as palavras da qual ele é o complemento, com gramática e com

lógica. Esta interpretação simples e clara, que se harmoniza tão naturalmente com a doutrina e com as palavras das quais ela foi derivada, só cheguei a ela depois de uma pesquisa extremamente meticulosa e demorada. Sobre uma alteração premeditada do texto foi estruturada uma exegese que destruiu o significado moral, religioso, lógico e gramatical das palavras de Jesus.

Mais uma vez cheguei a uma confirmação do terrível fato de que o significado da doutrina de Jesus é simples e claro, que suas afirmações são enfáticas e precisas, mas que os comentários sobre a doutrina, inspirados por um desejo de sancionar o mal existente, obscureceram-na

tanto que é preciso um esforço obstinado daquele que quer conhecer a verdade. Se os Evangelhos tivessem chegado a nós fragmentados, teria sido mais fácil do que agora (assim me parecia) restaurar o verdadeiro significado do texto escavando as diversas camadas de comentários falaciosos, cujo único propósito parece ser o de esconder a doutrina que se espera que eles revelem. Em relação à passagem em questão é claro que, para justificar o divórcio de algum imperador bizantino, foi utilizado esse pretexto engenhoso para obscurecer a doutrina que regula as relações entre os sexos. Quando repudiamos as sugestões dos comentaristas, escapamos da neblina da incerteza e o segundo mandamento de Jesus se torna preciso e claro. "Guardar-se da libertinagem. Que todo homem adequado a entrar na relação sexual tenha uma esposa e toda mulher, um marido, e sob nenhum pretexto, qualquer que seja, essa união deve ser desrespeitada por qualquer dos dois".

Imediatamente depois do segundo mandamento, há outra referência à lei antiga, seguida pelo terceiro mandamento:

Vocês também ouviram o que foi dito<sup>8</sup> aos antigos: não devem jurar em falso, e sim cumprir os juramentos que fizeram ao Senhor. Eu, porém, lhes digo que não devem jurar de maneira alguma; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; nem pela própria cabeça, porque vocês não podem fazer um só fio de cabelo ficar preto ou branco. Seja, porém, o seu falar: sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno (Mateus 5:33-37).

Levítico 19:12 ["Não pronunciem falso juramento acobertados pelo meu nome; porque profanariam o nome do Senhor"]. Esta passagem sempre me incomodava quando eu a lia. Ela não me incomodava pela sua obscuridade, como a passagem sobre o divórcio; nem por conflitar com outras passagens, como a autorização da raiva com causa; nem pela dificuldade do caminho da obediência, como no caso do mandamento de virar a outra face; o que me incomodava era, ao contrário, sua própria clareza, simplicidade e natureza prática. Lado a lado com regras cuja magnitude e importância senti profundamente, essa frase, que me parecia supérflua, era frívola, fraca e sem consequência para mim ou para os outros. Eu naturalmente não jurava por Jerusalém, nem pelos céus, nem por qualquer outra coisa, e não jurar não me custa o menor esforço; por outro lado, parecia-me que o fato de eu jurar ou deixar de jurar não teria a menor importância para ninguém. E, desejando achar uma explicação para essa regra, que me incomodava por sua própria simplicidade, consultei os comentaristas. Nesse caso, eles me foram de grande auxílio.

Todos os comentaristas acharam nessas palavras uma confirmação do terceiro mandamento de Moisés, "não jurar em nome do Senhor"; mas, além disso, os comentaristas explicavam que este mandamento de Jesus contra o juramento não era sempre obrigatório e não tinha

8 Levit. 19:12; Deut. 23:21, 34.

nenhuma relação com o juramento que os cidadãos são obrigados a fazer perante as autoridades. E me apresentaram pilhas de citações das Escrituras - não para dar fundamento ao significado direto do mandamento de Jesus, mas para provar quando ele devia e quando não devia ser obedecido. Alegavam que o próprio Jesus sancionou o juramento em tribunais de justiça com sua resposta, "Você o disse", às palavras do sumo sacerdote "Eu o intimo em nome do Deus vivo"; que o apóstolo Paulo invocou Deus como testemunha da verdade de suas palavras, e essa invocação equivalia, evidentemente, a um juramento; que a lei de Moisés prescrevendo o juramento não foi anulada por Jesus; e que Jesus proibiu apenas falsos juramentos, os juramentos dos fariseus e dos hipócritas. Quando li esses comentários, compreendi que, a menos que eu retirasse dos juramentos proibidos por Jesus o juramento de fidelidade ao Estado, o mandamento era tão insignificante quanto superficial, e tão fácil de praticar quanto eu tinha suposto.

E perguntei a mim mesmo se essa passagem não seria uma exortação para não fazermos um juramento que os comentaristas da Igreja silo tão zelosos em justificar. Ela não nos proíbe de fazer um juramento indispensável para a organização de homens em grupos políticos e para a formação de uma casta militar? O soldado, esse instrumento especial de violência, é denominado em russo de *prissaiaga* (juramentado<sup>9</sup>). Se eu tivesse perguntado ao soldado no Portão de Borovitsky como ele resolvia a contradição entre os Evangelhos e os regulamentos militares, ele teria respondido que havia feito um juramento, ou seja, que tinha jurado pelos Evangelhos. Esta é a resposta que os soldados sempre dão. O juramento é tão indispensável aos horrores da guerra e da coerção armada que, mesmo na França, onde o cristianismo está em baixa, o juramento continua em pleno vigor. Se Jesus disse de tantas formas

9 N. T: Em russo, *prissaiagat* - fazer um juramento.

diferentes, "Não faça um juramento", é porque a proibição deveria ser uma consequência de seu ensinamento. Ele veio para suprimir o mal e, se ele não tivesse condenado o juramento, teria deixado intacto um mal

terrível. Talvez alguém diga que, no tempo em que Jesus viveu, esse mal passava despercebido; mas não é verdade. Epicteto e Sêneca são contra fazer juramentos. Existe uma regra similar nas leis de Manu. Os judeus da época de Jesus fizeram prosélitos e os obrigaram a fazer o juramento. Como alguém poderia dizer que Jesus não percebeu esse mal quando ele o proibiu em termos claros, diretos e circunstanciais? Ele disse: "Não jurem de modo algum". Esta expressão é tão simples, clara e absoluta quanto a frase "Não julguem, não condenem", e é igualmente pouco explicada; além disso, acrescentou a ela, "Seja, porém, o seu falar: sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno".

Se a obediência à doutrina de Jesus consiste em cumprir sempre a vontade de Deus, como pode um homem jurar que vai cumprir a vontade de outro homem ou de outros homens? A vontade de Deus pode não coincidir com a vontade do homem. E isto é precisamente o que Jesus disse em Mateus no v. 36: "nem jurem pela sua cabeça, porque não podem fazer um só fio de cabelo ficar preto ou branco".

E, em sua epístola, o apóstolo Tiago diz: no v. 12: "Mas, sobretudo, meus irmãos, não jurem, nem pelo céu, nem pela terra, nem façam qualquer outro juramento; seja, porém, o seu falar sim, sim, e não, não, para não caírem em condenação".

O apóstolo nos diz claramente porque não devemos jurar: mesmo que o juramento em si tenha pouca importância, por causa dele os homens são condenados e, por isso, não devemos jurar nunca. Como expressar mais claramente o mandamento de Jesus e de seu apóstolo? Minhas ideias ficaram tão confusas que, por um longo tempo, pairou à minha frente a pergunta: "As palavras e o significado desta passagem concordam?". Não é possível que não haja correspondência entre

eles. Mas, depois de ler atentamente os comentários, vi que o impossível havia se tornado realidade. As explicações dos comentaristas estavam de pleno acordo com aquelas que eles haviam apresentado em relação aos outros mandamentos de Jesus: não julgar, não ficar com raiva, não violar os laços conjugais.

Organizamos uma ordem social de que gostamos e que consideramos sagrada. Jesus, a quem reconhecemos como Deus, vem e nos diz que nossa organização social está errada. Nós o reconhecemos como Deus, mas não estamos dispostos a renunciar às nossas instituições sociais. Então, o que fazer? Acrescentar, se possível, as palavras "sem uma causa", para esvaziar o mandamento sobre a raiva; mutilar o sentido de outra lei, como fizeram prevaricadores insolentes ao substituir o man-

damento que proíbe absolutamente o divórcio por uma fraseologia que o permite; e, se não houver nenhuma forma de derivar um significado equivalente, como no caso dos mandamentos, "não julguem, não condenem" e "não jurem de modo algum", então, com o maior descaramento, violar abertamente a regra ao mesmo tempo em que afirmar obedecer a ela.

O principal obstáculo à compreensão da verdade de que o Evangelho proíbe toda e qualquer espécie de juramento está no fato de que nossos próprios comentaristas pseudocristãos, com uma audácia sem precedentes, juram sobre o próprio Evangelho. Fazem os homens jurarem pelo Evangelho, ou seja, fazem justamente o contrário do que ordena o Evangelho. Por que nunca ocorre a ninguém obrigado a jurar pela cruz e pelo Evangelho que a cruz só se tornou sagrada com a morte de um homem que proibiu todos os juramentos, e que, ao beijar o livro sagrado, talvez esteja pressionando os lábios na própria página em que está registrado o mandamento claro e direto: "não jurem de modo algum"?

Contudo, não me preocupei mais com o significado da passagem em Mateus 5:33~37 quando achei a declaração clara do terceiro mandamento, de que não deveríamos jurar, posto que: todos os juramentos são impostos com um propósito maligno.

Depois do terceiro mandamento vem a quarta referência à lei antiga e a enunciação do quarto mandamento:

Vocês ouviram que foi dito: olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, Lhes digo que não resistam ao mal; mas a qualquer um que Lhe bater na face direita, oferece-Lhe também a outra; e ao que quiser brigar com vocês e tirar-Lhes a túnica, entreguem também a capa; e, a quem quiser obrigá-los a caminhar mil passos, deem com ele dois mil. Deem a quem Lhes pedir, e não virem as costas a quem quiser Lhes pedir um empréstimo (Mateus 5:38-42).

Eu já falei do significado direto e preciso destas palavras; já disse que não temos nenhuma razão para supor que sejam uma alegoria. Desde o tempo de João Crisóstomo até nossos dias, os comentários feitos sobre elas são realmente surpreendentes. As palavras agradam a todos e inspiram todas as reflexões profundas, exceto uma: a de que estas palavras expressam exatamente o que Jesus queria dizer. Os comentaristas da Igreja, de modo algum intimidados pela autoridade de quem

consideram Deus, distorcem insolentemente o significado de suas palavras. Esses comentaristas dizem que os mandamentos de suportar ofensas e de se abster de represálias são dirigidos ao caráter vingativo dos judeus; dizem eles que esses mandamentos não só não excluem, todas as medidas gerais para a repressão do mal e da punição dos malfeitores, como também que aconselham a todos o esforço individual e pessoal de fazer justiça, de prender agressores e de evitar que os maus façam mal a outros - pois, caso contrário, (é o que nos dizem) esses mandamentos espirituais do Salvador se tornariam letra morta, como se tornaram

entre os judeus, e só serviriam para propagar o mal e para acabar com a virtude. O amor do cristão deveria tomar o amor de Deus como modelo; mas o amor divino circunscreve e reprova o mal apenas na medida necessária para a glória de Deus e para a segurança de seus servos. Se o mal se propagar, devemos colocar limites ao mal e puni-lo - ora, este é o dever das autoridades<sup>10</sup>.

Os eruditos cristãos e os livres-pensadores não se deixam embarçar por essas palavras de Jesus e não hesitam em corrigi-las. Os sentimentos aqui expressos, dizem eles, são muito nobres, mas completamente fora da realidade; pois, se seguirmos à risca o mandamento "não resistam ao mal", todo o nosso tecido social seria destruído. Isto é o que Renan, Strauss e todos os comentaristas liberais nos dizem. Mas, se entendermos as palavras de Jesus como entenderíamos as palavras de qualquer um que falar conosco, e admitirmos que ele diz exatamente o que quer dizer, todos esses circunlóquios profundos desaparecem. Jesus diz: "Seu sistema social é absurdo e errado. Eu proponho a vocês um outro": E então apresenta os ensinamentos descritos em Mateus (5:38-42). Tenho a impressão de que, antes de corrigir as palavras de Jesus, deveríamos entendê-las; ora, é exatamente isso o que ninguém quer fazer. Concluimos de antemão que a ordem social que controla nossa existência, e que é abolida por essas palavras, obedece a uma lei superior da humanidade.

Quanto a mim, não considero nossa ordem social nem sábia, nem sagrada; e é por isto que compreendi este mandamento quando outros não compreenderam. E, quando compreendi essas palavras exatamente como elas estão escritas, fiquei impressionado com a sua verdade, com a sua lucidez e com a sua precisão. Jesus disse: "Vocês desejam suprimir o mal com o mal; isto não é possível. Para abolir o mal, evite cometer o

10 Esta citação foi extraída dos *Comentários sobre o Evangelho*, de autoria do Arcebispo Míquel, um trabalho baseado nos escritos dos Patriarcas da Igreja.



mal". E, em seguida, ele cita muitos exemplos do hábito que temos de retribuir o mal com mal e diz que não deveríamos fazer isso.

Este quarto mandamento foi aquele que entendi primeiro; e foi ele que me revelou o significado de todos os outros. Este mandamento simples, claro e prático diz: "Nunca resistam ao mal pela força, nunca reajam à violência com violência; se alguém bater em você, suporte; se alguém quiser privá-lo de algo, dê a esse alguém o que ele deseja; se alguém forçá-lo a trabalhar, trabalhe; se alguém quiser tomar sua propriedade, entregue-a".

Depois do quarto mandamento, achamos uma quinta referência à lei antiga, seguida pelo quinto mandamento:

Vocês ouviram que foi dito: Amem o seu próximo e odeiem o seu inimigo, Eu, porém, lhes digo: Amem os seus inimigos e rezem pelos que perseguem vocês; para que se tornem filhos do seu Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos, Portanto, se vocês amarem quem os ama, que mérito teriam? Os publicanos não fazem também o mesmo? E, se vocês desejarem o bem somente a seus irmãos, que fazem demais? Os gentios não fazem também o mesmo? Sejam, pois, perfeitos, como é perfeito o seu Pai celestial (Mateus 5:43-48).

No início, considerei estes versículos uma continuação, uma exposição, um reforço, quase um exagero, a meu ver, das palavras "não resistam ao mal". Mas, tendo encontrado um significado simples, preciso e prático em todas as passagens que começam com uma referência à lei antiga, antecipei aqui uma experiência similar. Até agora, depois de cada referência dessa espécie tinha vindo um mandamento, e cada mandamento tinha tido um significado importante e distinto; também agora devia ser assim. As palavras que fecham esta passagem, repetidas por Lucas, de que Deus não faz qualquer discriminação entre as pessoas, mas concede generosamente suas dádivas a todos, e que nós, seguindo seus preceitos, devíamos considerar todos os homens igualmente meritórios, e fazer o bem a todos - essas palavras estavam claras; elas me pareciam uma confirmação e a exposição de alguma lei definida - mas que lei era essa? Levei muito tempo para descobrir qual era.

Amar os próprios inimigos? Impossível! Este era um daqueles pensamentos sublimes que devemos considerar apenas uma alusão a um ideal moral impossível de atingir. Exigia tudo ou nada. Talvez fosse possível não fazermos o mal a nossos inimigos - mas amá-los!

Não! Mas Jesus não exigia o impossível. E, além disso, nas palavras que se referiam à lei antiga: "Vocês ouviram o que foi dito [ ... ] odeiem o seu inimigo", havia causa para dúvida. Em outras referências, Jesus citava textualmente os termos da lei mosaica; mas, aqui, ele parece citar palavras às quais não atribui autoridade; parece estar criticando a lei de Moisés.

Como no caso das minhas dúvidas anteriores, agora também os comentaristas não me davam explicação para o problema. Todos eles concordavam que as palavras "odeiem seu inimigo" não estavam na lei mosaica, mas não davam qualquer explicação do possível significado dessa frase que não estava lá. Falavam da dificuldade de amar os inimigos, ou seja, de amar os homens maus (era assim que eles corrigiam as palavras de Jesus); e diziam que, uma vez que é impossível amar nossos inimigos, devemos evitar lhes desejar o mal e atacá-los. Além do mais, os comentaristas insinuavam que poderíamos e deveríamos "conquistar" nossos inimigos, ou seja, resistir a eles; falavam dos diferentes graus de amor por nossos inimigos que podemos atingir - de tudo isso, a conclusão final era que Jesus, por alguma razão inexplicável, citou como sendo a lei de Moisés palavras que não estavam lá e depois falou diversas frases sublimes que, no fundo, eram impraticáveis e sem sentido.

Eu não podia concordar com esta conclusão. Nesta passagem, como nas passagens que contêm os quatro primeiros mandamentos, deve haver um significado claro e preciso. Para encontrar esse significado, eu me propus primeiro a descobrir o sentido das palavras que são a referência indevida à lei antiga: "Vocês ouviram o que foi dito [ ... ] odeiem seu inimigo". Algum motivo Jesus deve ter tido para pôr, no início de cada um de seus mandamentos, certas partes da lei antiga para servirem de antíteses de sua própria doutrina. Se não compreendemos o significado das citações da lei antiga, não temos condições de entender o que Jesus proibia. Os comentaristas dizem francamente (é impossível não usar de franqueza nesse caso) que, neste exemplo, Jesus usou palavras que não se acham na lei mosaica, mas não nos explicam a razão pela qual ele fez isto, nem que significado devemos atribuir às palavras que ele usou dessa forma.

Parecia-me necessário saber sobretudo o que Jesus tinha em mente quando citou essas palavras que não se acham na lei. Perguntei a mim mesmo o que elas poderiam significar. Em todas as outras referências semelhantes, Jesus cita uma regra simples da lei antiga: "Não matar", "Não cometer adultério", "Olho por olho, dente por dente" e, a cada regra, ele contrapôs sua própria doutrina. No exemplo em pauta, ele cita duas regras contrastantes: "Vocês ouviram o que foi dito: amem o

seu próximo e odeiem seu inimigo", dando a impressão de que o contraste entre estas duas regras antigas, relativas ao próximo e ao inimigo, deve ser a base da nova lei. Para compreender claramente o que era esse contraste, procurei os significados das palavras "próximo" e "inimigo", como usados no texto evangélico. Depois de consultar dicionários e textos bíblicos, fiquei convencido de que, na língua hebraica, "próximo" significava, invariável e exclusivamente, um hebreu. Achamos o mesmo significado expresso na parábola evangélica do samaritano. A partir da pergunta do escriba judeu (Lucas 10:29), "mas ele,

querendo justificar-se, perguntou a Jesus: e quem é o meu próximo?", fica claro que ele não considerava o samaritano um próximo seu. A palavra "próximo" é usada com o mesmo significado em Atos 7:27. "Próximo", na linguagem do Evangelho, significa um compatriota, uma pessoa que pertence à mesma nacionalidade. E, por conseguinte, a antítese usada por Jesus na citação "amem o seu próximo, odeiem seu inimigo", deve estar na distinção entre as palavras "compatriota" e "estrangeiro": Então procurei pela compreensão judaica de "inimigo" e vi minha suposição confirmada. A palavra "inimigo" é quase sempre empregada no mesmo sentido nos Evangelhos, não como um inimigo pessoal e sim, em geral, como um "povo hostil" (Lucas 1:71,74; Mateus 22:44; Marcos 12:36; Lucas 20:43, etc.). O uso da palavra "inimigo" na forma singular, na frase "odeiem seu inimigo", me convenceu de que o significado é um "povo hostil". No Velho Testamento, a concepção de "povo hostil" é quase sempre expressa na forma singular.

Quando compreendi isto, compreendi a razão pela qual Jesus, que antes citava as palavras autênticas da lei, tinha citado aqui as palavras "odeiem seu inimigo". Quando compreendemos a palavra "inimigo" no sentido de "povo hostil" e "próximo" no sentido de "compatriota", a dificuldade fica completamente resolvida. Jesus falou da maneira segundo a qual Moisés se dirigiu aos hebreus para agir em relação aos, "povos hostis". As várias passagens espalhadas pelos diferentes livros do Velho Testamento, que recomendam a opressão, o assassinato e o extermínio de outros povos, Jesus resumiu em uma palavra, "ódio", - combater o inimigo. Ele disse, em essência: "Vocês ouviram que devem amar aqueles de sua própria raça e odiar os estrangeiros; mas eu digo a vocês, amem todos sem distinção de nacionalidade". Quando compreendi estas palavras desta maneira, vi imediatamente a força da frase, "ame seu inimigo". É impossível amar um inimigo pessoal; mas é perfeitamente possível amar os cidadãos de uma nação estrangeira

da mesma forma que os próprios compatriotas. E vi claramente que ao dizer, "Vocês ouviram que foi dito: Amem o seu próximo e odeiem seu inimigo. Eu, porém, lhes digo: Amem o seu inimigo", Jesus queria dizer que os homens têm o hábito de considerar seus compatriotas como próximos e os estrangeiros como inimigos; e isto ele reprovava. Ele queria dizer que a lei de Moisés estabeleceu uma diferença entre os hebreus e o estrangeiro - os povos hostis; mas ele proibiu qualquer discriminação desse tipo. E então, de acordo com Mateus e Lucas, depois de apresentar este mandamento, ele disse que, perante Deus, todos os homens são iguais, que todos são aquecidos pelo mesmo sol, que todos desfrutam da mesma chuva. Deus não faz distinção entre povos e concede generosamente suas dádivas a todos os homens; os homens devem agir exatamente da mesma maneira em relação uns aos outros, sem distinção de nacionalidade, e não como os gentios, que se dividem em nacionalidades distintas.

Portanto, mais uma vez foi confirmado cabalmente o significado simples, claro, importante e prático das palavras de Jesus. Mais uma vez, em lugar de uma sentença obscura, achei uma regra clara, precisa, importante e prática: não fazer distinção entre compatriotas e estrangeiros e evitar todas as sequelas dessa distinção - a hostilidade para com estrangeiros, as guerras, toda e qualquer participação na guerra, todos os preparativos para a guerra; estabelecer com todos os homens, qualquer que seja a sua nacionalidade, as mesmas relações mantidas com os compatriotas. Tudo isto era tão simples e tão claro que fiquei espantado de não ter percebido seu sentido desde o início.

A causa de meu erro foi a mesma que tinha me deixado perplexo em relação a passagens relacionadas a julgamentos e a juramentos. É muito difícil acreditar que tribunais mantidos por cristãos confesos, abençoados por aqueles que se consideram os guardiães da lei de Jesus, são incompatíveis com a religião cristã; que, na verdade, são

diametralmente opostos a ela. É ainda mais difícil acreditar que o juramento que os guardiães da lei de Jesus nos obrigam a fazer seja diretamente reprovado por esta lei. Reconhecer que tudo na vida que é considerado essencial e natural, assim como aquilo que é considerado o mais nobre e grandioso - amor ao país, sua defesa, sua glória, a luta contra seus inimigos - reconhecer que tudo isto não é só uma infração da lei de Jesus, mas que é diretamente reprovado por Jesus, é, declaro eu, uma coisa difícil.

Hoje a nossa vida está em contradição tão profunda com a doutri-

na de Jesus que temos uma dificuldade assombrosa para compreender seu significado. Temos andado tão surdos às regras da vida que ele nos deu, às suas explicações, não só quando ele nos diz para não matar, mas também quando nos alerta contra a raiva, quando nos aconselha a não resistir ao mal, a oferecer a outra face, a amar nosso inimigo; estamos tão acostumados a falar de um exército cristão - um grupo de homens organizado especialmente para assassinar; estamos tão acostumados a orações dirigidas ao Cristo para que nos dê a vitória, nós que fizemos da espada, o símbolo do assassinato, um objeto quase sagrado (de modo que um homem privado deste símbolo, de sua espada, é um homem desonrado); estamos tão acostumados a isto, digo eu, que as palavras de Jesus nos parecem compatíveis com a guerra. Dizemos: "Se ele tivesse proibido, devia ter proibido claramente": Nós nos esquecemos de que Jesus não previu que homens que acreditavam em sua doutrina de humildade, amor e fraternidade poderiam em algum momento, com calma e premeditação, organizar eles mesmos o assassinato de seus irmãos. Jesus não previu isto e, por conseguinte, não proibiu que um cristão participasse da guerra. Um pai que aconselha um filho a viver honestamente, a nunca fazer mal a qualquer pessoa e a dar tudo o que tem aos outros, não ocorreria a esse pai proibir o filho de matar pessoas na estrada. Nenhum dos apóstolos, nenhum discípulo de Jesus, durante

cinco séculos de cristianismo, percebeu a necessidade de proibir a um cristão a forma de assassinato que chamamos de guerra.

Aqui, por exemplo, está o que Orígenes diz em sua resposta a Celso<sup>11</sup>:

Em seguida, Celso nos recomenda com insistência a 'ajudar o rei de todas as formas que pudermos e trabalhar com ele na manutenção da justiça, lutar por ele; e, se necessário for, lutar sob seu comando, ou liderar um exército com ele'. A isto, nossa resposta é que devemos, quando se fizer necessário, dar ajuda aos reis e, por assim dizer, para dar uma ajuda divina, 'vestir toda a armadura de Deus'. E fazemos isto em obediência à recomendação do apóstolo, 'eu aconselho, portanto, que antes de tudo sejam feitas súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, para reis, e para todos aqueles em posição de autoridade'; e quanto mais um homem se sobressai em piedade, tanto mais ajuda efetiva ele deve dar aos reis, ainda mais do que aquela dada por soldados, que saem para lutar e matar todos os inimigos que puderem vencer. E àqueles inimigos de nossa fé que nos exigem usar armas para o bem comum, podemos responder: "Não é certo que aqueles que são sacerdotes em determinados santuários, e aqueles

que servem a certos deuses, como você os considera, mantenham suas mãos limpas de sangue, que eles com suas mãos sem manchas de sangue humano, possam oferecer os sacrifícios estipulados a seus deuses? E, mesmo quando a guerra é iminente, você nunca recruta o sacerdote para o exército. Se esse é, portanto, um costume louvável, com muito mais razão, enquanto outros estão envolvidos na batalha, também esses deveriam se envolver como sacerdotes e ministros de Deus, mantendo as mãos limpas e lutando com orações a Deus em favor daqueles que estão combatendo por uma causa justa, e para o rei que reina com justiça, e que o que quer que se oponha àqueles que agem com justiça seja destruído!".

11 *Contra Celsum*, livro VIII, capo LXXIII.

E, no final do capítulo, ao explicar que os cristãos, com sua vida pacífica, são muito mais úteis aos reis do que os soldados, Orígenes diz:

E nenhum luta melhor pelo rei do que nós. De fato, nós não lutamos por ele, embora ele o exija; mas nós lutamos em seu interesse, formando um exército especial - um exército religioso - oferecendo nossas orações a Deus.

Esta é a maneira pela qual os cristãos dos primeiros séculos consideravam a guerra e tal era a linguagem que seus líderes dirigiam aos governantes da terra em um período em que os mártires pereciam às centenas e aos milhares por terem adotado a religião de Jesus, o Cristo.

Portanto, agora não está resolvida a dúvida de o cristão dever ou não participar de uma guerra? Todos os jovens criados de acordo com a doutrina da Igreja chamada cristã são obrigados, em uma data especificada no outono, a procurar o órgão de recrutamento do exército e, a conselho de seus guias espirituais, renunciar deliberadamente à religião de Jesus. Não faz muito tempo que um camponês se recusou a prestar o serviço militar afirmando ser este contrário ao Evangelho. Os doutores da Igreja explicaram ao camponês o seu erro; mas, como o camponês tinha fé, não nas palavras dos doutores da Igreja, e sim nas de Jesus, foi jogado na prisão, onde ficou até estar disposto a renunciar à lei de Cristo. E tudo isso aconteceu depois de os cristãos terem ouvido por dezoito séculos o mandamento claro, preciso e prático de seu Mestre, que ensina a não considerar como inimigos os homens de nacionalidade diferente e a manter

com eles as mesmas relações que existem entre os compatriotas; não só não matar aqueles que são chamados de inimigos, mas de amá-los e de satisfazer as suas necessidades.

Quando compreendi esses mandamentos simples e precisos de Jesus, esses mandamentos tão contrários às engenhosas distorções dos comentaristas, eu me perguntei o que aconteceria se todo o mundo cristão acreditasse neles, acreditasse não apenas por lê-los e cantá-los para a glória de Deus, mas também por observá-los para o bem da humanidade. O que aconteceria se os homens acreditassem na observância desses mandamentos pelo menos tão seriamente quanto acreditam nas devoções diárias, na realização do culto de domingo, nos jejuns semanais, no santo sacramento? O que aconteceria se a fé dos homens nesses mandamentos fosse tão forte quanto sua fé nas exigências da Igreja? E então vi, com os olhos da imaginação, uma sociedade cristã vivendo de acordo com esses mandamentos e educando a geração mais jovem de modo a seguir seus preceitos. Tentei imaginar o que aconteceria se ensinássemos nossos filhos desde pequenos, não o que lhes ensinamos agora - a manter a dignidade pessoal, a defender privilégios pessoais contra a usurpação de outros (o que nós nunca podemos fazer sem humilhar ou ofender outros) - e sim que nenhum homem tem direito a privilégios, nem pode estar acima ou abaixo de: ninguém mais; que se rebaixa e se avilta apenas aquele que tenta domínar os outros; que um homem não pode estar em uma situação mais abjeta do que quando está com raiva de outro; que aquilo que parece louco e desprezível em outro não é desculpa para ira ou inimizade. Tentei imaginar o que aconteceria se, em vez de exaltar nossa organização social como ela é agora, com seus teatros, seus romances, seus métodos requintados para estimular desejos sensuais - se, em vez disso, ensinássemos nossos filhos, por preceito e pelo exemplo, que ler romances lascivos e frequentar teatros e bailes são as mais vulgares de todas as distrações, e que não há nada mais grotesco e humilhante do que passar o tempo colecionando e comprando enfeites pessoais para transformar o próprio corpo em objeto de exposição. Tentei imaginar como seria uma sociedade em que, em vez de permitir

e aprovar o libertinismo dos jovens antes do casamento, em vez de considerar a separação de marido e mulher como natural e desejável, em vez de dar às mulheres o direito legal de praticar o ofício da prostituição, em vez de aprovar e sancionar o divórcio - se, em vez disso, ensinássemos por palavras e por ações que o estado de celibato, a vida solitária de um homem em perfeitas condições de ter relações sexuais, e

que não tenha renunciado a elas, é um erro monstruoso e vergonhoso; e que o abandono da esposa pelo marido, ou do marido pela esposa por outro é um ato contra a natureza, um ato bestial e desumano.

Em vez de considerar natural que toda a nossa vida seja controlada por coerção; que todos os nossos prazeres sejam obtidos e mantidos pela força; que todos de nós, da infância até a velhice, sejamos alternada mente vítima e carrasco - em vez disso tentei imaginar o que aconteceria se, por preceito e exemplo, nós fizéssemos de tudo para convencer a todos de que a vingança é um sentimento desprovido de humanidade; que a violência não só é aviltante, como nos priva de toda a capacidade de sermos felizes; que os verdadeiros prazeres da vida não são aqueles mantidos pela força; e que nossa maior consideração deve ser não por aqueles que acumulam riquezas a expensas dos outros, mas por aqueles que melhor servem aos outros e dão o que eles têm para aliviar as desgraças de seus semelhantes. Se, em vez de considerar o fato de fazer um juramento e de se colocar à disposição do outro como um ato correto e louvável - tentei imaginar o que aconteceria se ensinássemos que só a vontade esclarecida do homem é sagrada; e que, se um homem se coloca à disposição de qualquer outro, e promete por juramento fazer o que quer que seja, está renunciando à sua humanidade racional e desrespeitando o seu direito mais sagrado. Tentei imaginar o que aconteceria se, em vez do ódio nacional que alimentamos com o nome de "patriotismo"; se, em lugar da glória associada a essa forma de assassinato que chamamos de guerra - se, em lugar disso, fôssemos

ensinados, ao contrário, a ter horror e a desprezar todos os meios - militares, diplomáticos e políticos - que servem para dividir os homens; se fôssemos educados de modo a considerar a divisão de homens em estados políticos e em uma diversidade de códigos e de fronteiras como uma prova de barbárie; e que massacrar os outros é um crime hediondo, a ser perpetrado apenas por um homem depravado e desnortado, que se rebaixou ao nível das feras - tentei imaginar o que aconteceria se todos os homens chegassem a essas convicções.

Até hoje, perguntei-me, quais foram os resultados práticos da doutrina de Jesus como eu a compreendo? E a resposta imediata foi: nenhum. Continuamos a rezar, a tomar os sacramentos, a acreditar na redenção e em nossa salvação pessoal e na salvação do mundo por Jesus Cristo - e, por outro lado, dizemos que a salvação nunca virá por nossos esforços, que virá somente porque a hora estabelecida para o fim do mundo terá chegado quando o Cristo aparecer em sua glória para julgar os vivos e os mortos e assim será instituído o



reino dos Céus.

Ora, a doutrina de Jesus, como eu a compreendo, tem um significado inteiramente diferente. A instituição do reino de Deus depende de nossos esforços pessoais na prática da doutrina de Jesus tal como proposta pelos cinco mandamentos, que criaram o reino de Deus na Terra. O reino de Deus na Terra consiste nisso, em todos os homens estarem em paz uns com os outros. Foi assim que todos os profetas hebreus conceberam a lei de Deus. Paz entre os homens é a maior bênção que pode existir nesta Terra e está ao alcance de todos os homens. Esse ideal está em todo coração humano. Todos os profetas fizeram aos homens a promessa de paz. Toda a doutrina de Jesus tem apenas um objetivo, estabelecer a paz - o reino de Deus - entre os homens.

No Sermão da Montanha, na entrevista com Nicodemos, nas instruções dadas a seus discípulos, em todos os seus ensinamentos, Jesus

falou apenas disso, das coisas que dividiam os homens, que os afastavam da paz, que impediam que eles entrassem no reino dos Céus. As parábolas deixam claro para nós o que é o reino dos Céus e nos mostram o único caminho que existe para entrar nele, que é o de amar a nossos irmãos e de estar em paz com todos. João Batista, o precursor de Jesus, proclamou a aproximação do reino de Deus e declarou que Jesus o traria para a Terra. O próprio Jesus disse que sua missão era trazer a paz: "Deixo-lhes a paz, a minha paz lhes dou; não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem se atemorize" (João 14:27).

E a observância de seus cinco mandamentos vai trazer a paz para a Terra. Todos eles têm apenas um objetivo: estabelecer a paz entre os homens. Se os homens acreditassem na doutrina de Jesus e a praticassem, o reino da paz se instituiria na Terra - não aquela paz que é o trabalho do homem, parcial, precária e à mercê do acaso; mas a paz que tudo permeia, inviolável e eterna.

O primeiro mandamento nos diz para estar em paz com todos os outros e não considerar ninguém louco ou indigno. Se a paz for violada, devemos tentar restabelecê-la. A verdadeira religião consiste em acabar com a inimizade entre os homens. Devemos nos reconciliar sem demora, não devemos perder aquela paz interna que é a verdadeira vida (Mateus 5:22-24). Tudo está compreendido neste mandamento; mas Jesus sabia das tentações mundanas que impedem a paz entre os homens. A primeira tentação a colocar a paz em risco é aquela da relação sexual. Não devemos considerar o corpo um instrumento de luxúria; todo homem deve ter uma mulher, e toda mulher, um marido, e um nunca deve abandonar o outro, aconteça o que acontecer

(Mateus 5:28-32). A segunda tentação é a do juramento, que arrasta os homens ao pecado; prestar juramento é errado e não devemos nos ligar a ninguém por qualquer promessa desse tipo (Mateus 5:34-37). A terceira tentação é a da vingança, à qual damos o nome de justiça

humana; não devemos recorrer a ela sob qualquer pretexto; devemos suportar as ofensas e nunca retribuir o mal com o mal (Mateus 5:38-42). A quarta tentação é a que surge da diferença de nacionalidades, da hostilidade entre povos e Estados; mas devemos nos lembrar de que todos os homens são irmãos e filhos do mesmo Pai; de modo que devemos tomar cuidado para que a diferença de nacionalidade não leve à destruição da paz (Mateus 5:43-48).

Se os homens deixarem de praticar qualquer um desses mandamentos, a paz será violada. Se os homens praticarem todos esses mandamentos, que excluem o mal de sua vida, haverá paz na Terra. A prática desses cinco mandamentos realizaria o ideal da vida humana, aquele ideal que existe em todo coração humano. Todos os homens seriam irmãos e estariam em paz com todos os outros, desfrutando de todas as bênçãos da Terra até os últimos anos dados pelo Criador. Os homens transformariam suas lanças em tesouras de podar e então se instituiria o reino de Deus - aquele reino de paz anunciado por todos os profetas, que João Batista declarou que estava próximo e que Jesus proclamou nas palavras de Isaías:

O Espírito do Senhor está em mim, pois me escolheu para trazer boas novas aos pobres; enviou-me para pregar a liberdade aos cativos, para restaurar a vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e para anunciar o ano do favor do Senhor...<sup>12</sup>

E depois lhes disse: "Hoje se cumpriu esta escritura aos seus ouvidos" (Lucas 4:18,19,21).

12 Isaías 61:1,2.

Os mandamentos de paz dados por Jesus - aqueles mandamentos simples e claros que previam todas as possibilidades de dúvida e antecipavam todas as objeções - esses mandamentos proclamaram o reino de Deus sobre a Terra. Portanto, Jesus foi verdadeiramente o Messias. Ele cumpriu o que havia sido prometido. Mas nós não cumprimos os

mandamentos que devemos cumprir para estabelecer o reino de Deus sobre a Terra - aquele reino que todos os homens de todas as épocas desejaram sinceramente e que buscam incansavelmente, todos os dias.

## **Capítulo VII**

Por que é que os homens não fazem o que Jesus lhes ordenou que fizessem e não asseguraram desse modo a maior felicidade possível a seu alcance, a felicidade pela qual sempre ansiaram e que ainda desejam? A resposta a esta pergunta é sempre a mesma, embora expressa de maneiras diferentes. A doutrina de Jesus (assim dizem), que ensina aos homens como devem viver, é divina, é admirável e é verdade que, se a praticarmos, veremos o reino de Deus sobre a Terra; mas praticá-la é difícil e, por isso, dizem que essa doutrina é impraticável. Nós mesmos repetimos isso e ouvimos os outros repetirem isso tantas, tantas vezes, que não percebemos a contradição contida nessas palavras.

É natural para cada ser humano fazer o que lhe parece ser o melhor. Qualquer doutrina que ensine aos homens como eles devem viver os instrui apenas no que é o melhor para cada um. Se mostrarmos aos homens o que devem fazer para conseguir o que é melhor para cada um, como poderiam dizer que gostariam de fazer o que lhes é melhor, mas que é impossível? De acordo com a lei de sua natureza, não podem fazer o que é o pior para cada um e ainda assim dizer que não podem fazer o que é o melhor.

A atividade racional do homem, desde os seus primórdios, é aplicada na busca do melhor entre as contradições que envolvem a vida humana. Os homens lutavam pela terra, por objetos que lhes eram necessários; depois chegaram à divisão dos bens e a isso chamaram de propriedade; e, achando que esse arranjo, embora difícil de impor, era o melhor, mantiveram a propriedade. Os homens lutavam uns contra os outros pela posse das mulheres, e abandonavam seus filhos; e depois concluíram que era melhor que cada um tivesse sua própria família; e, embora fosse difícil sustentar uma família, eles a mantiveram, assim como mantiveram a propriedade e muitas outras coisas. Tão logo concluem que uma coisa é a melhor, por mais difícil que seja de obter, eles a mantêm. Qual é, então, o significado das palavras de que a doutrina de Jesus é admirável, que uma vida de acordo com a doutrina de Jesus seria melhor do que a vida que os homens levam agora, mas que os homens não conseguem levar essa vida melhor porque é difícil?

Se a palavra "difícil", usada dessa maneira, deve ser compreendida no sentido de que é difícil renunciar à sensação transitória dos desejos sensuais para obter um bem maior, por que não dizemos que é difícil trabalhar pelo pão, que é difícil plantar uma árvore para depois saborearmos seus frutos? Todo ser dotado de razão, por mais ru-

dimentar que seja, sabe que é preciso enfrentar dificuldades para obter um bem maior que aquele do qual desfrutou anteriormente. Mesmo assim, dizemos que a doutrina de Jesus é admirável, mas impossível de ser praticada, pois é difícil! Bom, ela é difícil porque, para segui-la, somos obrigados a nos privar de muitas coisas de que desfrutamos até agora. Nunca ouvimos dizer antes que é uma vantagem muito maior suportar dificuldades e privações do que satisfazer todos os nossos desejos? O homem pode cair ao nível das bestas, mas não deve usar a razão para fazer a apologia de sua bestialidade. A partir do momento em que começa a raciocinar, ele toma consciência de que é dotado de razão, e essa consciência o estimula a discernir entre o racional e o irracional. A razão não proíbe; esclarece, ilumina.

Suponha que eu esteja fechado em um quarto escuro e, ao procurar a porta, eu me machuque muitas vezes contra as paredes. Alguém me traz uma luz e eu vejo a porta. Não preciso mais me machucar para encontrar a porta; e muito menos devo eu afirmar que, embora seja melhor sair pela porta, essa é uma coisa difícil de fazer e que, por isso, prefiro me machucar batendo contra as paredes.

Segundo esse argumento maravilhoso, de que a doutrina de Jesus é admirável, e que sua prática traria a verdadeira felicidade ao mundo, mas que os homens são fracos e pecadores, que devem fazer o melhor e fazem o pior e, por conseguinte, não podem fazer o melhor - nessa estranha alegação há um equívoco gritante; há algo mais que um raciocínio defeituoso: há também uma ideia quimérica. Só uma ideia quimérica, que considera realidade algo que não existe, poderia levar os homens a negar a possibilidade de praticar aquilo que, segundo suas próprias conclusões, seria a sua verdadeira felicidade.

A ideia quimérica que reduziu os homens a essa condição é a religião cristã dogmática tal como é ensinada através dos diversos catecismos a todos os que professam o cristianismo da Igreja. Essa religião, de acordo com a definição dada por seus seguidores, consiste em aceitar como real aquilo que não existe - essas são as palavras de Paulo<sup>13</sup>, e elas são repetidas em todas as teologias e catecismos como a melhor definição de fé. É essa fé na realidade do que não existe que leva os homens a fazer a estranha afirmação de que a doutrina de Jesus é excelente para todos, mas de nada vale como diretriz para sua maneira de viver. Eis aqui um sumário exato do que essa religião ensina:

13 Heb. 11: 2 A fé é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhe-

cer realidades que não se veem. Um Deus pessoal, que desde toda a eternidade é uma de três pessoas, decidiu criar um mundo de espíritos. Esse Deus de bondade criou o mundo dos espíritos para eles usufruírem a felicidade, mas acontece que um dos espíritos se tornou espontaneamente mau. O tempo passou e Deus criou um mundo material, criou o homem para ele usufruir a felicidade, criou o homem feliz, imortal e sem pecado. A felicidade do homem consistia em desfrutar a vida sem esforço; sua imortalidade se devia à promessa de que essa vida duraria para sempre; sua inocência se devia ao fato de ele não ter qualquer noção de mal.

Hebreus 11:2: literalmente, "A fé é o esteio da esperança, a convicção 110 invisível". O homem foi enganado no paraíso por um dos espíritos da primeira criação, que se havia tornado espontaneamente mau. Esse momento marca a queda do homem, que gerou outros homens caídos como ele mesmo e, desde essa época, os homens tiveram de enfrentar o trabalho, a doença, o sofrimento, a morte, a luta física e moral pela existência; quer dizer, o ser fantástico que precedeu a queda se tornou real, tal como nós o conhecemos, e não temos qualquer direito ou razão para supor que ele nunca existiu. A condição do homem que trabalha duro, que sofre, que escolhe aquilo que lhe faz bem e rejeita aquilo que lhe é prejudicial, que morre - essa condição, que é a única condição real e a única concebível, não é, de acordo com a doutrina dessa religião, a condição normal do homem, e sim uma condição temporária e antinatural,

Mesmo que, de acordo com essa doutrina, essa condição persista para toda a humanidade desde a expulsão de Adão do Paraíso, ou seja, desde o começo do mundo até o nascimento de Jesus, e que continua exatamente a mesma desde o nascimento de Jesus, exige-se dos fiéis que acreditem que essa condição é anormal e temporária. De acordo com essa doutrina, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, que era ele mesmo Deus, foi enviado por Deus para o mundo com as características de um ser humano para resgatar todas as pessoas dessa condição temporária e anormal; para livrá-las dos sofrimentos que lhes foram infligidos por esse mesmo Deus por causa do pecado de Adão; e para restaurar a sua condição anterior e normal de felicidade - ou seja, imortalidade, inocência e ócio. De acordo com essa doutrina, ao sofrer a morte nas mãos dos homens, a segunda pessoa da Trindade expiou o pecado de Adão e pôs um fim àquela condição anormal que persistia desde o começo do mundo. E, desde então, os homens que têm fé em Jesus retomam à condição do primeiro homem no Paraíso - ou seja,

tornam-se imortais, inocentes e ociosos.

A doutrina não entra em muitos detalhes sobre o resultado prático da redenção, em virtude da qual a Terra, depois da vinda de Jesus, devia ter se tornado uma vez mais, ao menos para quem acredita nela, fértil em todos os lugares, sem necessidade do trabalho humano; a doença devia ter desaparecido e as mães deviam ter passado a ter filhos sem dor; mas é difícil convencer até mesmo os fiéis que estão consumidos por excesso de trabalho e que sucumbem ao sofrimento de que o trabalho é leve e que é fácil suportar as privações.

Mas aquela parte da doutrina que proclama a revogação da morte e do pecado é apresentada com ênfase redobrada. Dizem que os mortos continuam a viver. E, como os mortos não podem demonstrar que estão mortos, nem provar que estão vivos (assim como uma pedra não tem condições de afirmar que ela pode ou não pode falar), essa falta de negação é considerada prova, e dizem que os mortos não estão mortos. Dizem com mais solenidade e segurança ainda que, a partir do momento da vinda de Jesus, o homem que tiver fé nele estará livre do pecado; ou seja: que, a partir do momento da vinda de Jesus, não vai mais ser necessário ao homem guiar sua vida pela razão, nem escolher o melhor para si mesmo. Basta-lhe acreditar que Jesus o redimiou de

seus pecados para que ele se torne infalível, ou seja, perfeito. De acordo com essa doutrina, os homens devem acreditar que a razão é impotente e que, por isso, eles estão sem pecados, ou seja, não podem errar. Um verdadeiro fiel deve estar convencido de que, a partir da vinda de Jesus, a Terra produz sem trabalho, o parto é sem dor, as doenças deixam de existir e a morte e o pecado (ou seja, o erro) foram revogados; em uma palavra, o que existe, não existe, e o que não existe, existe.

Tal é a argumentação rigorosamente lógica da teologia cristã. Em si, essa doutrina parece inocente. Mas os desvios da verdade nunca são inofensivos e o peso de suas consequências está em proporção direta à importância do assunto ao qual esses erros são aplicados. E, aqui, o assunto em pauta é toda a vida do homem. O que essa doutrina considera a verdadeira vida é uma vida de felicidade pessoal, sem pecado e eterna; ou seja, uma vida que ninguém jamais conheceu e que não existe. Mas a vida que existe, a única vida que conhecemos, a vida que - vivemos e que toda a humanidade vive e tem vivido é, de acordo com essa doutrina, uma existência degradada e má, um mero reflexo fantasmagórico da vida feliz a que temos direito.

A luta entre os instintos animais e a razão, que é a essência da vida humana, essa doutrina não leva em conta. A luta que Adão tra-

vou no Paraíso - ao decidir se comia ou não do fruto da árvore do conhecimento - não está mais, de acordo com essa doutrina, dentro dos limites de experiência humana. A questão foi decidida, de uma vez por todas, por Adão no Paraíso. Adão pecou por todos; em outras palavras, ele errou, e todos os homens se degradaram irreparavelmente; e todos os nossos esforços para viver de acordo com a razão são inúteis e até pecaminosos. Isso eu devo saber, pois sou irreparavelmente mau. Minha salvação não depende de viver à luz da razão e, após discernir entre o bem e o mal, escolher o bem; não, Adão, de uma vez por todas, pecou por mim; e Jesus, de uma vez por todas, expiou o erro cometido por Adão; e assim eu, como espectador, devo chorar pela queda de Adão e rejubilar-me com a redenção através de Jesus.

De acordo com essa doutrina, todo amor pela verdade e pelo bem que existe no coração do homem, todos os esforços para iluminar sua vida espiritual com a luz da razão, não são apenas de somenos importância; são uma tentação, um estímulo ao orgulho. A vida como ela é nesta Terra, com todas as suas alegrias e esplendores, suas lutas da razão contra as trevas - a vida de todos os homens que viveram antes de mim, minha própria vida com suas lutas internas e seus triunfos - nada disso é a verdadeira vida; esta é a vida decaída, uma vida irreparavelmente má. A verdadeira vida, a vida sem pecado, essa existe somente na fé, ou seja, na imaginação, ou seja, na demência.

Digamos que alguém quebre o hábito de acreditar em tudo isso, um hábito adquirido na infância; digamos que alguém olhe corajosamente para essa doutrina como ela é; digamos que alguém faça o esforço de se pôr na pele de um homem sem preconceitos, educado fora dessa doutrina - e digamos que depois esse alguém pergunte a si mesmo se essa doutrina não pareceria, aos olhos desse alguém, um produto da mais absoluta insanidade.

Por mais estranho e chocante que tudo isso possa ter sido para mim, fui obrigado a examinar essa situação, pois só nela encontrei a explicação para a objeção, tão desprovida de lógica e de bom senso, que ouvi em toda parte sobre a impossibilidade de praticar a doutrina de Jesus: ela é admirável e daria aos homens a verdadeira felicidade, mas os homens não são capazes de praticá-la.

Só a convicção de que a realidade não existe e que o inexistente é real poderia levar os homens a essa contradição surpreendente. E essa falsa contradição encontrei na religião pseudocristã que os homens pregam há mil e quinhentos anos.



A objeção de que a doutrina de Jesus é excelente, mas impraticável não é feita só pelos fiéis, mas também pelos céticos, aqueles que não creem ou pensam que não creem nos dogmas da queda do homem e da sua redenção; é feita por homens de ciência e por filósofos que se consideram imunes a todo e qualquer preconceito, Eles não acreditam ou acham que não acreditam em nada e, por isso, consideram a si mesmos acima de superstições como o dogma da queda e da redenção, Primeiro me pareceu que essas pessoas tinham sérios motivos para negar a possibilidade de praticar a doutrina de Jesus Mas, depois de examinar a fonte de sua negação, fiquei convencido de que os céticos, assim como aqueles, que acreditam na doutrina de Jesus, têm uma falsa concepção da vida, para eles a vida não é o que é. mas que o imaginam que deve ser - e a base dessa concepção é a mesma daquela dos que acreditam em Jesus. É verdade que os céticos que fingem não acreditar em nada, não acreditam em Deus, nem em Jesus, nem em Adão; eles acreditam, isso sim, em uma ideia fundamental que está na base de sua concepção equivocada - no direito do homem a uma vida de felicidade - muito mais firmemente do que os teólogos.

Em vão a ciência e a filosofia posam de árbitros da consciência humana, da qual elas são de fato apenas servas, A religião ofereceu uma concepção de vida e a ciência viaja no caminho batido A religião revela o sentido da vida e a ciência se atem a aplicar esse sentido ao desenrolar dos acontecimentos, Portanto, se a religião falsifica o sentido da vida humana, a ciência, que foi construída sobre os mesmos alicerces, só pode expressar as mesmas ideias fantasiosas.

De acordo com a doutrina da Igreja, os homens têm direito à felicidade, e essa felicidade não é resultado de seus próprios esforços, e sim de causas ,externas, Essa concepção se tornou a base da ciência e da filosofia. Religião, ciência e opinião pública todas são uníssonas em nos dizer que a vida que agora levamos é má e ao mesmo tempo, afirmam que a

doutrina que nos ensina a conseguir melhorar a vida é uma doutrina impraticável. A religião diz que a doutrina de Jesus, que apresenta um método razoável para a melhoria da vida por nossos próprios esforços, é impraticável porque Adão caiu e o mundo foi mergulhado no pecado. A

filosofia diz que a doutrina de Jesus é impraticável porque a vida humana se desenvolve de acordo com leis que são independentes da vontade humana. Em outras palavras, as conclusões da ciência e da filosofia são exatamente as mesmas conclusões a que a religião chegou com base nos dogmas do pecado original e da redenção.

Há duas teses principais na base da doutrina da redenção: (a) a vida normal do homem é uma vida de felicidade, mas nossa vida na Terra é de miséria e nunca vai melhorar graças a nossos próprios esforços; (b) nossa salvação está na fé, que nos permite escapar dessa vida de miséria. Essas duas teses são a fonte das concepções religiosas tanto dos fiéis que acreditam em Jesus quanto dos céticos que constituem nossas sociedades pseudocristãs. A segunda tese deu origem à Igreja e à sua organização; da primeira derivam os princípios herdados da opinião pública e de nossas teorias políticas e filosóficas. O germe de todas as teorias políticas e filosóficas que buscam justificar a ordem existente das coisas - como o hegelianismo e suas ramificações - está nessa tese primordial. O pessimismo, que exige o que a vida não pode dar e depois nega o seu valor, também tem sua origem na mesma posição dogmática. O materialismo, com sua afirmação estranha e entusiástica de que o homem é o produto de forças naturais, e só, é o resultado legítimo da doutrina que ensina que a vida na Terra é uma existência degradada. O espiritismo, com seus adeptos cultos, é a melhor prova que temos de que as conclusões da filosofia e da ciência são baseadas na doutrina religiosa daquela felicidade eterna que deveria ser a herança natural do homem.

Essa falsa concepção de vida tem tido uma influência deplorável sobre toda atividade racional humana. O dogma da queda e da redenção tem excluído o homem do mais importante e legítimo campo de exercício de suas capacidades e o privou inteiramente da ideia de que ele pode, por si mesmo, fazer alguma coisa para tornar sua vida mais feliz, ou melhor. A ciência e a filosofia, acreditando orgulhosamente ser antípodas do pseudocristianismo, só fazem executar os seus decretos. A ciência e a filosofia se preocupam com tudo, menos com a teoria de que o homem pode fazer alguma coisa para se tornar melhor ou mais feliz. A educação moral e ética desapareceram de nossa sociedade pseudocristã sem deixar vestígios.

Tanto os que acreditam na doutrina de Jesus quanto os céticos, que se preocupam tão pouco com a questão da maneira de viver, da maneira de usar a razão com a qual fomos dotados, perguntam por que

a nossa vida terrena não é aquela que eles imaginam que deveria ser, e quando ela virá a ser aquela que eles desejam. Esse fenômeno singular se deve à falsa doutrina que penetrou na própria medula da humanidade. Os efeitos do conhecimento do bem e do mal, que o homem adquiriu tão sofridamente no Paraíso, parecem não ter durado muito; pois, desprezando a verdade de que a vida é apenas uma solução das contradições entre os instintos animais e a razão, ele impassivelmente deixa de usar sua razão para descobrir as leis históricas que governam sua natureza animal.

Com exceção das doutrinas filosóficas do mundo pseudocristão, e todas as doutrinas filosóficas e religiosas das quais temos conhecimento - o judaísmo, a doutrina de Confúcio, o budismo, o bramismo, a sabedoria dos gregos - todas visam a regular a vida humana e esclarecer os homens em relação ao que eles devem fazer para melhorarem sua condição. A doutrina de Confúcio ensina o aperfeiçoamento individual; o judaísmo, a fidelidade pessoal a uma aliança com Deus; o budismo, como escapar de uma vida governada por instintos animais; Sócrates ensinava o aperfeiçoamento do indivíduo através da razão; os estoicos reconheciam a independência da razão como a única base da verdadeira vida.

A atividade racional do homem sempre foi - e não poderia ser diferente - iluminar, com a tocha da razão, seu caminho rumo à beatitude. A filosofia nos diz que o livre-arbítrio é uma ilusão, e depois se vangloria da audácia dessa declaração. O livre-arbítrio não é apenas uma ilusão; é uma palavra vazia inventada por teólogos e peritos em direito penal; refutá-la seria iniciar uma batalha com um moinho de vento. Mas a razão, que ilumina nossa vida e nos impele a modificar nossas atitudes, nada tem de ilusão, e é impossível negar sua autoridade. Obedecer à razão na busca do bem é a substância dos ensinamentos de todos os mestres da humanidade, e é a substância da doutrina de Jesus; é a própria razão e não podemos negar a razão com o uso da razão.

Usando a expressão "filho do homem", Jesus ensina que todos nós temos o mesmo impulso em direção ao bem e em direção à razão, que leva ao bem. É supérfluo tentar provar que "filho do homem" significa "filho de Deus". Ver nas palavras "filho do homem" algo diferente do que elas significam é supor que Jesus, para dizer o que desejava dizer, usou intencionalmente palavras que têm um significado inteiramente diferente. Mas, ainda que, segundo a Igreja, "filho do homem" signifique "filho de Deus", mesmo assim a expressão "filho do homem" se aplica ao homem, pois o próprio Jesus chamou todos os homens de

"filhos de Deus".

A doutrina do "filho do homem" tem seu enunciado mais completo na entrevista com Nicodemos. Todo homem, diz Jesus, além da consciência de sua vida material, individual, e de seu nascimento na carne, também tem consciência de um nascimento espiritual (João 3:5,6,7), de uma liberdade interior, de algo dentro; isso vem do alto, do infinito que chamamos de Deus (João 3:14-17); ora, é essa consciência interior nascida de Deus, o filho de Deus no homem, que devemos assumir e alimentar, se quisermos a verdadeira vida. O filho do homem é homogêneo (da mesma natureza) de Deus.

Quem quer que exalte dentro de si esse filho de Deus, quem quer que identifique sua vida com a vida espiritual, não se desvia do verdadeiro caminho. Os homens se desviam do caminho porque não acreditam nessa luz que está dentro deles, a luz da qual João fala quando diz: "nele estava a vida; e a vida era a luz dos homens": Jesus nos aconselha a exaltar o filho do homem, que é o filho de Deus e uma luz para todos os homens. Depois de exaltar o filho do homem, saberemos que nada podemos fazer sem sua orientação (João 8:28). Quando lhe perguntaram: "Quem é esse 'filho do homem'?", Jesus respondeu: "Por algum tempo ainda a luz estará entre vocês"<sup>14</sup>, Caminhem enquanto têm a luz, para que as trevas não os apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai" (João 12:35).

O filho do homem é a luz que todo homem tem para iluminar sua vida. "Vejam, então, que a luz que há em vocês não seja treva", é o aviso de Jesus à multidão (Lucas 11:30).

Em todas as diferentes eras da humanidade deparamos com a mesma ideia: que o homem é o receptáculo da luz divina descida do céu e que essa luz é a razão, e que só ela deveria ser objeto de nossa veneração, pois só ela pode mostrar o caminho que leva à verdadeira felicidade, Isso foi dito pelos brâmanes, pelos profetas hebreus, por Confúcio, por Sócrates, por Marco Aurélio, por Epicteto e por todos os verdadeiros sábios - não pelos compiladores de teorias filosóficas, mas por homens

14 Em todas as traduções autorizadas pela Igreja, achamos aqui um erro talvez intencional. As palavras *év ũmĩv*, que querem dizer "em vós", são invariavelmente traduzidas *convosco*.

que buscavam o bem para si mesmos e para os outros<sup>15</sup>. E, apesar disso, declaramos, de acordo com o dogma da redenção, que é inteiramente supérfluo pensar na luz que está em nós e que não devemos falar dela em hipótese alguma!

Dizem os fiéis que devemos estudar as três pessoas da Trindade;

devemos conhecer a natureza de cada uma dessas pessoas e que sacramentos devemos ou não devemos realizar, pois nossa salvação não depende de nossos esforços, e sim da Trindade e da realização regular dos sacramentos. Devemos, dizem os céticos, conhecer as leis pelas quais essa partícula infinitesimal de matéria evoluiu no espaço infinito e no tempo infinito; mas é absurdo supor que só por meio da razão é possível chegar à verdadeira felicidade, uma vez que o aperfeiçoamento da condição humana não depende do próprio homem, e sim das leis que estamos tentando descobrir.

Eu acredito firmemente que, daqui a poucos séculos, a história daquilo que chamamos de atividade científica desta era será um assunto prolífico para a hilaridade e pena das gerações futuras. Elas vão dizer que, durante diversos séculos, os eruditos da parte ocidental de um grande continente foram vítimas de uma insanidade epidêmica; supunham levar uma vida de beatitude eterna e ocupavam-se com diversas elucubrações,

15 Marco Aurélio diz: "Reverencie aquilo que é o melhor no universo; e o que é melhor no universo é aquilo que faz uso de todas as coisas e dirige todas as coisas. E, da mesma forma, reverencie também aquilo que há de melhor em você mesmo; o que há de melhor em você é da mesma espécie que o que há de melhor no universo. Pois também em você, aquilo que é o melhor no universo faz uso de tudo o mais, e sua vida é dirigida por isso" (*Meditações* v. 21).

Epicteto diz: "De Deus desceram as sementes não apenas para meu pai e avô, mas para todos os seres que são gerados na Terra e são produzidos, e particularmente para os seres racionais; pois apenas esses são por sua natureza formados para ter comunhão com Deus, sendo por meio da razão unidos a Ele" (*Discursos*, Capo IX).

Confúcio diz: "A lei do grande aprendizado consiste em desenvolver e restabelecer o princípio luminoso da razão que recebemos, do alto". Essa sentença é repetida muitas vezes e constitui a base da doutrina de Confúcio.

com as quais procuravam determinar de que maneira essa vida poderia ser compreendida, sem fazer nada eles mesmos - e sem se preocupar sequer com o que deveriam fazer - para melhorar a vida que já tinham. E o que vai parecer muito mais melancólico aos futuros historiadores é que esse grupo de homens teve certa vez um mestre que lhes ensinou algumas regras claras e simples, mostrando o que fazer para tornar felizes suas vidas - e que as palavras desse mestre foram interpretadas por alguns de modo a significar que ele viria em uma nuvem para reorganizar a sociedade humana; por outros, como uma doutrina admirável, mas impraticável, pois a vida humana não era o que pensavam ser e, por isso, não era digna de consideração; quanto à razão humana, ela deve se preocupar com o estudo das leis de uma existência imaginária, deixando de lado a felicidade do homem individual.

A Igreja diz que a doutrina de Jesus não pode ser praticada literalmente aqui na Terra porque essa vida terrena é naturalmente má, uma

vez que ela é apenas uma sombra da verdadeira vida. A melhor maneira de viver é desprezar essa existência terrena, deixar que a fé (ou seja, pela imaginação) seja o guia para uma vida feliz e eterna no futuro e continuar levando aqui uma vida ruim, e rezar ao bom Deus.

Filosofia, ciência e opinião pública, todas dizem que a doutrina de Jesus não é aplicável à vida humana como ela é agora, porque a vida do homem não depende da luz da razão, e sim de leis gerais; portanto, é inútil tentar viver de forma absolutamente conforme com a razão; devemos viver como pudermos com a firme convicção de que, de acordo com as leis do progresso histórico e sociológico, depois de ter vivido muito mal durante muito, muito tempo, de repente vamos descobrir que nossas vidas se tornaram muito boas.

Algumas pessoas chegam a uma fazenda; e descobrem lá tudo o que é necessário para manter a vida - uma casa bem mobiliada, celeiros cheios de grãos, porões e despensas bem abastecidos de provisões, implementos de agricultura, cavalos e gado - em uma palavra, tudo o que é necessário para uma vida de conforto e tranquilidade. Todas elas desejam usufruir essa abundância, mas cada uma por si, sem pensar nas outras ou naquelas que virão depois. Todas elas querem tudo para si e começam a pegar tudo em que conseguem pôr as mãos. E tem início uma verdadeira pilhagem; elas lutam pela posse dos espólios; bois e carneiros são mortos; carroças e outros implementos são transformados em lenha; elas lutam pelo leite e pelo grão; elas se apoderam de mais do que podem consumir. Nenhuma delas é capaz de desfrutar tranquilamente o que tem, com receio de que outro tome os espólios já assegurados e de ter de entregá-los, por sua vez, a alguém mais forte. Todas essas pessoas deixam a fazenda feridas e famintas. Logo depois o Mestre põe tudo em ordem e organiza as coisas de modo que todos possam viver em paz ali. A fazenda volta a ser um tesouro de abundância. Então vem outro grupo de pessoas e a mesma luta e confusão se repetem, até que essas, por sua vez, vão embora feridas e iradas, amaldiçoando o Mestre por lhes oferecer tão pouco e tão mal. O bom Mestre não desanima; provê novamente tudo o que é necessário para manter a vida - e os mesmos incidentes se repetem novamente muitas vezes.

Finalmente, entre aqueles que chegam à fazenda, há um que diz a seus companheiros: "Companheiros, como somos tolos! Vejam que há grande abundância de tudo, que tudo está bem organizado! Aqui há o suficiente para nós e para aqueles que virão depois de nós; vamos ser razoáveis. Em vez de roubarmos uns aos outros, vamos ajudar uns aos outros. Vamos trabalhar, plantar, cuidar dos animais; assim todos fica-

rão satisfeitos". Alguns dos companheiros compreendem o que diz esse sábio; param de lutar e de roubar uns aos outros e começam a trabalhar. Mas os outros, que não ouviram as palavras daquele sábio, ou que não confiam nele, continuam pilhando como antes os bens do Mestre. Esse estado de coisas dura muito tempo. Aqueles que seguiram os conselhos

do sábio dizem aos que os rodeiam: "Parem de lutar, parem de dilapidar os bens do Mestre; é melhor fazer assim; sigam o conselho do sábio".

Entretanto, muitos não ouvem ou não querem acreditar nessas palavras e as coisas continuam como antes.

Tudo isso é natural e vai continuar enquanto as pessoas não acreditarem nas palavras do sábio. Mas dizem que virá um tempo em que todos os que estão na fazenda vão ouvir e compreender as palavras daquele sábio e vão perceber que Deus falou por sua boca, e que o sábio era, nem mais nem menos, Deus em pessoa; e todos vão ter fé em suas palavras. Enquanto isso, em vez de viver de acordo com o conselho do sábio, todos lutam por conta própria e se matam uns aos outros sem piedade, dizendo que "A luta pela existência é inevitável; é impossível viver de outra maneira":

O que tudo isso significa? Até mesmo os animais pastam nos campos sem interferir com as necessidades uns dos outros; e os homens, depois de descobrirem a verdadeira vida, depois de se convencerem de que o próprio Deus lhes mostrou como viver a verdadeira vida, ainda continuam vivendo mal e dizendo que é impossível viver, de outra maneira. O que pensar daquelas pessoas da fazenda se, depois de ouvirem as palavras do sábio, tivessem continuado a viver como antes, tirando o pão da boca dos outros, lutando e tentando se apoderar de tudo, em prejuízo de si mesmas? Diríamos que entenderam mal as palavras do sábio e acharam que as coisas são diferentes, do que realmente são. O sábio disse a elas: "Vocês estão vivendo mal; mudem de atitude que vão passar a viver bem". E elas concluíram que o sábio tinha condenado sua vida na fazenda e prometido a elas uma outra vida melhor em algum outro lugar. Concluíram que a fazenda era apenas um lugar de residência temporária e que não valia a pena tentar viver bem lá; o importante era não ser enganado a respeito da outra vida prometida a elas em algum outro lugar. Esta é a única maneira pela qual podemos explicar a estranha conduta das pessoas da fazenda, entre as quais algumas acreditavam que o sábio era Deus, e outras que ele era um santo, mas todas continuaram vivendo como antes, a despeito das palavras do sábio. Elas compreendiam tudo, menos a única verdade importante dos ensinamentos do sábio: que devem trabalhar elas mesmas pela sua própria paz e felicidade lá na fazen-

da, que elas consideravam um domicílio temporário, pensando durante todo o tempo na vida melhor que iriam levar a algum outro lugar.

Eis aqui a origem da estranha declaração de que os preceitos do sábio eram admiráveis, divinos até, mas que eram difíceis de ser praticados.

Ah! Se ao menos os homens se afastassem do mal enquanto esperam pela vinda de Cristo, que vai vir em seu auxílio no seu carro de fogo ... se parassem de invocar a lei de diferenciação ou de integração de forças, ou qualquer lei histórica! Ninguém virá em seu auxílio se eles não se ajudarem a si mesmos. E, para ajudar a nós mesmos a ter uma vida melhor, nada precisamos esperar do Céu ou da Terra; só precisamos parar de nos comportar de forma que nos fazem mal.

### Capítulo VIII

Se reconhecermos que a doutrina de Jesus é absolutamente razoável e que só ela pode dar a verdadeira felicidade aos homens, qual seria a situação de um único seguidor dessa doutrina no meio de um mundo que não a pratica de forma nenhuma? Se todos os homens resolvessem obedecer a ela ao mesmo tempo, sua prática seria possível. Mas um homem sozinho não tem condições de agir contrariando o mundo todo; e é por isso que ouvimos constantemente a seguinte alegação: "Se, entre os homens que não praticam a doutrina de Jesus, somente eu obedecer a ela; se eu der tudo o que possuo; se eu virar a outra face; se me recusar a jurar ou a ir à guerra, ficarei no mais profundo isolamento; se eu não morrer de fome, serei espancado; se eu sobreviver aos maus tratos, serei lançado na prisão; serei fuzilado e toda a felicidade de minha vida - e a minha própria vida - serão sacrificadas em vão".

Essa alegação se baseia na doutrina do *quid pro quo* [engano que consiste em tomar uma coisa por outra], que é a base de todos os argumentos contra a possibilidade de praticar a doutrina de Jesus. Ela é a objeção corrente e simpatizei com ela, assim como todo o resto do mundo, até que finalmente rompi com os dogmas da Igreja que me impediam de compreender o verdadeiro significado da doutrina de Jesus. Ele propôs sua doutrina como um meio de salvação da vida de perdição organizada por homens contrários aos seus preceitos; e declarei que eu me sentiria muito feliz por seguir essa doutrina se não fosse o medo dessa própria perdição. Jesus me ofereceu o verdadeiro remédio contra uma vida de perdição e me agarrei à vida de perdição! O que prova que eu não considerava essa vida uma vida de perdição, mas algo bom, algo real. A convicção de que minha vida pessoal e mundana era real e boa constituía a incompreensão, o obstáculo que me impedia de entender a doutrina de Jesus. Ele conhecia a tendência dos homens de considera-



rem real e boa a sua vida pessoal e mundana e, por isso, com uma série de aforismos e parábolas, mostrou-Lhes que eles não tinham direito à vida, que receberam a vida apenas para que pudessem conquistar por si mesmos a verdadeira vida por meio da renúncia à organização mundana e fantasiosa da existência.

Para compreender o que se quer dizer por "salvar" a própria vida, de acordo com a doutrina de Jesus, antes é necessário entender o que os profetas, o que Salomão, o que o Buda, o que todos os sábios do mundo disseram sobre a vida pessoal do homem. Mas, como diz Pascal, não suportamos pensar sobre esse assunto e, por isso, carregamos sempre à nossa frente uma cortina para esconder o abismo da morte, em direção ao qual sempre estamos indo. Basta refletir sobre a solidão da vida pessoal do homem para ficar convencido de que essa vida, no que ela tem de pessoal, não é só de somenos importância para cada um considerado isoladamente, como também uma piada cruel com o coração e com a razão. Para compreender a doutrina de Jesus, devemos antes de tudo retomar a nós mesmos, refletir sobriamente, sofrer a μετάνοια [metanoia] da qual fala João Batista, o precursor de Jesus, ao se dirigir a homens de poucas luzes. "Arrependam-se" (este era sua pregação), "arrependam-se, pensem de outra maneira, senão perecerão todos. O machado foi lançado na raiz das árvores. Morte e perdição esperam cada um de vocês, Fiquem avisados, voltem, arrependam-se". E Jesus declarou: "Se não se arrependerem, todos vocês vão perecer igualmente". Quando contaram a Jesus da morte dos galileus massacrados por Pilatos, ele disse:

Vocês acham que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu lhes garanto; mas, se vocês não se arrependerem, todos igualmente perecerão. Ou vocês pensam que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Silo é e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu lhes garanto; mas, se vocês não se arrependerem, todos igualmente perecerão (Lucas, 13:1-5).

Se ele tivesse vivido na Rússia de nossos dias, teria dito: "Pensam vocês que aqueles que pereceram no circo de Berdichev ou nas ladeiras de Kukuiev eram mais pecadores do que os outros? Não eram, eu lhes garanto; mas, se vocês não se arrependerem, se não acordarem, se não descobrirem em sua vida o que é imperecível, vocês também vão perecer. Vocês estão horrorizados pela morte daqueles esmagados pela torre, daqueles queimados no circo; mas a morte de vocês, igualmente tão pavorosa quanto

inevitável, está à sua frente. Vocês estão errados ao escondê-la ou procurar esquecê-la; inesperada, ela é ainda mais horrenda':  
Às pessoas de sua época, ele disse o seguinte:

Quando vocês veem subir uma nuvem do ocidente, logo dizem, 'Lá vem chuva': e assim acontece; e quando veem soprar o vento sul, vocês dizem, 'Vai fazer calor'; e é o que acontece. Seus hipócritas, vocês sabem interpretar a face da terra e do céu; como não sabem então interpretar este momento? E por que não discernem também por si mesmos o que é justo? (Lucas 12:54-57).

Sabemos interpretar os sinais do clima; por que, então, não vemos o que está à nossa frente? É em vão que fugimos do perigo e protegemos nossa vida material por todos os meios imagináveis; apesar de tudo, a morte está à nossa frente, se não de um modo, então de outro; se não por massacre, ou pela queda de uma torre, então em nossa cama, em meio a um sofrimento muito maior.

Façam um cálculo simples, como aqueles que se propõem realizar qualquer projeto mundano, qualquer empresa que seja, tal como a construção de uma casa, ou a compra de uma propriedade, como aqueles que trabalham na esperança de ver seus cálculos traduzidos em realidade.

Pois qual de vocês, pretendendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não acontecer que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem, dizendo, 'Este homem começou a construir e não conseguiu terminar seu edifício'. E qual é o rei que, partindo para combater outro rei, não se senta primeiro para calcular se, com dez mil homens, vai poder enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? (Lucas 14:28-31).

Não é próprio de um louco trabalhar em algo que, aconteça o que acontecer, ele nunca vai poder concluir? A morte sempre virá antes que o , edifício da prosperidade mundana possa ser completado. E se soubéssemos de antemão que, por mais que lutemos contra a morte, não seremos nós, e sim a morte que vai triunfar? Não é isso um sinal de que não devemos lutar contra a morte, nem comprometer nosso coração com aquilo que certamente vai perecer, e sim procurar realizar a tarefa cujos frutos não podem ser destruídos por nossa partida inevitável?

E disse a *seus* discípulos - por isso Lhes digo: não fiquem ansiosos quanto

à sua vida, pelo que vão comer, nem quanto ao corpo, pelo que vão vestir. Pois a vida é mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa. Vejam os corvos, que não semeiam nem ceifam; não têm despensa nem celeiro; contudo, Deus os alimenta. Quanto mais não valem vocês do que as aves! E qual de vocês, por mais ansioso que esteja, pode prolongar, por pouco que seja, a sua existência? Portanto, se não podem fazer nem as coisas mínimas, por que ficam ansiosos pelas outras? Vejam os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; mas eu lhes digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles (Lucas 12:22-27).

Sejam quais forem os esforços que tenhamos de fazer para conseguir alimento ou cuidar do corpo, não podemos prolongar a vida por uma única hora<sup>16</sup>. Não é loucura nos preocuparmos com uma coisa que possivelmente não conseguiremos concluir? Sabemos perfeitamente bem que nossa vida material vai terminar com a morte e nos entregamos ao mal para obter riquezas. A vida não pode ser medida por aquilo que possuímos; ao pensarmos assim, só nos iludimos. Jesus nos diz que o significado da vida não reside naquilo que possuímos ou naquilo que podemos acumular, mas em algo inteiramente diferente. Ele diz:

o campo de um homem rico produzira com abundância; e ele pensava consigo, dizendo: o que fazer? Pois não tenho onde guardar os meus grãos. Disse então - vou fazer o seguinte: vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali vou guardar todos os meus cereais e os meus bens; e vou dizer à minha alma: alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come e bebe regaladamente. Mas Deus lhe disse: insensato, esta noite pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico diante de Deus (Lucas 12:16-21).

A morte nos ameaça a cada momento, Jesus diz:

Continuem com roupa de trabalho e mantenham acesas as suas candeias; sejam como os homens que esperam o seu senhor que, ao voltar das núpcias,

16 As palavras do versículo 25 estão traduzidas incorretamente; a palavra ἡλικίαν significa idade, idade de vida; conseqüentemente, a frase deveria ser traduzida como: pode acrescentar uma hora à sua vida.

quando vier e bater, logo possam abrir-lhe a porta. Felizes aqueles servos, aos quais o senhor, quando vier, encontrar em vigília! Em verdade lhes digo vai vestir roupa de trabalho e fazê-los sentar-se à mesa e, aproximando-se, ele os servirá. Quer ele chegue na segunda noite de vigília, quer na terceira, felizes deles, se assim os encontrar. Saibam, porém, o seguinte: se o dono da casa sou-

besse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que roubasse a sua casa. Estejam vocês também de sobreaviso; porque, em uma hora em que vocês não sabem, virá o Filho do Homem (Lucas 12:35-40).

A parábola das virgens esperando pelo noivo, a parábola da consumação dos tempos e do último julgamento, como todos os comentaristas concordam, têm como objetivo dizer que a morte pode chegar a qualquer momento. A morte nos espreita a cada momento. A vida é passada sob a vista da morte. Se trabalharmos somente para nós mesmos, para nosso futuro pessoal, é bom saber que o que nos espera no futuro é a morte. E a morte vai destruir todos os frutos de nosso trabalho. Portanto, uma vida vivida só para si não tem sentido. A vida racional é diferente; tem outro objetivo além dos míseros desejos de um único indivíduo. A vida racional consiste em viver de tal modo que a vida não possa ser destruída pela morte. Muitas coisas nos incomodam, mas só uma é necessária.

Desde a hora de seu nascimento, o homem é ameaçado por um perigo inevitável, ou seja, por uma vida desprovida de significado, e por uma morte terrível, se não descobrir o fator essencial para a verdadeira vida. Ora, é exatamente esse fator que assegura a vida verdadeira que Jesus revela aos homens. Ele nada inventa, ele nada promete fazer através do poder divino; lado a lado com sua vida pessoal, que é uma ilusão, ele só revela a verdade aos homens.

Na parábola dos lavradores assassinos (Mateus 21:33-42), Jesus explica a causa daquela cegueira dos homens que escondem a verdade de si e que os impele a tomar o aparente pelo real, a vida pessoal pela

verdadeira vida. Certos homens, tendo arrendado uma vinha, começaram a achar que eram os donos. E essa ilusão os levou a uma série de ações tolas e cruéis, culminando com seu exílio. Da mesma forma, todos nós achamos que a vida é nossa propriedade pessoal e que temos o direito de desfrutá-la da maneira que nos parecer melhor, sem admitir qualquer obrigação com os outros. E a consequência inevitável dessa ilusão é uma série de ações tolas e cruéis seguida pela exclusão da vida. E, como os lavradores assassinaram os servos e, por fim, o filho do dono da vinha, pensando que quanto mais cruéis fossem, mais facilmente atingiriam seus objetivos, também nós achamos que vamos conseguir uma segurança maior por meio da violência.

A expulsão, a sentença inevitável infligida aos lavradores por terem se apropriado dos frutos da vinha, também espera todos os homens

que acham que a vida pessoal é a verdadeira vida. A morte os expulsa da vida; eles são substituídos por outros, em consequência do erro que os levou a entender mal o significado da vida. Assim como os lavradores se esqueceram, ou não queriam se lembrar, de que haviam recebido uma vinha já cercada com sebe, lagar e torre, que alguém tinha trabalhado para eles e esperava que eles fizessem sua parte em favor de outros - assim os homens que querem viver para si mesmos se esquecem, ou não querem se lembrar, de tudo aquilo que foi feito para eles durante sua vida; eles se esquecem que assumiram uma obrigação de trabalhar por sua vez e que todas as bênçãos da vida de que eles desfrutaram são os frutos que devem dividir com outros.

Essa nova maneira de olhar para a vida, essa μετάνοια, [metanoia] ou arrependimento, é a pedra fundamental da doutrina de Jesus. De acordo com essa doutrina, os homens devem compreender e sentir que estão insolventes, como os lavradores deveriam ter compreendido e sentido que estavam insolventes para com o dono da vinha, incapazes de pagar a dívida contraída pelas gerações passadas, presentes e futuras, com um poder superior. Precisam sentir que cada hora de sua existência é para a redenção de sua dívida e que todo homem que, por conta de uma vida egoísta, não cumpre essa obrigação, afasta-se do princípio da vida e, por isso, merece a morte. Todos devem se lembrar de que, ao tentar salvar a própria vida, a sua vida pessoal, perdem a verdadeira vida, como Jesus disse tantas vezes. A verdadeira vida é a vida que acrescenta algo ao quinhão de felicidade acumulado pelas gerações passadas, que aumenta essa herança no presente e a entrega ao futuro. Para tomar parte nessa vida verdadeira, o homem deve renunciar à sua vontade pessoal em favor da vontade do Pai, que dá vida a esse homem. Em João 8:35, lemos: "Ora, o escravo não fica para sempre na casa; mas o filho fica para sempre":

Ou seja, só o filho que observa a vontade do pai terá vida eterna.

Ora, a vontade do Pai da Vida não é a vida pessoal, egoísta, e sim a vida devotada do filho do homem; assim o homem salva sua vida quando a considera um penhor, algo confiado a ele pelo Pai para o bem de todos, algo com que viver a vida do filho do homem.

Um homem, prestes a viajar para um país distante, reuniu seus servos e dividiu entre eles os seus bens. Embora não tivessem recebido instruções precisas sobre a maneira de usar esses bens, alguns dos servos entenderam que eles ainda pertenciam ao senhor e que deveriam ser empregados em benefício deste. E os servos que trabalharam em favor de seu amo foram recompensados, ao passo que os outros, que não tinham feito isso, foram destituídos até mesmo do que tinham recebido

(Mateus 25: 14-46).

A vida do filho do homem foi dada a todos os homens e eles não sabem a razão. Alguns entenderam que a vida não é para seu uso pessoal, e sim para ser empregada em benefício do filho do homem; outros, fingindo não compreender o verdadeiro objetivo da vida, recusam-se a trabalhar para o filho do homem; e aqueles que trabalham para a verdadeira

vida serão unidos com a fonte da vida; aqueles que não trabalham nesse sentido vão perder a vida que têm agora. Jesus nos diz em que consiste o serviço do filho do homem e qual será a recompensa por aquele serviço. O filho do homem, dotado de autoridade de rei, vai chamar os fiéis para herdar a verdadeira vida; eles saciaram a fome, deram de beber aos sedentos, vestiram e consolaram os desgraçados, e tudo o que fizeram, fizeram ao filho do homem, que é o mesmo em todos os homens; não viveram uma vida pessoal, e sim a vida do filho do homem e, por isso, receberam a vida eterna.

De acordo com todos os Evangelhos, o alvo dos ensinamentos de Jesus era a vida eterna. E, por mais estranho que pareça, Jesus, que se supõe que tenha ele mesmo ressuscitado, e que teria prometido uma ressurreição geral- Jesus não fez afirmação alguma a respeito de uma ressurreição individual, nem de imortalidade individual além- túmulo, muito ao contrário: e toda vez com que deparamos com essa superstição (introduzida nessa época no Talmude, e da qual não há nenhum vestígio nos registros dos profetas hebreus), vemos que ele nunca deixou de negar sua veracidade. Os fariseus e os saduceus estavam sempre discutindo a ressurreição dos mortos. Os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos, em anjos e em espíritos (Atos 23:8), mas os saduceus não acreditavam em ressurreição, nem em anjos ou espíritos. Não sabemos a fonte da diferença de crença, mas é certo que era um dos assuntos polêmicos entre as questões secundárias da doutrina hebraica que estavam constantemente em discussão nas sinagogas. E, além de ele mesmo não acreditar na ressurreição, Jesus a refutava toda vez que deparava com essa ideia. Quando os saduceus perguntaram a Jesus, supondo que ele, como os fariseus, acreditava na ressurreição, a qual dos sete irmãos a mulher deveria pertencer, ele contestou com clareza e precisão a ideia de ressurreição individual, dizendo que eles estavam errados sobre essa questão, que não conheciam as Escrituras, nem o poder de Deus. Aqueles que merecessem a ressurreição, disse ele, vão ser como os anjos do Céu (Marcos 12:21-24); e, em relação aos mortos, declarou o seguinte:

Mas, quanto aos mortos serem ressuscitados, vocês não leram no livro de Moisés, onde se fala da sarça, que Deus lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?<sup>17</sup> Ora, ele não é Deus dos mortos, e sim dos vivos. Vocês estão cometendo um grande erro" (Marcos 12:26,27).

o que Jesus queria dizer era que os mortos estão vivendo em Deus. Deus disse a Moisés: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó". Para Deus, todos aqueles que viveram a vida do filho do homem continuam vivendo. Jesus afirmou apenas isso, que aquele que vive em Deus será unido a Deus; e ele não concordou com qualquer outra ideia sobre a ressurreição. Quanto à ressurreição pessoal, por mais estranho que pareça àqueles que nunca estudaram cuidadosamente os Evangelhos eles mesmos, Jesus nunca disse qualquer coisa a respeito. Se, como pregam os teólogos, o fundamento da fé cristã é a ressurreição de Jesus, não é estranho que Jesus, sabendo de sua própria ressurreição, sabendo que nisto consistia o dogma principal da fé nele - não é estranho que Jesus não tenha falado do assunto nem uma única vez, em termos claros e precisos? Ora, de acordo com os Evangelhos canônicos, ele não apenas não falou disto em termos claros e precisos; ele nunca falou disto, nem uma única vez, nem uma única palavra.

A doutrina de Jesus consistia na elevação do filho do homem, isto é, no reconhecimento por parte do homem que ele, homem, era filho de Deus. Em sua individualidade, Jesus personificava o homem que tinha reconhecido a relação filial com Deus. Ele perguntou a

17 Êxodo 3:6.

seus discípulos quem os homens diziam que ele era - o filho do homem? Seus discípulos responderam que alguns o tomavam por João Batista, e outros, por Elias. Então veio a pergunta: "Mas vocês, quem acham que eu sou?". E Pedro respondeu: "O Messias, o filho do Deus vivo". [Mateus 16:16] E Jesus respondeu: "[ ... ] não foi carne e sangue que lhe revelou isso, mas meu Pai, que está nos céus"; com isso ele queria dizer que Pedro compreendeu, não pela fé em explicações humanas, e sim porque, sentindo que ele mesmo [Pedro] era filho de Deus, compreendeu que Jesus também era filho de Deus. E, depois de ter explicado a Pedro que a verdadeira fé tem como base a percepção da relação filial com Deus, Jesus ordenou a seus outros discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Messias. Depois disso, Jesus lhes falou que, embora ele pudesse sofrer muitas coisas e ser morto, ele, isto é, sua doutrina, seria restabelecida triunfalmente. E

essas palavras são interpretadas como uma profecia da ressurreição (Mateus 16:13-21).

Das treze passagens<sup>18</sup> interpretadas como profecias de Jesus em relação à sua própria ressurreição, duas se referem a lonas na barriga da baleia, outra à reconstrução do templo. As outras afirmam que o filho do homem não será destruído; mas não há uma única palavra sobre a ressurreição de Jesus. Em nenhuma das passagens se acha a palavra "ressurreição" no texto original. Peça a qualquer um que não conheça as interpretações teológicas, mas que conheça grego, para traduzi-las: esse tradutor nunca vai concordar com as versões correntes. No original há duas palavras diferentes, ἀνίστημι e ἐγείρω, que são traduzidas como ressurreição; uma destas palavras significa "restabelecer-se"; a

18 João 11:19-22; Mateus 12:40; Lucas 11:30; Mateus 16:21; Marcos 8:31; Lucas 9: 22; Mateus 17: 23; Marcos 9:31; Mateus 20:19; Marcos 10:34; Lucas 18:33; Mateus 26:32; Marcos 14:25.

outra significa "acordar, levantar-se, despertar". Mas, seja como for, nem uma, nem outra jamais significou "ressuscitar" - levantar-se de entre os mortos. Em relação a estas palavras gregas e a correspondente palavra hebraica, *qum*, basta examinar as passagens da Escritura em que elas são empregadas, o que acontece muito frequentemente, para ver que em nenhum caso o significado verossímil é "ressuscitar". A palavra *voskresnovit*, *aufestehen*, *resusciter* - "ressuscitar" - não existe nem na língua grega, nem na hebraica, de onde se pode deduzir que não existe um conceito correspondente a esta palavra. Para expressar a ideia de ressurreição em grego ou em hebraico, é necessário empregar uma perífrase, algo que signifique "despertou, acordou dentre os mortos". Portanto, no Evangelho de Mateus (14:2), no qual se faz referência à crença de Herodes de que João Batista tinha ressuscitado, nós lemos, ὁ ἄνθρωπος ἡγέρθη ἀπὸ τῶν νεκρῶν, "despertou dentre os mortos": Da mesma maneira, em Lucas (16:31), ao final da parábola de Lázaro, onde se diz que, se os homens não acreditassem em profetas, não acreditariam nem que um deles ressuscitasse, encontramos a perífrase, εἰάν τις ἐκ νεκρῶν ἀναστή, "se alguém despertasse dentre os mortos". Porém, se nessas passagens as palavras "dentre os mortos" não tivessem sido adicionadas às palavras "acordou ou despertou", as duas últimas nunca poderiam significar ressurreição. Quando Jesus falou de si mesmo, ele não usou nem uma vez as palavras "dentre os mortos" em qualquer das passagens citadas como prova da afirmação de que Jesus profetizou a própria ressurreição.

Nosso conceito de ressurreição é tão completamente estranho a



qualquer ideia que os hebreus tinham da vida que não é possível sequer imaginar que Jesus poderia ter sido capaz de falar a eles da ressurreição, e de uma vida eterna, individual, que seria o destino de todo homem.

A ideia de uma vida eterna futura não vem da doutrina judaica, nem da doutrina de Jesus, mas de uma fonte inteiramente diferente. Somos obrigados a acreditar que a crença em uma vida futura é uma concepção primitiva e crua baseada em uma ideia confusa da semelhança entre a morte e o sono - uma ideia comum a todas as raças selvagens.

A doutrina hebraica (e muito mais a doutrina cristã) estava muito acima desta concepção. Mas estamos tão convencidos do caráter elevado desta superstição que a usamos como uma prova da superioridade de nossa doutrina em relação à dos chineses ou dos hindus, que não acreditam nela de modo algum. Não só os teólogos, mas também os livre-pensadores, os historiadores cultos das religiões, como Tiele e Max Muller, usam o mesmo argumento. Em sua classificação das religiões, eles dão o primeiro lugar àquelas que reconhecem a superstição da ressurreição e as declaram ser muito superiores àquelas que não professam tal crença. Schopenhauer teve a audácia de considerar a religião hebraica a mais desprezível de todas as religiões por não conter nenhum vestígio dessa crença. A religião hebraica não só não continha a ideia em si, como também não dispunha de nenhum meio de expressá-la. Vida eterna é *chayai alam* em hebraico. *alam* designa o infinito, aquilo que é permanente dentro dos limites do tempo; *alam* também significa "mundo" ou "cosmos": Vida universal e, muito mais, *chayai alam*, "vida eterna" é, de acordo com a doutrina judaica, um atributo de Deus somente. O homem, de acordo com a ideia hebraica, é sempre mortal. Só Deus está sempre vivo. No Pentateuco, a expressão "vida eterna" aparece duas vezes; uma em Deuteronômio e uma em Gênesis. Deus teria dito:

Saibam todos que eu, somente eu, sou Deus; não há outro deus além de mim. Sou eu que faço morrer e faço viver; eu adoço e eu curo. Ninguém pode me impedir de fazer o que quero. Agora levanto a mão para o céu e declaro: eu vivo, para sempre (Deuteronômio 32:39,40).

Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós pelo conhecimento do bem e do mal; agora, que não estenda a mão para colher também da árvore da vida, e coma dela e viva eternamente (Gênesis 3:22).

Estes dois únicos exemplos do uso da expressão "vida eterna" no Velho Testamento (com a exceção de outro exemplo no livro apócrifo

de Daniel) determinam claramente a concepção hebraica da vida do homem e da vida eterna. A própria vida, de acordo com os hebreus, é eterna, está em Deus; mas o homem é sempre mortal; é de sua natureza ser mortal. De acordo com a doutrina judaica, o homem, enquanto homem, é mortal. Ele tem vida apenas quando a transmite de uma geração a outra e, desse modo, perpetua-se em uma raça. De acordo com a doutrina judaica, a faculdade da vida existe no *povo*. Quando Deus disse: "Vocês podem viver e não morrer", dirigiu estas palavras ao povo. A vida que Deus insuflou no homem é mortal para cada ser humano em separado; essa vida é perpetuada de geração em geração se os homens realizarem a união com Deus, ou seja, obedecerem às condições impostas por Deus. Depois de ter apresentado a Lei e dito a seu povo que essa Lei seria encontrada não no Céu, mas no próprio coração, Moisés disse:

Veja, hoje pus diante de você a vida e o bem, a morte e o mal. Se obedecer à ordem que hoje lhe dou de amar ao Senhor seu Deus, de andar nos seus caminhos e de guardar os seus mandamentos, os seus estatutos e os seus preceitos, então viverá e se multiplicará, e o Senhor seu Deus o abençoará na terra em que você está entrando para dela tomar posse. Mas, se o seu coração se desviar, - se não lhe quiser dar ouvidos e se deixar levar a cultuar outros deuses, e - os servir, declaro-lhe hoje que você certamente perecerá; não prolongará os dias na terra em cuja posse vai entrar ao atravessar o Jordão. Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra você de que pus à sua frente a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivam, você e a sua descendência, amando ao Senhor seu Deus, obedecendo à sua voz e unindo-se a ele; pois ele é a sua vida, e o prolongamento dos seus dias (Deuteronômio 30:15-19).

A diferença principal entre nossa concepção de vida humana e aquela dos judeus é que, enquanto nós acreditamos que nossa vida mortal, transmitida de geração em geração, não é a verdadeira vida, mas uma vida decaída, uma vida temporariamente depravada - os judeus, ao contrário, acreditavam ser esta vida o bem verdadeiro e supremo, dada ao homem sob a condição de que ele obedecesse à vontade de Deus. De nosso ponto de vista, a transmissão de uma vida decaída de geração em geração é a transmissão de uma maldição; do ponto de vista judaico, ela é o bem supremo que o homem pode obter, com a condição de cumprir a vontade de Deus. É precisamente sobre esta concepção hebraica de vida que Jesus fundou sua doutrina da vida verdadeira ou eterna, que ele contrastava com a vida pessoal e mortal. Jesus disse aos judeus: "Vocês estudam as Escrituras porque julgam estar nelas a vida eterna; e são exatamente elas que dão testemunho de mim" (João 5:39).

Ao jovem que perguntou o que fazer para conseguir a vida eterna, Jesus respondeu, "se quiser entrar na vida, guarde os mandamentos" (Mateus 19:17). Ele não disse "na vida eterna", disse apenas "na vida". À mesma pergunta feita pelo escriba, a resposta foi, "faça isso, que viverá" (Lucas 10:28), mais uma vez prometendo vida, mas nada dizendo de vida eterna. A partir desses dois exemplos, sabemos o que Jesus queria dizer por vida eterna; quando usou essa expressão ao falar aos judeus, ele a empregou exatamente no mesmo sentido que estava na própria lei deles: obediência à vontade de Deus. Em contraste com a vida que é temporária, isolada e pessoal, Jesus falou da vida eterna prometida por Deus a Israel - com a diferença de que, enquanto os judeus acreditavam nele, a vida eterna seria perpetuada somente pelo povo escolhido por Ele e que todo aquele que desejasse possuir essa vida deveria seguir as leis excepcionais dadas por Deus a Israel - a doutrina de Jesus afirma que a vida eterna é perpetuada no filho do homem e que, para obtê-la, devemos praticar os mandamentos de Jesus, que sintetizou a vontade de Deus para toda a humanidade.

Em contraposição à vida pessoal, Jesus não nos falou de uma vida além-túmulo, e sim daquela vida universal que compreende dentro de si mesma a vida da humanidade, a vida passada, presente e futura. De acordo com a doutrina judaica, a vida pessoal só poderia ser salva da morte pela obediência à vontade de Deus tal como propõe a lei mosaica. Somente com esta condição a vida da raça judaica não pereceria, sendo transmitida de geração em geração ao povo escolhido por Deus. De acordo com a doutrina de Jesus, a vida pessoal é salva da morte pela obediência à vontade de Deus tal como propõem os mandamentos de Jesus. Só com essa condição é que a vida pessoal não perece, tornando-se eterna e imutável: em união com o filho do homem. A diferença é que, enquanto a religião de Moisés era a religião de um povo proposta por um Deus nacional, a religião de Jesus é a expressão das aspirações de toda a humanidade. A perpetuação da vida na posteridade de um povo é incerta porque o próprio povo pode desaparecer e sua perpetuação depende de uma posteridade carnal. De acordo com a doutrina de Jesus, a perpetuação da vida é indubitável porque a vida, segundo essa doutrina, é um atributo de toda a humanidade no filho do homem que vive em harmonia com a vontade de Deus.

Se acreditarmos que as palavras de Jesus sobre o julgamento final e a consumação dos tempos (e outras palavras que aparecem no Evangelho de João) são a promessa de uma vida além-túmulo para a alma dos homens - mesmo se acreditarmos nisso, continua

sendo verdade que seus ensinamentos sobre a luz da vida e o reino de Deus têm para nós o mesmo significado que tiveram para seus ouvintes dezoito séculos atrás; ou seja, que somente é a vida real a vida do filho do homem conforme a vontade daquele que nos deu a vida. É mais fácil admitir isto do que admitir que a doutrina da vida verdadeira, segundo a vontade daquele que nos deu a vida, contém a promessa da imortalidade da vida além do túmulo.

Talvez seja certo pensar que o homem, depois dessa vida terrestre passada na satisfação de desejos pessoais, entre na posse de uma vida eterna e pessoal no paraíso para a satisfação de todos os gozos imagináveis; mas acreditar que seja assim, tentar nos persuadir de que seremos recompensados com a felicidade eterna por nossas boas ações, e que por nossas más ações seremos punidos com suplícios eternos - acreditar nisso não nos ajuda a compreender a doutrina de Jesus, muito ao contrário: retira o principal fundamento dessa doutrina. Toda a doutrina de Jesus procura instilar em nós a renúncia à vida pessoal e imaginária e a absorção dessa vida pessoal na vida universal da humanidade, na vida do filho do homem. Ora, a doutrina da imortalidade individual da alma não nos leva a renunciar à vida pessoal; afirma, ao contrário, que a individualidade vai continuar para sempre.

Os judeus, os chineses, os hindus e todos os homens que não acreditam no dogma da queda e da redenção entendem a vida como ela é. Um homem vive, une-se a uma mulher, gera filhos, cuida deles, envelhece e morre. Sua vida continua em seus filhos e, desse modo, passa de uma geração para outra, como tudo o mais no mundo: pedras, metais, terra, plantas, animais, estrelas. Vida é vida e devemos aproveitá-la ao máximo.

Não é razoável viver apenas para si, para a vida animal. E, por isso, desde os seus primórdios, por alguma razão os seres humanos procuraram viver além da gratificação de seus desejos pessoais; vivem para seus filhos, para sua família, para sua nação, para a humanidade, para tudo que não morre com a vida pessoal.

Mas, de acordo com a doutrina da Igreja, a vida humana, o bem supremo que possuímos, é somente uma parte ínfima de outra vida da qual estamos privados por algum tempo. Nossa vida não é a vida que

Deus queria nos dar, nem aquela à qual temos direito. Nossa vida é degenerada e decaída, um mero fragmento, uma ironia, comparada à vida real que supomos merecer. O principal objetivo da vida não é tentar viver essa vida mortal conforme a vontade daquele que nos deu essa vida; nem de eternizá-la nas gerações, como os judeus acreditavam; nem de

nos identificar com a vontade de Deus, como Jesus nos ensinou. Não. Ê, ao contrário, acreditar que depois dessa vida irreal é que a verdadeira vida vai começar.

Jesus não falou da vida imaginária que supomos merecer e que Deus não nos deu por alguma razão incompreensível. A teoria da queda de Adão, da vida eterna no paraíso, de uma alma imortal insuflada por Deus em Adão, eram desconhecidas por Jesus; ele nunca falou disso, nunca fez a menor alusão à sua existência. Jesus falou da vida como ela é, como ela deve ser para todos os homens; nós falamos de uma vida imaginária que nunca existiu. Como, então, compreender a doutrina de Jesus?

Jesus não previu essa singular mudança de visão em seus discípulos. Supôs que todos os homens compreendiam que o fim da vida pessoal é inevitável e revelou a eles uma vida imperecível. Ele oferece a verdadeira paz aos que sofrem; mas, para aqueles que acreditam que estão certos de possuir mais do que Jesus dá, sua doutrina não pode ter valor algum. Como persuadir um homem a trabalhar duro pela comida e pela roupa se esse homem está persuadido de que já possui grandes riquezas? Ê evidente que ele não vai prestar atenção aos meus conselhos. O mesmo se dá com a doutrina de Jesus. Por que deveria eu trabalhar duro pelo pão se posso ser rico sem trabalhar? Por que me preocupar em viver esta vida de acordo com a vontade de Deus se estou seguro de uma vida pessoal por toda a eternidade?

Que Jesus Cristo, na sua condição de segunda pessoa da Trindade, de Deus manifesto na carne, foi a salvação dos homens; que assumiu a culpa pelo pecado de Adão e pelos pecados de todos os homens; que expiou perante a primeira pessoa da Trindade os pecados da humanidade; que instituiu a Igreja e os sacramentos para nossa salvação - se acreditarmos nisso, diz a Igreja, estaremos salvos e teremos uma vida pessoal e imortal além do túmulo. Mesmo assim, não podemos negar que Jesus salvou e ainda salva os homens revelando a eles seu fim inevitável, mostrando a eles que ele é o caminho, a verdade e a vida, o verdadeiro caminho para a vida, em lugar do falso caminho da vida pessoal que os homens seguiram até aqui.

Se há quem duvide da vida além-túmulo e da salvação baseada na redenção, ninguém pode duvidar da salvação de todos os homens e de cada homem individual, se aceitar a evidência da destruição da vida pessoal e seguir o verdadeiro caminho para a segurança, que é harmonizar os desejos pessoais com a vontade de Deus. Peça a qualquer homem dotado de razão para perguntar a si mesmo o que é a vida e o que é a morte. E

deixe-o tentar dar à vida e à morte qualquer outro significado que não aquele revelado por Jesus; esse homem vai concluir que qualquer tentativa de encontrar na vida um significado que não se baseie na renúncia de si, em servir à humanidade, ao filho do homem, é totalmente fútil. Não se pode duvidar de que a vida pessoal está condenada à destruição e que apenas uma vida de acordo com a vontade de Deus oferece a possibilidade de salvação. Não é muito em comparação com a crença sublime em uma vida futura! Não é muito, mas é seguro.

Estou perdido com meus companheiros em uma tempestade de neve. Um deles me garante com a maior sinceridade que está vendo uma luz à distância, mas é apenas uma miragem que engana a nós dois; tentamos chegar a essa luz, mas nunca vamos encontrá-la. Outro varre resolutamente a neve; procura e encontra a estrada e nos grita: "Não vão por aí, a luz que vocês estão vendo é falsa, vocês vão perambular por aí até a destruição; aqui está a estrada, eu a sinto debaixo de meus pés; estamos salvos!": É muito pouco, dizemos. Tínhamos fé naquela luz que cintilava diante de nossos olhos iludidos, que nos falava de um refúgio, de um abrigo quente, de descanso, de libertação; e agora, em seu lugar, temos apenas a estrada. Ah, se continuarmos viajando em direção à luz imaginária, vamos perecer; se seguirmos a estrada, certamente chegaremos a um abrigo seguro.

E então, o que fazer se apenas eu compreendo a doutrina de Jesus e apenas eu tenho confiança nela no meio de um povo que não a compreende, nem obedece a ela? O que fazer? Viver como o resto do mundo, ou viver de acordo com a doutrina de Jesus? Compreendi a doutrina de Jesus tal como é expressa em seus mandamentos e acredito que a prática desses mandamentos vai trazer felicidade para mim e para todos os homens. Compreendi que cumprir esses mandamentos é a vontade de Deus, a fonte da vida. Mais ainda: vi que eu ia morrer como um animal depois de uma existência ridícula se não cumprisse a vontade de Deus e que a única possibilidade de salvação está em cumprir a Sua vontade. Ao seguir o exemplo do mundo ao meu redor, não há sombra de dúvida de que vou agir contrariamente à felicidade de todos os homens e, acima de tudo, contrariamente à vontade daquele que nos deu a vida; é certo que vou perder a única possibilidade de melhorar minha situação desesperadora. Se seguir a doutrina de Jesus, vou dar continuidade ao trabalho comum a todos os homens que viveram antes de mim; vou contribuir para a felicidade de meus companheiros e daqueles que vão viver depois de mim; vou obedecer ao mandamento daquele que nos deu a vida; vou agarrar a única esperança de salvação.

O circo em Berditchef<sup>19</sup> está em chamas. Uma multidão de pessoas está se aglomerando em frente à única saída do lugar, uma porta que

19 Uma cidade na Rússia que se tornou famosa por causa dessa catástrofe.

se abre para dentro. De repente, no meio da multidão, uma voz se faz ouvir: "Para trás, afastem-se da porta; quanto mais vocês se apertarem contra ela, menor a possibilidade de escapar; para trás! Essa é sua única forma de sair!". Mesmo que só eu compreenda esse mandamento, ou que haja outros comigo que também ouvem e compreendem, tenho somente um dever desde o momento em que ouvi e compreendi: afastar-me da porta e tentar convencer todos os outros a obedecer à voz do salvador. Posso estar sufocando, posso estar sendo esmagado pelos pés da multidão, posso morrer; minha única oportunidade de me salvar é fazer a única coisa necessária para chegar à saída. Nada mais posso fazer. Um salvador deve ser um salvador, ou seja, alguém que salva. E a salvação de Jesus é a verdadeira salvação. Ele veio, ele pregou sua doutrina e a humanidade está salva.

O circo pode queimar em uma hora e as pessoas encurraladas lá dentro podem não ter tempo de escapar. Mas o mundo está queimando há dezoito séculos; queima desde que Jesus disse: "Eu vim para enviar o fogo sobre a Terra" e eu sofro porque ele queima e vai continuar queimando até que toda a humanidade seja salva. Será que esse fogo não foi aceso para que os homens possam ter a felicidade da salvação? Compreendendo isso, compreendi e acreditei que Jesus não é apenas o Messias, ou seja, o Esperado, o Cristo, mas que ele é, em verdade, o Salvador do mundo. Eu sei que ele é o único caminho, que não há outro caminho para mim ou para aqueles que estão nesta vida atormentados como eu. Eu sei que, tanto para mim como para todos os outros, não há outra segurança além de cumprir os mandamentos de Jesus, que deu a toda a humanidade o maior número possível de dádivas e benesses.

Haverá grandes provações a suportar? Devo morrer por seguir a doutrina de Jesus? Essas perguntas não me alarmaram. Poderiam parecer assustadoras a qualquer um que não perceba a nulidade e o absurdo de uma vida pessoal isolada e que acredite que nunca vai morrer. Mas sei que minha vida, considerada em relação à minha felicidade individual é, em si mesma, uma farsa estupenda, e que essa existência sem sentido vai terminar com uma morte estúpida. Sabendo disso, nada tenho a temer. Vou morrer como os outros, como morrem os outros que não obedecem à doutrina de Jesus; porém, minha vida e minha morte terão um significado para mim e para os outros. Minha vida e minha

morte terão acrescentado algo à vida e à salvação dos outros e isso está de acordo com a doutrina de Jesus.

## **Capítulo IX**



Se todo o mundo praticar a doutrina de Jesus, o reino de Deus será instaurado sobre a Terra; se apenas eu a praticar, farei o que puder para melhorar minha própria situação e a daqueles que estão a meu redor. Não há salvação fora do cumprimento da doutrina de Jesus. Mas quem vai me dar força para praticá-la, para segui-la constantemente e para nunca vacilar? "Senhor, eu acredito; ajude-me em minha descrença". Os discípulos pediram a Jesus para fortalecer sua fé. "Quando quero fazer o bem", diz o apóstolo Paulo, "o mal está presente em mim". É difícil trabalhar pela própria salvação.

Um homem que se afoga grita por ajuda. Uma corda lhe é lançada e ele diz: "Fortaleça minha crença de que esta corda vai me salvar. Eu acredito que a corda vai me salvar; mas peço-lhe que me ajude em minha descrença". O que significa isso? Se um homem não agarra seu único meio de se salvar, é claro que não compreende sua situação.

Como pode um cristão que diz acreditar na divindade de Jesus e de sua doutrina, qualquer que seja o significado que lhe atribui, afirmar que deseja acreditar e não consegue? Deus vem à Terra e diz: "Fogo, tormentos, escuridão eterna esperam por você; e aqui está sua salvação - pratique a minha doutrina". Não é possível que um cristão confesso não acredite e não se beneficie da salvação a ele oferecida; não é possível que ele diga: "Ajude-me em minha descrença". Se um homem diz isso, é porque, além de não acreditar em sua perdição, deve ter certeza de que não vai perecer.

Algumas crianças caíram de um bote no rio. Por um instante, suas roupas e seus esforços frágeis as mantêm na superfície da água e elas não se dão conta do perigo que correm. Os que estão no bote lançam uma corda. Avisam as crianças de sua situação arriscada e pedem com insistência para que agarrem a corda (as parábolas da mulher e da peça de prata, do pastor e da ovelha perdida, da festa de casamento, do filho pródigo, têm todas o mesmo significado), mas as crianças não acreditam; elas se recusam a acreditar, não na corda, mas que estejam correndo o perigo de se afogar. Outras crianças frívolas como elas mesmas asseguraram que podem continuar a boiar alegremente, mesmo quando o bote estiver longe. As crianças não acreditam; mas, quando suas roupas estiverem empapadas e a resistência de seus bracinhos estiver exaurida, elas vão afundar e morrer. Nisso elas não acreditam e, por isso, não acreditam na corda de salvação.

Assim como as crianças na água não agarram a corda que lhes é lançada, persuadidas de que não vão perecer, também os homens que acreditam na ressurreição da alma, convencidos de que não há perigo,

não praticam os mandamentos de Jesus. Não acreditam no que é certo simplesmente porque acreditam no que é incerto. E é por essa razão que gritam: "Senhor, fortaleça nossa fé, senão vamos perecer". Mas isso é impossível. Para ter a fé que vai impedi-los de perecer, precisam deixar de fazer o que os levará à perdição e começar a fazer algo por sua própria salvação; precisam agarrar a corda de salvação. Ora, é isso exatamente o que não querem fazer; querem se persuadir de que não vão perecer, embora vejam seus companheiros perecendo um após outro diante de seus olhos. Querem se persuadir da verdade daquilo que não existe e, por isso, pedem para serem fortalecidos na fé. É claro que não têm fé suficiente e desejam mais.

Quando compreendi a doutrina e Jesus, vi que o que esses homens chamam de fé a fé denunciada pelo apóstolo Tiago<sup>20</sup>:

Que proveito há, meus irmãos, se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Será que essa fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e privados dos mantimentos cotidianos e algum de vocês lhe disser: "Vai em paz, aquece o corpo e mata a fome" e não lhe der as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, é letra morta. Mas vem alguém e diz: "Você tem fé, e eu tenho obras; mostre-me sua fé sem as obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Você acredita que Deus? Faz bem; os demônios também acreditam, e tremem. Mas você não sabe, homem fútil, que a fé sem obras é estéril? Porventura não foi pelas obras que nosso pai Abraão foi confirmado quando ofereceu sobre o altar o filho Isaac? Você não entende que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada? [ ... ] Portanto, entenda que é pelas obras que o homem é confirmado, e não somente pela fé. [ ... ] Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, também a fé sem obras é morta (Tiago 2:14-26)<sup>21</sup>.

Tiago diz que a prova da fé está nos atos que ela inspira e, por conseguinte, uma fé que não resulta em atos não passa de palavras, com as quais não se pode saciar os famintos, nem confirmar a crença, nem obter salvação. Uma fé sem atos não é fé. É apenas vontade de acreditar em algo, uma afirmação vazia de crença em algo em que, na verdade, não se

20 A epístola de Tiago foi repudiada pela Igreja durante muito tempo; e quando foi aceita, foram trans-  
foi submetida a várias alterações; certas palavras foram omitidas, outras foram trans-  
postas ou traduzidas de maneira arbitrária. Restaurei as passagens defeituosas segundo

o texto autorizado por Tischendorf. .'

21 N.T.: O texto foi traduzido do endereço <http://www.tiosam.net/Biblia/biblia.asp?livro=59&capitulo=2>, Acesso em 07/01/2010 e corresponde aproximadamente ao texto em inglês.

acredita. A fé, tal como a define o apóstolo Tiago, é a força motriz das ações e as ações são uma forma de expressão da fé.

Os judeus perguntaram a Jesus: "Que sinal nos dá, para que possamos ver e crer em você? Quais são as suas obras" (João 6:30. Ver também Marcos 15:32 e Mateus 27:42). Jesus lhes respondeu que seu desejo era fútil e que eles não poderiam ser forçados a acreditar naquilo em que não acreditavam. "Se eu lhes disser, vocês não vão acreditar" (Lucas 22:67). "Eu já lhes disse, e vocês não acreditaram ... Mas vocês não acreditam porque não fazem parte do meu rebanho" (João 10:25-26).

Os judeus pediam exatamente o que pedem os cristãos educados pela Igreja; pediam um sinal exterior que os levasse a acreditar na doutrina de Jesus. Jesus explicou que isso era impossível e ele lhes explicou porque era impossível. Disse-Lhes que eles não conseguiam acreditar porque não faziam parte de seu rebanho, ou seja, não seguiam a estrada que ele lhes apontava. Explicou porque alguns acreditavam e porque outros não acreditavam e explicou a eles o que era realmente a fé. Ele disse: "Como poderiam vocês acreditar, vocês que recebem sua doutrina (δόξα<sup>22</sup>) uns dos outros em vez de procurar a doutrina que vem do único Deus?" (João 5:44).

Para acreditar, diz Jesus, devemos obedecer somente à doutrina que vem de Deus: "Quem fala por si mesmo tenta apresentar sua própria doutrina, δόξαν τήν ἰδίαν, só quem tenta apresentar a doutrina daquele que o enviou é verídico e nele não há inverdade" (João 7:18).

A doutrina da vida, δόξα, é o fundamento da fé, e as ações são um produto espontâneo da fé. Mas há duas doutrinas da vida: Jesus nega uma e afirma a outra. Uma dessas doutrinas, a fonte de todos os erros, consiste na ideia de que a vida pessoal é um dos atributos essenciais e reais do

22 Aqui, como em outras passagens, δόξα foi incorretamente traduzido por "glória"; δόξα, do verbo δοκέω, significa "maneira de ver, julgamento, doutrina".

homem. Esta doutrina foi e ainda é seguida pela maioria dos homens; é a fonte de crenças e atos divergentes. A outra doutrina, ensinada por Jesus e por todos os profetas, afirma que nossa vida pessoal não tem significado exceto através do cumprimento da vontade de Deus. Se um homem professar uma doutrina que enfatiza sua vida pessoal, vai considerar seu bem-estar pessoal a coisa mais importante do mundo e concluir que as

riquezas, as honrarias, a glória e o prazer são as verdadeiras fontes da felicidade; vai ter uma fé que está de acordo com suas preferências e seus atos sempre estarão em harmonia com sua fé. Se um homem professar uma doutrina diferente, vai encontrar a essência da vida no cumprimento da vontade de Deus de acordo com o exemplo de Abraão e do ensinamento e exemplo de Jesus, e sua fé estará de acordo com seus princípios e seus atos estarão de acordo com a sua fé. Portanto, aqueles que acreditam que a verdadeira felicidade está na vida pessoal nunca vão poder ter fé na doutrina de Jesus. Todos os seus esforços serão inúteis. Para acreditar na doutrina de Jesus, é preciso ter uma concepção inteiramente diferente da vida. Suas ações sempre vão coincidir com sua fé, e não com suas intenções e com suas palavras.

Vemos nos homens que pediram a Jesus para realizar milagres o desejo de acreditar em sua doutrina; mas esse desejo nunca pode ser realizado em vida, por mais árduos que sejam os esforços nesse sentido. Esses homens rezam em vão, em vão observam os sacramentos, dão esmolas, constroem igrejas e convertem os outros; eles não têm condições de seguir o exemplo de Jesus porque seus atos são inspirados por uma fé baseada em uma doutrina inteiramente diferente daquela que eles professam. Não sacrificariam um único filho como Abraão estava disposto a fazer, embora Abraão não tivesse dúvidas sobre o que tinha de fazer, assim como Jesus e seus discípulos foram levados a dar a vida pelos outros apenas porque tal atitude constituía o verdadeiro significado da vida. Essa incapacidade de compreender a substância da fé explica o estranho estado moral dos homens que, reconhecendo que devem viver de acordo com a doutrina de Jesus, fazem de tudo para viver de forma contrária a essa doutrina e de acordo com sua crença de que a vida pessoal é o maior de todos os bens.

A base da fé é o significado que achamos que a vida tem, o significado que determina se consideramos a vida algo importante e bom, ou algo trivial e degradante. A fé resulta da avaliação do bem e do mal. Os homens que têm uma fé resultante de suas próprias doutrinas não têm condições de harmonizar essa fé com a fé inspirada pela doutrina de Jesus; e foi o que aconteceu com os primeiros discípulos. Essa incompreensão é apontada frequentemente nos Evangelhos em termos claros e decisivos. Várias vezes os discípulos pediram a Jesus para lhes fortalecer a fé em suas palavras (Mateus 20:20-28; Marcos 10:35-48). Depois da mensagem, tão terrível para todo homem que acredita na vida pessoal e que busca sua felicidade nas riquezas deste mundo, depois das palavras, "Como é difícil para aqueles que têm riquezas entrarem no reino de Deus"; e depois de palavras ainda mais terríveis para os homens que

acreditam apenas na vida pessoal, "Vende tudo o que você tem e dá aos pobres"; depois dessas palavras de aviso, Pedro perguntou: "*Nós* deixamos tudo para segui-lo; que recompensa teremos nós?" [Mateus 19: 27]. Então Tiago e João e, de acordo com o Evangelho de Mateus, suas mães, perguntaram-lhe se a eles seria permitido sentar-se a seu lado em glória. Eles pediram a Jesus para lhes fortalecer a fé com uma promessa de recompensa futura. Jesus respondeu com uma parábola à pergunta de Pedro (Mateus 20:1-16); a Tiago respondeu que eles não sabiam o que estavam falando; que pediam o impossível; que não compreendiam a doutrina, que significava renúncia à vida pessoal, pois pediam glória pessoal, uma recompensa pessoal; que deviam beber do cálice que ele bebeu (ou seja, viver como ele vivia); mas sentar-se à sua direita ou à sua esquerda não era algo que ele pudesse lhes dar. E Jesus acrescentou que

os grandes deste mundo só viam lucro e possibilidade de desfrutar a glória e o poder pessoal na vida mundana; mas que seus discípulos deviam saber que o verdadeiro significado da vida humana não está na felicidade pessoal, mas em servir aos outros; "o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida para a redenção de muitos". Em resposta às exigências que revelavam a dificuldade de compreender sua doutrina, Jesus não ordenou a seus discípulos que tivessem fé em sua doutrina, ou seja, em modificar as ideias inspirados por sua própria doutrina (pois sabia que isso era impossível); em vez disso, explicou a eles o significado daquela vida que é a base da verdadeira fé, ou seja, ensinou-os a discernir o bem do mal, o importante do secundário.

À pergunta de Pedro "O que vamos receber?", Jesus responde com os termos dos trabalhadores da vinha (Mateus 20: 1-16), começando com as palavras "Pois o reino dos Céus é como um homem, proprietário" e, desse modo, Jesus explica a Pedro que a falta de compreensão da doutrina é a causa da falta de fé; e que a remuneração em proporção à quantidade de trabalho feito só é importante do ponto de vista da vida pessoal.

Essa fé é baseada na suposição de certos direitos imaginários; mas o homem não tem direito a nada; tem dívidas relativas ao bem que recebeu e, por isso, nada pode cobrar. Mesmo que dedicasse toda a sua vida ao serviço dos outros, nem assim pagaria a dívida que contraiu, de modo que não se pode queixar de injustiça. Se um homem estabelece um valor sobre seus direitos à vida, se ele mantém uma contabilidade com o poder supremo do qual recebeu a vida, prova somente que não compreende o significado da vida. Os homens que recebem um benefício agem de modo muito diferente. O proprietário da vinha encontra ociosos e infelizes os trabalhadores empregados por ele; estavam

sem vida, na plena acepção do termo. E então o proprietário lhes deu a maior das felicidades: o trabalho. Eles aceitaram os benefícios que lhes haviam sido oferecidos e ficaram descontentes porque a remuneração

não correspondia a seus desejos imaginários. Trabalharam acreditando em sua falsa doutrina da vida e no trabalho como um direito e, consequentemente, em uma ideia da remuneração à qual teriam direito. Não compreenderam que o trabalho é o bem supremo e que deveriam estar agradecidos pela oportunidade de trabalhar, em vez de cobrar pagamento. E é por isso que todos os homens que veem a vida como esses trabalhadores nunca vão poder ter a verdadeira fé. Essa parábola dos trabalhadores, contada por Jesus em resposta ao pedido de seus discípulos para que lhes fortalecesse a fé, mostra mais claramente do que nunca os fundamentos da fé que Jesus pregava.

Quando Jesus disse a seus discípulos que deveriam perdoar um irmão que os ofendesse não apenas uma vez, mas setenta vezes sete vezes, os discípulos sentiram-se esmagados pela dificuldade de cumprir esse mandamento e disseram: "Fortalece a nossa fé", exatamente como um pouco antes haviam lhe perguntado, "O que vamos receber?": Agora eles estavam usando a linguagem dos supostos cristãos: "Queremos acreditar, mas não conseguimos; fortalece nossa fé para podermos ser salvos; faça-nos acreditar" (como os judeus disseram a Jesus quando pediam milagres), "seja através de milagres, seja através de promessas de recompensa, faça-nos ter fé em nossa salvação".

Os discípulos disseram o que todos nós dizemos: "Como seria bom se pudéssemos viver nossa vida egoísta e, ao mesmo tempo, acreditar que é muito melhor praticar a doutrina de Deus que é de viver para os outros...". Essa mentalidade é comum a todos nós' mas é contrária ao significado da doutrina de Jesus; e, mesmo assim, ficamos espantados com a nossa falta de fé. Jesus esclareceu esse equívoco por meio de uma parábola que ilustra a verdadeira fé. A fé não nasce da confiança em suas palavras; a fé só pode nascer da consciência de nossa condição; a fé baseia-se somente nos ditames da razão sobre o que é melhor fazer em uma dada situação. Ele mostrou que essa fé não pode ser despertada nos outros por promessas de recompensa, nem por ameaças de punição, uma vez que tanto umas quanto outras só conseguem despertar uma confiança frágil que vai falhar na primeira prova; mas a fé que remove montanhas, a fé que nada pode abalar, é despertada pela consciência de nossa perdição inevitável se não nos beneficiarmos da salvação que nos é oferecida. Para ter fé, não devemos contar com nenhuma promessa de re-

compensa; devemos compreender que a única maneira de escapar de uma vida fracassada é uma vida de acordo com a vontade do Mestre. Aquele que compreende isso não pede para lhe fortalecerem a fé: vai trabalhar pela sua salvação sem a necessidade de qualquer advertência. O proprietário, quando vem dos campos com seu trabalhador, não pede a este que se sente imediatamente para comer; primeiro o orienta no sentido de cumprir os outros deveres e esperar por ele, o mestre, e então tomar seu lugar à mesa e comer. Isso o trabalhador faz sem qualquer impressão de estar errado; não se vangloria de seu trabalho, nem pede reconhecimento ou recompensa, pois sabe que o trabalho é a condição inevitável de sua existência e a verdadeira felicidade de sua vida. Assim sendo, Jesus diz que, depois de fazer tudo que temos de fazer, apenas cumprimos com nosso dever. Aquele que compreende suas relações com seu mestre vai compreender que somente tem vida aquele que obedece à vontade de seu mestre; vai saber em que consiste sua felicidade e vai ter uma fé que não exige o impossível. Essa é a fé ensinada por Jesus, uma fé que tem como fundamento uma compreensão profunda do verdadeiro significado da vida. A fonte da fé é luz:

Pois a verdadeira luz, que ilumina todo homem, estava chegando ao mundo. Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quanto o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (João 1 :9-12).

E a conclusão é esta: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque agiam mal. Porque todo aquele que faz o mal não gosta da luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que se veja que as suas obras são feitas em Deus (João 3:19-21).

Aquele que compreende a doutrina de Jesus não pede para que lhe fortaleçam a fé. A doutrina de Jesus ensina que a fé é despertada pela luz da verdade. Jesus nunca pediu aos homens para terem fé em sua pessoa; pediu-lhes para terem fé na verdade. Aos judeus, ele disse:

Mas agora vocês querem me matar, a mim que falei a verdade que ouvi de Deus" (João 8:40).

Qual de vocês me acusa de pecado? Se digo a verdade, por que vocês não acreditam em mim? (João 8:46).

Foi para isso que nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho

da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz (João 18:37).

A seus discípulos ele disse:

Eu sou o caminho, a verdade e a vida (João 14: 6).

E eu vou pedir ao Pai, e ele lhes dará outro Auxiliar, para ficar para sempre com vocês, a saber, o Espírito da verdade, que o mundo não consegue aceitar; porque não o vê, nem o reconhece; mas vocês o conhecem, porque ele habita em vocês, e está em vocês (João 14: 16, 17).

Portanto, a doutrina de Jesus é a verdade, ele mesmo é a verdade. A doutrina de Jesus é a doutrina da verdade. A fé em Jesus não é uma crença em um sistema baseado em sua personalidade, mas uma consciência da verdade. Ninguém pode ser persuadido a acreditar na doutrina de Jesus, e ninguém pode ser levado a praticá-la por uma recompensa, seja ela qual for. Aquele que compreende a doutrina de Jesus tem fé nele porque sua doutrina é verdadeira. Aquele que reconhece a verdade indispensável à sua felicidade deve acreditar nela, assim como um homem que sabe que está se afogando agarra a corda que vai salvá-lo. Portanto, a pergunta "Em que devo acreditar?" é um indício de que aquele que pergunta não compreende a doutrina de Jesus.

## Capítulo X

Dizemos que é difícil viver de acordo com a doutrina de Jesus! E por que não seria difícil se, graças à nossa forma de organização da vida, escondemos de nós mesmos nossa verdadeira situação? Se fazemos de tudo para nos persuadir de que nossa situação não é de modo nenhum o que é, e sim algo diferente? Chamamos a isso de fé e, considerando-a sagrada, lançamos mão de todos os meios possíveis - ameaças, bajulações, falsidade, espicaçamento das emoções - para conseguir que outros homens a confirmem. Nessa louca determinação em acreditar no que é contrário ao bom senso e à lógica chegamos a um tal grau de aberração que estamos prontos a tomar como prova da verdade o próprio absurdo da questão para a qual pedimos a confirmação dos homens. Não existem cristãos prontos a declarar com entusiasmo *credo quia absurdum* (creio porque é absurdo), supondo que o absurdo é o melhor meio para ensinar a verdade aos homens? Não faz muito tempo, um homem inteligente e de grande erudição me disse que a doutrina cristã não tinha qualquer importância como regra moral de vida. A moralidade, afirmou ele, deve ser buscada nos ensinamentos



dos estoicos e dos brâmanes, e no Talmude. A essência da doutrina cristã não está na moralidade, disse ele, mas na doutrina teosófica proposta em seus dogmas. De acordo com essas palavras, não devo procurar na doutrina cristã aquilo que ela contém de bem eterno para a humanidade, não devo procurar nela os ensinamentos indispensáveis a uma vida racional. Devo considerar o elemento mais importante do cristianismo aquela parte que é impossível de compreender - inútil, portanto - e isto em nome da fé pela qual milhares de homens pereceram.

Temos uma falsa concepção de vida, uma concepção baseada em agir mal, uma concepção inspirada por paixões egoístas, e consideramos nossa fé nessa concepção falsa (que de algum modo ligamos à doutrina de Jesus), a coisa mais importante e necessária com que nos ocupamos. Se, durante séculos, os homens não tivessem mantido a fé no que é inverídico, nessa falsa concepção de vida, a verdade da doutrina de Jesus já teria sido revelada há muito tempo.

É algo terrível de dizer, mas me parece que, se a doutrina de Jesus - e a doutrina da Igreja que foi introduzida nela sub-repticiamente - nunca tivesse existido, aqueles que hoje se consideram cristãos estariam muito mais próximos do que estão da verdade da doutrina de Jesus; ou seja, estariam muito mais próximos da doutrina racional que mostra o verdadeiro significado da vida. As doutrinas morais de todos os profetas do mundo não estariam fechadas para eles. Aqueles que hoje se consideram cristãos teriam tido suas pequenas ideias da verdade e teriam confiança nelas. Agora, toda a verdade está revelada, e esta verdade horrorizou tanto aqueles cujo modo de vida ela condenava, que eles a disfarçaram com sua falsidade e os homens perderam a confiança na verdade.

Em nossa sociedade europeia, as palavras de Jesus: "e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz" - há muito tempo foram suplantadas pela pergunta de Pilatos "O que é a verdade?". Esta pergunta, citada como uma ironia amarga e profunda contra um romano, a ela atribuímos um significado sério e fizemos dela um artigo de fé.

Entre nós, os homens - todos eles - não vivem apenas sem a verdade, mas também sem o menor desejo de conhecer a verdade, e com a firme convicção de que, entre todas as ocupações inúteis, a mais inútil de todas é o esforço para descobrir a verdade que governa a vida humana. A regra da vida, a doutrina de que todos os povos, exceto nossas sociedades europeias, sempre consideraram a coisa mais importante; a regra da qual Jesus falou como a coisa mais indispensável, é objeto de um desprezo universal. Uma instituição chamada Igreja,

na qual ninguém, nem mesmo quando fazemos parte dela, realmente acredita, usurpou durante muito tempo o lugar dessa regra.

A única fonte de luz para aqueles que pensam e sofrem está escondida. A resposta às perguntas, "O que sou?", "O que devo fazer?", não devo procurar na doutrina daquele que veio salvar; dizem-me para obedecer às autoridades e acreditar na Igreja. Mas por que há tanto mal na vida? Por que tanta injustiça? Posso me abster de tomar parte nisso? É impossível aliviar essa carga pesada que me esmaga? A resposta é que isso é impossível, que o desejo de viver bem e de ajudar os outros a viver bem é apenas uma tentação do orgulho; a única coisa possível é salvar a própria alma para a vida futura. Aquele que não estiver disposto a tomar parte nessa vida miserável pode manter distância dela; esse caminho está aberto a todos; mas, segundo a doutrina da Igreja, aquele que escolhe esse caminho não pode fazer parte da vida do mundo; tem de deixar de viver. Nossos mestres nos dizem que há somente dois caminhos: acreditar nos poderes instituídos e obedecer a eles, participar do mal organizado ao nosso redor; ou renunciar ao mundo e refugiar-se em um convento ou mosteiro, participar dos ofícios da Igreja, nada fazer pelos homens e declarar a doutrina de Jesus impossível de ser praticada, aceitando a iniquidade da vida sancionada pela Igreja; isso é renunciar à vida, isso é equivalente a um suicídio lento.

Por mais surpreendente que seja a crença de que a doutrina de Jesus é excelente, mas impossível de ser praticada, há uma tradição ainda mais surpreendente: de que aquele que deseja praticar essa doutrina, não em palavras, mas em atos, deve se retirar do mundo. Esta crença equivocada, a crença de que é melhor o ser humano se retirar do mundo do que se expor às tentações, existiu entre os hebreus de antigamente, mas é inteiramente estranha não apenas ao espírito do cristianismo, como também ao espírito da religião judaica. A história encantadora e significativa do profeta Jonas, que Jesus tanto gostava de citar, foi escrita tendo em vista este mesmo erro. O profeta Jonas, desejando permanecer justo e virtuoso, afasta-se da companhia perversa dos homens. Porém, Deus mostra a ele que, como profeta, ele precisa comunicar a homens desencaminhados um conhecimento da verdade e, por isso, ele não deve fugir dos homens, e sim viver em comunhão com eles. Jonas, desgostoso com a depravação dos habitantes de Nínive, foge da cidade; mas não pode escapar de sua vocação. É trazido de volta e a vontade de Deus é cumprida; os ninivitas dão ouvidos às palavras de Jonas e se salvam. Em vez de se rejubilar por ter sido instrumento da vontade de Deus, Jonas fica irado e condena Deus pela misericórdia mostrada aos ninivitas, atribuindo apenas a si mesmo o exercício da razão e do

bem. Vai para o deserto e ali constrói um abrigo, de onde dirige suas repreensões a Deus. Então nasce uma abóbora sobre o abrigo de Jonas e o protege do sol; mas, no dia seguinte, ela seca. Jonas, afetado pelo calor, repreende a Deus de novo por ter permitido que a abóbora secasse. E então Deus lhe diz:

Você sentiu amor pela abóbora pela qual não trabalhou, da qual não cuidou; que veio em uma noite e pereceu em uma noite; e não deveria Eu ter piedade de Nínive, a grande cidade, na qual moram mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir a mão direita de sua mão esquerda? [Jonas 4:7-11].

Jesus conhecia esta história e se referia a ela frequentemente. Nos Evangelhos, ela está relacionada ao fato de Jesus, depois da conversa com João, que se havia retirado para o deserto, ter sofrido a mesma tentação antes de começar sua missão. Ele foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo Demônio (erro), sobre o qual triunfou, e retomou à Galileia. Depois disso, ele se misturou aos homens mais depravados e passou o resto da vida entre os publicanos, fariseus e pescadores, ensinando a eles a verdade<sup>23</sup>.

Mesmo de acordo com a doutrina da Igreja, Jesus, como Deus no homem, deu-nos o exemplo de sua vida. Toda a sua vida por nós conhecida foi passada na companhia de publicanos, de decaídos e de fariseus. Os principais mandamentos de Jesus são que seus seguidores deveriam amar os outros e difundir sua doutrina. Ambos exigem comunhão constante com o mundo. Apesar disso, alguns deduziram que a doutrina de Jesus permite o isolamento em relação ao mundo, ou seja, para imitar Jesus, devemos fazer exatamente o contrário do que ele próprio fazia e pregava.

Do modo como a Igreja explica isso, a doutrina de Jesus não se apresenta aos homens do mundo e aos habitantes dos mosteiros como uma regra de vida para melhorar a própria condição e a condição dos outros, e sim como uma doutrina que ensina ao homem do mundo a viver uma vida degradante e, ao mesmo tempo, conquistar para si mesmo uma outra vida; e, ao monge, como tornar a existência ainda mais difícil do que ela já é naturalmente. Mas não foi isso que Jesus pregou. Jesus nos mostrou a verdade e, se a verdade metafísica for a verdade, vai continuar

<sup>23</sup> Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo Erro. O Erro sugere a Jesus que ele não é o Filho de Deus se não puder transformar pedras em pão. Jesus responde que

ele não vive somente de pão, mas da palavra de Deus. Então o Erro diz que, se ele vive pela palavra ou pelo espírito de Deus, a carne pode ser destruída, mas o espírito não perece. A resposta de Jesus é que a vida na carne é a vontade de Deus; destruir a carne é contrário à vontade de Deus, é tentar a Deus. O Erro diz então que, se isso fosse verdade, ele devia, como o resto do mundo, pôr-se a serviço da carne, pois a carne lhe dará satisfação. A resposta de Jesus é que ele só pode servir a Deus porque a verdadeira vida é espiritual e que foi posta na carne pela vontade de Deus. Jesus então deixa o deserto e retorna ao mundo. (Mateus 4:1-11; Lucas 4:1-13).

sendo verdade na prática. Se a vida em Deus for a única vida verdadeira, e se for boa por si mesma, será boa neste mundo, aconteça o que acontecer.

Se, neste mundo, uma vida de acordo com a doutrina de Jesus não for boa, sua doutrina não pode ser legítima.

Jesus não nos aconselhou a passarmos do melhor para o pior, ao contrário: aconselhou-nos a passar do pior para o melhor. Tinha piedade dos homens que, para ele, eram como ovelhas sem um pastor. Ele disse que seus discípulos seriam perseguidos por sua doutrina e que deveriam suportar as perseguições com determinação. Mas não disse que aqueles que seguissem sua doutrina iam sofrer mais do que aqueles que seguiam a doutrina do mundo; disse: ao contrário, que aqueles que seguissem a doutrina do mundo seriam desgraçados e que aqueles que seguissem sua doutrina teriam felicidade e paz. Jesus não ensinou a salvação pela fé no ascetismo, nem pela tortura deliberada; ele nos mostrou um modo de vida que, ao mesmo tempo em que nos salvaria do vazio da vida pessoal, nos daria menos sofrimento e mais alegria. Jesus disse aos homens que, ao praticar sua doutrina entre pessoas que não acreditavam nela, eles não ficariam menos felizes, ao contrário: seriam muito mais felizes do que aqueles que não a praticavam. Havia, dizia ele, uma regra infalível: não se preocupar com a vida mundana. Quando Pedro disse a Jesus: "Abandonamos tudo e o seguimos; o que vamos ganhar com isso?", Jesus respondeu:

Em verdade lhes digo que não há ninguém que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor a mim e ao evangelho, que não receba cem vezes mais, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, por causa das perseguições; e, no mundo vindouro, a vida eterna (Marcos 10:28-30).

Jesus declarou, é verdade, que aqueles que seguem sua doutrina devem esperar ser perseguidos por aqueles que não a seguem, mas não disse que seus discípulos estariam pior por isso; disse, ao contrário, que seus discípulos teriam mais benefícios, aqui neste mundo, do que te-

riam aqueles que não a seguissem. Que Jesus disse e pensava "isto é indubitável", como mostram inquestionavelmente a clareza de suas palavras sobre este assunto, o significado de toda a sua doutrina, sua vida e a vida de seus discípulos. Mas será que seu ensinamento a este respeito era legítimo?

Quando refletimos sobre a questão de qual das duas condições seria a melhor, a dos discípulos de Jesus ou a dos discípulos do mundo, somos obrigados a concluir que a condição dos discípulos de Jesus precisa ser a mais desejável, pois os discípulos de Jesus, ao fazerem o bem a qualquer um, não queriam despertar o ódio nos homens. Os discípulos de Jesus, ao não fazerem o mal a ninguém, seriam perseguidos apenas pelos maus. Os discípulos do mundo, ao contrário, provavelmente seriam perseguidos por todos, pois a lei dos discípulos do mundo é a lei de cada um por si, a lei da guerra; ou seja, a lei da perseguição mútua. Além disso, os discípulos de Jesus estariam preparados para sofrer, enquanto os discípulos do mundo usam todos os meios possíveis para evitar o sofrimento; os discípulos de Jesus sentiriam que seus sofrimentos eram úteis ao mundo; mas os discípulos do mundo não sabem por que sofrem. Portanto, em termos abstratos, a condição dos discípulos de Jesus seria mais vantajosa do que a dos discípulos do mundo. Mas isso acontece na realidade? Para responder a isto, peça a todos que se recordem dos momentos dolorosos pelos quais passou e pergunte a todos se sofreram essas calamidades em nome da doutrina do mundo, ou em nome da doutrina de Jesus. Todo homem sincero vai concluir, ao se lembrar de sua vida passada, que nunca sofreu uma só vez por praticar a doutrina de Jesus. Vai chegar à conclusão de que a maior parte dos infortúnios de sua vida resultou de ele seguir as doutrinas do mundo. Em minha própria vida (uma vida excepcionalmente feliz de um ponto de vista mundano), posso contar tantos sofrimentos causados por seguir a doutrina do mundo quanto um mártir suportou por seguir a doutrina de Jesus. Todos os momentos mais penosos de minha vida - as orgias e os duelos dos quais tomei parte quando estudante, as guerras nas quais lutei, as doenças de que padeci e as condições anormais e insuportáveis sob as quais vivo agora, todos esses momentos são apenas o martírio cobrado pela fidelidade à doutrina do mundo. Mas eu falo de uma vida excepcionalmente feliz de um ponto de vista mundano. Quantos mártires sofreram pela doutrina do mundo tormentos dos quais, para mim, seria difícil falar!

Nós não percebemos as dificuldades e perigos implícitos na prática da doutrina do mundo simplesmente porque estamos persuadidos

de que não poderíamos fazer outra coisa além de seguir esta doutrina. Estamos persuadidos de que todas as calamidades que infligimos a nós mesmos são resultado das condições inevitáveis da vida e não conseguimos entender que a doutrina de Jesus nos ensina a nos libertar dessas calamidades e a tornar nossa vida feliz. Para sermos capazes de responder à pergunta: "Qual dessas duas condições traz mais felicidade?", devemos, pelo menos por ora, pôr de lado nossos preconceitos e fazer um exame cuidadoso de nosso meio ambiente.

Passe pelas nossas grandes cidades e observe os exemplares emaciados, doentes e distorcidos de seres humanos que nelas se encontram; recorde-se de sua própria existência e de todas as pessoas cuja vida você conhece bem; recorde os exemplos de mortes violentas e de suicídios dos quais ouviu falar - e depois pergunte a si mesmo qual o motivo de todo esse sofrimento e morte, desse desespero que leva ao suicídio. Vai descobrir, talvez para surpresa sua, que nove décimos de todo sofrimento humano é inútil e não precisaria existir; que, na verdade, a maioria dos homens é mártir da doutrina do mundo.

Em um outono chuvoso, passei de bonde perto da torre Sukharev, em Moscou. Pela distância de cerca de meio quilômetro, o veículo abriu caminho através de uma multidão compacta que rapidamente se recompunha. Da manhã até a noite, esses milhares de homens, a maior parte dos quais estava morrendo de fome e em trapos, perambulava irada pelo meio da lama, dando vazão a seu ódio com todo tipo de xingamentos e atos de violência. O mesmo quadro pode ser visto em todas as praças de mercado de Moscou. Ao cair do sol, essas pessoas vão aos bares e casas de jogo; passam suas noites em meio à sujeira e ao sofrimento. Pense na vida dessas pessoas, pense no que elas perdem ao escolherem sua condição presente; pense na pesada carga de trabalho sem remuneração que pesa sobre esses homens e mulheres e vai concluir que eles são os verdadeiros mártires. Todas essas pessoas abandonaram casas, terras, pais, esposas e filhos; renunciaram a todos os confortos da vida e vieram para as cidades para adquirir aquilo que, de acordo com o evangelho do mundo, é indispensável a todos. E todas essas dezenas de milhares de pessoas dormem em cabanas e subsistem de bebidas fortes e comida estragada. Mas, além desta classe, todos, do operário fabril ao motorista de táxi, à costureira, e à prostituta<sup>24</sup>, até o mercador e o funcionário do governo, todos suportam as situações mais dolorosas e anormais sem serem capazes de adquirir o que, de acordo com a doutrina do mundo, é indispensável a cada um.

Procure entre todos esses homens, desde o mendigo até o milionário, um que esteja satisfeito com sua sorte; não vai achar nem um único entre mil. Todos gastam as energias na busca do que é exigido pela

24 N. T.: Lorette, no texto em inglês - na França, um nome para uma mulher que é paga por seus amantes e se devota à ociosidade, aos espetáculos e ao prazer.

doutrina do mundo e daquilo que ele está infeliz por não possuir; e, assim que obtém um objeto de seus desejos, procura um outro, e mais outro, naquele infinito trabalho de Sísifo que destrói a vida dos homens. Passe pela escala das fortunas individuais, indo desde uma renda anual de trezentos até cinquenta mil rublos; é raro encontrar uma pessoa que não esteja tentando ganhar quatrocentos rublos se tiver trezentos, quinhentos se tiver quatrocentos, e assim por diante, até o topo da escada. Entre todas essas pessoas, é raro encontrar uma única que, com quinhentos rublos, esteja com vontade de adotar o modo de vida de um homem que tenha apenas quatrocentos. Quando existe um caso desses, ele não é inspirado pelo desejo de tornar a vida mais simples, e sim para acumular dinheiro e garantir sua segurança. Todos procuram, o tempo todo, tornar ainda mais pesado o fardo já pesado da existência, entregando-se de corpo e alma à prática da doutrina do mundo. Hoje tenho de comprar uma sobrecasaca e galochas; amanhã, um relógio com a corrente; no dia seguinte, temos de nos instalar em um apartamento que tenha um sofá e uma lanterna de bronze; depois precisamos de carpetes e vestidos de veludo; depois uma casa, cavalos e carruagens, quadros e objetos de decoração, e aí - bom, aí caímos doentes por causa do excesso de trabalho e morremos. Um outro continua o mesmo trabalho, sacrifica a vida a este mesmo Moloch e depois também ele morre, sem saber pelo que ele viveu.

Será que uma existência desse tipo não tem lá os seus encantos?

Compare-a com o que os homens sempre chamaram de felicidade e vai ver que ela é hedionda. Pois quais são, de acordo com 'a opinião geral, as principais condições da felicidade terrena? Uma das primeiras condições de felicidade é que o elo entre o homem e a natureza não seja cortado, isto é, ele deve ser capaz de ver o céu acima dele, e deve ser capaz de desfrutar a luz do sol, o ar puro, os campos com seu verde, com sua vida variada. Os homens sempre consideraram uma grande infelicidade serem privados de todas essas coisas. Mas qual é a situação desses homens que vivem de acordo com a doutrina do mundo? Quanto maior o êxito em praticar a doutrina do mundo, tanto mais eles são privados dessas condições de felicidade. Quanto maior seu sucesso mundano, tanto menos eles

são capazes de desfrutar a luz do sol, o frescor dos campos e das matas e todas as delícias da vida do campo. Muitos deles - incluindo quase todas as mulheres - chegam à velhice sem terem visto o sol nascer, nem os esplendores do alvorecer, sem ter visto uma floresta exceto do banco de uma carruagem, sem nunca terem plantado um campo ou um jardim, e sem terem tido a menor ideia dos modos de vida e hábitos dos animais.

Essas pessoas, imersas em luz artificial em vez da luz do sol, olham apenas para tecidos de tapeçaria, pedras e madeira trabalhados pela mão do homem; o rugido da maquinaria, o rolar dos veículos, o estrondo do canhão, o som de instrumentos musicais estão sempre em seus ouvidos; respiram uma atmosfera pesada com perfumes destilados e fumaça de tabaco; por causa da fraqueza de seu estômago e de seu paladar degenerado, comem comida gordurosa e extremamente condimentada. Quando vão de um lugar a outro, viajam em carruagens fechadas. Quando vão para o campo, têm os mesmos tecidos sob os pés; as mesmas cortinas impedindo a entrada da luz do sol; e a mesma fila de empregados corta toda a comunicação com os outros homens, com a terra, com a vegetação e com os animais a seu redor. Onde quer que essas pessoas vão, vão como tantos outros prisioneiros, afastados das condições de felicidade. Assim como os detentos que às vezes se consolam correndo uma folha de grama que abre caminho através do pavimento do pátio de sua prisão, ou fazem de moscas e aranhas animais de estimação, também essas pessoas às vezes se divertem com plantas doentias, com um papagaio, um poodle, ou um macaco, mas cujas necessidades elas mesmas não satisfazem.

Outra condição indispensável à felicidade é o trabalho: primeiramente, o trabalho intelectual que a pessoa tem liberdade para escolher e que ama; em segundo lugar, o exercício da força física que desperta o apetite e traz serenidade e sono profundo. Repetindo: aqui, quanto maior a suposta prosperidade que é destino dos homens de acordo com a doutrina do mundo, tanto mais esses homens são privados desta condição de felicidade. Todos os homens prósperos do mundo, os homens de prestígio e riqueza, ficam tão completamente privados das vantagens do trabalho quanto se estivessem presos em confinamento solitário. Lutam sem êxito contra as doenças causadas pela necessidade de exercício físico e contra o tédio que os persegue - sem êxito porque o trabalho só é um prazer quando é necessário e eles de nada têm necessidade; ou então realizam um trabalho que lhes é odioso, como os banqueiros, procuradores e funcionários públicos e suas esposas, que planejam recepções e reuniões



elegantes e inventam *toilettes* para elas mesmas e seus filhos (uso o termo odioso porque até hoje nunca encontrei nenhuma pessoa dessa classe que estivesse contente com seu trabalho, ou que ele lhe desse mais satisfação que aquela sentida pelo porteiro ao tirar com a pá a neve que está em frente dos degraus de suas portas). Todos esses favoritos da fortuna são privados do trabalho, ou são obrigados a trabalhar em algo de que não gostam, como os criminosos condenados a trabalhos forçados.

A terceira condição indubitável da felicidade é a família. Porém, quanto mais os homens são escravizados pelo sucesso mundano, tanto mais certamente serão afastados dos prazeres domésticos. A maioria deles é de libertinos que renunciam deliberadamente às alegrias da vida familiar e cuidam apenas de seus próprios interesses. Quando não são libertinos, os filhos, em vez de serem uma fonte de prazer, são uma carga, e todos os meios possíveis são empregados para tornar o casamento estéril. E, quando têm filhos, não fazem esforço algum para cultivar os prazeres de sua companhia. Quase sempre deixam os filhos aos cuidados de estranhos, confiando primeiro a sua educação a pessoas que, em geral, são estrangeiras, e depois enviando-os a instituições educacionais públicas, de modo que só conhecem os aborrecimentos da vida familiar; e as crianças, desde a infância, são tão infelizes quanto os pais e desejam que eles morram para poderem tomar posse de sua herança<sup>25</sup>. Essas pessoas não estão confinadas em prisões, mas as consequências de seu modo de vida em relação à família são mais tristes ainda do que a privação das relações domésticas infligidas àqueles que são mantidos em confinamento por sentença judicial.

A quarta condição da felicidade é uma relação amistosa e incondicional com todas as classes de homens. Porém, quanto mais elevado estiver um homem na escala social, tanto mais certo é que vai estar privado desta condição essencial da felicidade. Quanto mais alto ele for, tanto mais estreito se torna seu círculo de associados; e tanto mais baixo é o nível moral e intelectual daqueles a cuja companhia ele está restrito.

O camponês e sua esposa estão livres de entrar em relações amistosas com qualquer um e, se um milhão de homens nada tiver a ver com eles, restam oitenta milhões de pessoas com as quais podem confraternizar, de Arkangel a Astrakhan, sem esperar por visitas cerimoniais, nem por uma apresentação. Um funcionário subalterno e sua esposa vão conhecer centenas de pessoas que são iguais a eles; mas os funcionários de escalão mais alto não vão relacionar-se com eles em

25 É muito curiosa a justificativa dessa existência dada pelos pais. "Eu de nada preciso para

mim'; diz o pai; "este modo de vida é muito desagradável para mim; mas, por causa da afeição por meus filhos, eu suporto seu ônus" Em termos claros, seu argumento seria: "Sei, por experiência própria, que meu modo de vida é uma fonte de infelicidade; é por isso que estou educando meus filhos para o mesmo modo de vida infeliz. Por amor a eles, eu os trago a uma cidade impregnada de miasmas físicos e morais; entrego-os aos cuidados de estrangeiros, para quem a educação dos jovens é uma empresa lucrativa; cerco meus filhos de corrupção física, moral e intelectual". E esse raciocínio serve de justificativa para a vida absurda levada pelos próprios pais.

pé de igualdade social; e estes, por sua vez, são excluídos por outros. O homem rico do mundo tem dezenas de famílias com as quais gostaria de manter relações sociais - e todo o resto do mundo é constituído de estranhos. Para o ministro de Estado e para o milionário, há apenas uma dúzia de pessoas tão ricas e importantes quanto eles. Para reis e imperadores, o círculo é ainda mais estreito. Não é o sistema inteiro uma grande prisão em que cada interno está restrito a se relacionar com uns poucos companheiros igualmente condenados?

Finalmente, a quinta condição da felicidade é a saúde física. E uma vez mais descobrimos que, à medida que ascendemos na escala social, esta condição de felicidade está cada vez menos dentro do alcance dos seguidores da doutrina do mundo. Compare uma família de condição social média com uma família de camponeses.

Essa última trabalha duro, incessantemente, e é robusta de corpo; a primeira é composta de homens e mulheres mais ou menos sujeitos à doença. Recorde-se dos homens e mulheres ricos que você conhece; a maioria deles não é de inválidos? Uma pessoa dessa classe, cujas deficiências físicas não a obrigam a se submeter periodicamente a medidas de higiene e tratamentos médicos é tão rara quanto um inválido nas classes trabalhadoras. Todos esses favoritos da fortuna são as vítimas e os praticantes de vícios sexuais que se tornaram uma segunda natureza, e eles estão desdentados, grisalhos e calvos em uma idade em que um trabalhador está no auge de seu vigor.

Quase todos são afligidos por doenças nervosas e por outras doenças decorrentes de excessos alimentares, da embriaguez, da luxúria e da medicação incessante. Aqueles que não morrem cedo passam a metade da vida sob os efeitos da morfina ou de outras drogas, que usam como melancólicas ruínas humanas incapazes de cuidarem de si mesmas, levando uma existência parasítica como a de certas espécies de formigas que são alimentadas por suas escravas. Eis a lista da morte: um estourou os próprios miolos, outro apodreceu devido aos efeitos do veneno sifilítico; aquele velho sucumbiu por causa de excessos sexuais, esse jovem por causa de uma violenta explosão de sensualidade; um morreu de embriaguez, outro de gula, outro de excesso de morfina, outra de um aborto induzido. Pereceram um

depois do outro, vítimas da doutrina do mundo. E uma grande multidão se comprime atrás deles, como um exército de mártires, para padecer os mesmos sofrimentos, para ter o mesmo fim.

Seguir a doutrina de Jesus é difícil! Jesus disse que aqueles que abandonassem casas, terras, irmãos para seguir sua doutrina receberiam cem vezes mais em casas, terras, irmãos e, além de tudo isso, a vida eterna. E ninguém está disposto a fazer o experimento. A doutrina do mundo ordena a seus seguidores que deixem suas casas, suas terras e seus irmãos; que abandonem o campo pela imundície da cidade, para lá trabalhar duro como ajudante de banhos ensaboando as costas dos outros; como aprendiz em uma oficinazinha subterrânea e passar a vida contando centavos; como promotor de justiça, que serve para levar desgraçados infelizes a serem condenados pela lei; como ministro de Estado, assinando perpetuamente documentos sem a menor importância; como o chefe de um exército, matando homens. "Abandonem tudo e deixem essa vida hedionda, que vai terminar em uma morte cruel, que vocês nada receberão neste mundo ou no outro", é o mandamento, e todo mundo ouve e obedece. Jesus nos diz para tomar a cruz e segui-lo, para aceitar docilmente o destino que nos foi dado. Ninguém ouve suas palavras, nem obedece ao seu mandamento. Mas se um homem vestido com um uniforme enfeitado com laço dourado, um homem cuja especialidade é matar seus semelhantes, disser: "Tome, não sua cruz, mas sua mochila e carabina, e marche para o sofrimento e para a morte certa", uma multidão inumerável está pronta a cumprir suas ordens. Os membros que compõem essa multidão deixam os pais, esposas e filhos, vestidos de roupas grotescas, sujeitos à vontade de qualquer um que tenha um posto superior, famintos, entorpecidos e exaustos pelas marchas forçadas, lá vão eles, como um rebanho de gado para o matadouro, sem saber para onde; mas eles não são cabeças de gado, são homens. Seguem em frente com desespero no coração, para acabar morrendo de fome, de frio ou de doença e, caso sobreviverem, para serem postos ao alcance de uma tempestade de balas e de ordens de matar. Eles matam e são mortos, nenhum deles sabendo por quê, ou com que finalidade. Basta que um moço ambicioso branda a espada e grite algumas palavras grandiloquentes para convencê-los a correr para a morte certa. Isso ninguém acha difícil. Nem as vítimas, nem aqueles que foram abandonados acham difícil fazer esses sacrifícios, nos quais os pais incentivam os filhos a tomar parte. A eles não só parece que essas coisas devam acontecer, como também que não poderiam ser diferentes e que são absolutamente admiráveis e morais.

Se a prática da doutrina do mundo fosse fácil, agradável e sem perigo, talvez pudéssemos acreditar que a prática da doutrina de Jesus é difícil, assustadora e cruel. Mas a doutrina do mundo é muito mais difícil, muito mais perigosa e muito mais cruel que a doutrina de Jesus. Dizem que antigamente havia mártires pela causa de Jesus; mas que eram criaturas excepcionais. Não podemos contar mais do que uns trezentos e oitenta mil deles, voluntários ou involuntários, durante dezoito séculos; mas quem vai contar o número de mártires da doutrina do mundo? Para cada mártir cristão, houve mil mártires da doutrina do mundo; e os sofrimentos de cada um deles foram centenas de vezes mais cruéis do que aqueles padecidos pelos cristãos. Só no século XIX, o número de vítimas de guerras monta a trinta milhões de homens. Esses são os mártires da doutrina do mundo, que teriam escapado do sofrimento e da morte caso tivessem se recusado a seguir a doutrina do mundo, para não falar de seguir a doutrina de Jesus.

Se um homem deixar de ter fé na doutrina do mundo, se deixar de pensar que é indispensável usar botas engraxadas e uma corrente de ouro, de manter um salão inútil, ou de fazer todas as outras besteiras que o mundo exige, nunca vai conhecer os efeitos de ocupações brutalizantes, de sofrimento ilimitado, das ansiedades de uma luta perpétua; vai se manter em comunhão com a natureza; não vai ser privado do trabalho que tanto gosta de fazer, nem de sua família, nem de sua saúde, e não vai sofrer uma morte cruel e brutal.

A doutrina de Jesus não exige um martírio similar ao da doutrina do mundo; ensina, ao contrário, a pôr um fim nos sofrimentos que os homens suportam em nome da falsa doutrina do mundo. A doutrina de Jesus tem um profundo significado metafísico; tem significado enquanto expressão das aspirações da humanidade; mas também tem um significado muito simples, muito claro e muito prático para cada indivíduo em relação à maneira de levar a própria vida. Na verdade, poderíamos dizer que Jesus ensinou aos homens a não fazer besteiras. O significado da doutrina de Jesus é simples e acessível a todos.

Jesus disse que não devemos ficar com raiva por não nos considerarmos melhores que os outros; e, se ficarmos com raiva e ofendermos os outros, pior para nós. Repetindo: ele disse que devemos evitar a libertinagem e, para esse fim, devemos escolher uma mulher a quem devemos permanecer fiéis. Repetindo uma vez mais: ele disse que não devíamos nos ligar por promessas ou juramentos a servir aqueles que

podem nos obrigar a cometer atos de loucura e de maldade. E ele disse também que não devíamos retribuir o mal com o mal, para que o mal não nos atinja com força redobrada. E, por fim, ele disse que não devemos considerar inimigos os homens que moram em outro país e falam uma língua diferente da nossa. E a conclusão é que, se evitarmos fazer qualquer uma dessas besteiras, seremos felizes.

Tudo isso é muito bom (dizemos), mas o mundo está organizado de tal forma que, se formos contra ele, nossa existência será muito mais calamitosa do que se vivermos de acordo com sua doutrina. Se um homem se recusa a realizar o serviço militar, vai ser trancafiado em uma fortaleza e possivelmente será fuzilado. Se um homem não fizer o que é necessário para sustentar a si mesmo e à sua família, todos eles vão morrer de fome. Assim argumentam as pessoas que se sentem obrigadas a defender a organização social existente; mas não acreditam na verdade de suas próprias palavras. Só dizem isso porque não podem negar a verdade da doutrina de Jesus - doutrina que elas dizem professar - e porque precisam se justificar de algum modo pelo fato de não a praticarem. Além de não acreditarem no que dizem, nunca pensaram seriamente no assunto. Acreditam na doutrina do mundo e usam a desculpa que aprenderam na Igreja, de que é inevitável muito sofrimento para aqueles que praticarem a doutrina de Jesus; e, por 'isso, nunca tentaram praticar a doutrina de Jesus.

Já ouvimos falar bastante do sofrimento pavoroso suportado pelos homens que seguem a doutrina do mundo, mas hoje em dia nada ouvimos a respeito do sofrimento suportado em nome da doutrina de Jesus. Trinta milhões de homens morreram em guerras, lutaram em nome da doutrina do mundo; milhares de milhões de criaturas pereceram, esmagadas por um sistema social organizado sobre o princípio da doutrina do mundo; mas onde, em nossos dias, acharemos um milhão, um milhar, uma dúzia, ou um único que tenha morrido de morte cruel, ou que tenha sofrido fome e frio em nome da doutrina de Jesus? Esse medo do sofrimento não passa de uma desculpa pueril que prova o pouco que conhecemos da doutrina de Jesus. Além de não a seguir, sequer a levamos a sério. A Igreja a explicou de tal modo que me parece ser, não a doutrina de uma vida feliz, mas um bicho-papão, um fantasma, uma fonte de terror.

Jesus chama os homens para beber do poço da água da vida, que é gratuita para todos. Os homens estão abrasados pela sede, têm comido imundície e bebido sangue, mas disseram a eles que vão morrer se beberem dessa água oferecida por Jesus. e os homens acreditam nas adver-

tências da superstição. Eles morrem atormentados, tendo a seu alcance a água que não ousam tocar. Se ao menos tivessem fé nas palavras de Jesus e fossem a esse poço de água da vida e saciassem a sede, veriam quão astuciosa tem sido a impostura que a Igreja os tem feito engolir e o quanto seus sofrimentos foram desnecessariamente intensificados. Se ao menos aceitassem a doutrina de Jesus, franca e simplesmente, veriam de imediato o erro trágico de que todos e cada um de nós somos vítimas.

Uma geração após outra faz de tudo para ancorar na violência a segurança de sua existência, e pela violência proteger seus privilégios. Acreditamos que a felicidade de nossa vida está no poder, na dominação e na abundância de bens terrenos. Estamos tão habituados a essa ideia que ficamos alarmados pelos sacrifícios exigidos pela doutrina de Jesus, segundo a qual a felicidade do homem não depende da fortuna, nem do poder, e que o rico não tem como entrar no reino de Deus. Mas esta é uma ideia falsa da doutrina de Jesus, que não nos aconselha a fazer o que é o pior, e sim o que é o melhor para nós mesmos aqui na vida presente. Inspirado por seu amor pelos homens, Jesus aconselhou-os a não depender de uma segurança baseada na violência e a não acumular riquezas, assim como aconselhamos às pessoas ignorantes a se abster, em seu próprio interesse, de brigas e de intemperança. Ele disse que, se os homens vivessem sem defender a si mesmos contra a violência, e sem possuir riquezas, seriam mais felizes; e confirma suas palavras com o exemplo de sua vida. Ele disse que um homem que vive de acordo com sua doutrina deve estar pronto a suportar a violência de outros a qualquer momento e, possivelmente, a morrer de fome e de frio. Mas essa advertência, que parece exigir sacrifícios grandes e insuportáveis, é apenas uma declaração das condições sob as quais os homens sempre viveram e sempre viverão.

Um discípulo de Jesus deve estar preparado para qualquer coisa, principalmente para o sofrimento e para a morte. Mas será que o discípulo do mundo está em uma situação melhor? Estamos tão acostumados a acreditar em tudo que fazemos para ter a tal da segurança na vida (a organização de exércitos, a construção de fortalezas, o abastecimento de tropas), que nossos guarda-roupas, nossa mobília e nosso dinheiro, tudo se parece com garantias reais e estáveis da continuidade de nossa existência. Nós nos esquecemos do destino daquele que resolveu construir grandes armazéns para garantir abundância por muitos anos: ele morreu na noite seguinte a essa decisão. Tudo o que fazemos para tornar nossa existência segura é como o ato do avestruz, quando esconde a cabeça na areia e não vê que seu fim está próximo. Mas, na verdade, somos mais tolos do que o avestruz. Para obter uma segurança incerta

para uma vida incerta em um futuro incerto, sacrificamos uma vida de certezas em um presente que poderíamos ter realmente.

O erro está na firme convicção de que é possível levar uma vida segura lutando uns contra os outros. Estamos tão acostumados a essa segurança ilusória da nossa vida que não nos damos conta do que perdemos ao fazer de tudo por ela. Perdemos tudo - inclusive a própria vida. Nossa vida inteira é levada na ânsia por segurança pessoal, em preparativos para viver, de modo que nunca vivemos realmente.

Se fizermos uma revisão geral de nossa vida, veremos que nenhum esforço em favor daquilo que supomos ser a segurança é feito para garantir essa segurança; veremos que todos os nossos esforços são feitos apenas para nos ajudar a esquecer de que a existência nunca foi e nunca será segura. Mas não basta dizer que somos as vítimas de nossas próprias ilusões e que trocamos a verdadeira vida por uma vida imaginária; nossos esforços

para ter segurança resultam frequentemente na destruição daquilo que mais desejamos preservar. Os franceses pegaram em armas em 1870 para tornar segura sua existência nacional; a tentativa resultou na destruição de centenas de milhares de franceses. Todos os povos que pegaram em armas sofrem a mesma experiência. O rico acredita que sua existência é segura porque ele tem dinheiro, e seu dinheiro atrai um ladrão que o mata. O inválido pensa em tornar segura sua vida pelo uso de remédios, e os remédios o envenenam lentamente; se eles não resultam em sua morte, pelo menos o privam de vida, até ele ficar como o homem impotente que esperou por trinta e cinco anos na piscina que um anjo descesse e agitasse as águas. A doutrina de Jesus, que nos ensina que não podemos tornar nossa vida segura, e que devemos estar prontos para morrer a qualquer momento, é inquestionavelmente preferível à doutrina do mundo, que nos obriga a lutar pela segurança de nossa existência. É preferível porque a impossibilidade de escapar da morte e a impossibilidade de tornar segura a vida é a mesma, tanto para os discípulos de Jesus como para os discípulos do mundo; mas, de acordo com a doutrina de Jesus, a sua vida não é levada na tentativa inútil de conseguir segurança. Para o seguidor de Jesus, a vida é um presente e pode ser devotada a uma finalidade válida - a própria felicidade e a felicidade dos outros. O discípulo de Jesus é pobre, mas sua pobreza significa apenas que ele sempre vai desfrutar as benesses que Deus deu em profusão aos homens. Não vai arruinar a própria existência. Fazemos da pobreza material um sinônimo de calamidade, mas ela é, na verdade, uma fonte de felicidade e, por mais que a consideremos uma calamidade, ela continua sendo uma fonte de felicidade. Ser pobre significa não viver em cidades, mas no campo, não estar trancado em

quartos fechados, mas trabalhar ao ar livre, nas matas e campos, usufruir as delícias da luz do sol, dos céus abertos, da terra, da observação dos hábitos dos animais; significa não torturar o cérebro para inventar pratos para despertar o apetite e não suportar as dores agudas da indigestão. Ser pobre é sentir fome três vezes por dia, dormir sem passar horas lançando no travesseiro uma vítima da insônia, ter filhos e tê-los sempre conosco, nada fazer que não desejarmos fazer (isto é essencial) e não ter medo de alguma coisa nos acontecer. A pessoa pobre vai ficar doente e vai sofrer; vai morrer como o resto do mundo; mas seus sofrimentos e sua morte serão provavelmente menos dolorosos que os do rico; e certamente viverá mais feliz. A pobreza é uma das condições para seguir a doutrina de Jesus, uma condição indispensável para aqueles que querem entrar no reino de Deus e ser felizes.

A objeção a isso é que ninguém vai cuidar de nós e que vamos morrer de fome. A esta objeção podemos responder com as palavras de Jesus, (palavras que têm sido interpretadas de modo a justificar a ociosidade do clero):

Não levem ouro, nem prata, nem cobre na sua bolsa; nem dinheiro para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porque o trabalhador faz jus a seu alimento (Mateus 10:9,10).

Em qualquer casa em que entrarem ... Fiquem nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois o trabalhador merece o seu salário (Lucas 10:5,7).

O trabalhador faz jus, merece (ἀξίως ἐστὶν significa, literalmente, pode e deve obter) seu alimento. É uma frase muito curta, mas aquele que a compreende como Jesus a compreendeu não vai mais ter medo de morrer de fome. Para compreender o verdadeiro significado dessas palavras, é preciso nos livrar daquela ideia tradicional que desenvolvemos a partir da doutrina da redenção: que a felicidade humana consiste em ociosidade. Devemos voltar àquele ponto de vista natural a todos os homens que não degeneraram, que o trabalho, e não a ociosidade, é a condição indispensável de felicidade para todo ser humano; na verdade,

o homem não pode deixar de trabalhar. Temos de nos livrar do preconceito absurdo que nos leva a pensar que um homem que tem uma renda proveniente de um cargo no governo, da propriedade da terra



ou de apólices e títulos de dívidas, está em uma situação natural e feliz porque está desobrigado da necessidade de trabalhar. Temos de reintroduzir no cérebro humano a ideia do trabalho de homens que não estão degenerados, a ideia que Jesus expressa quando diz que o trabalhador faz jus a seu alimento. Jesus não imaginava que os homens pudessem considerar o trabalho uma maldição e, por conseguinte, não tinha em mente um homem que não trabalhasse, ou que não desejasse trabalhar. Supôs que todos os seus discípulos quisessem trabalhar e por isso disse que, se um homem trabalhasse, seu trabalho lhe traria comida. Aquele que faz uso do trabalho de outro deve prover comida para aquele que trabalha pelo simples fato de se beneficiar daquele trabalho. E, por isso, aquele que trabalha sempre tem comida; pode não ter propriedade, mas quanto à comida, não precisa haver nenhuma incerteza.

Em relação ao trabalho, há uma diferença entre a doutrina de Jesus e a doutrina do mundo. De acordo com a doutrina do mundo, é muito meritório um homem estar disposto a trabalhar; por meio de seu trabalho ele se capacita a entrar em competição com outros e pedir salários proporcionais a suas qualificações. De acordo com a doutrina de Jesus, o trabalho é a condição inevitável da vida humana e o alimento é a consequência inevitável do trabalho. O trabalho produz comida e a comida produz trabalho. Por mais cruel e ávido que seja o empregador, ele sempre vai alimentar seus trabalhadores, da mesma forma como sempre vai alimentar seu cavalo; vai alimentá-los para obter o máximo de trabalho que puder e, desse modo, contribui para o bem-estar do trabalhador:

"Pois, na verdade, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida para a redenção de muitos".

De acordo com a doutrina de Jesus, todo indivíduo será tanto mais feliz quanto mais claramente compreender que sua vocação não consiste em exigir que os outros o sirvam, mas em servir aos outros, em dar sua vida para a redenção de muitos. Quem fizer isso será digno de sua comida e não deixará de tê-la. Com as palavras "veio, não para ser servido, mas para servir": Jesus apresentou um modo de vida que assegura a existência material do homem; e com as palavras "o trabalhador faz jus à sua comida", ele respondeu de uma vez por todas à objeção de aquele que pratica sua doutrina no meio daqueles que não a praticam correria o perigo de morrer de fome e de frio. Jesus praticou sua própria doutrina em meio a grande oposição e não morreu de fome, nem de frio. Provou que o homem não assegura a própria subsistência acumulando bens mundanos às custas de outros, mas tornando-se útil e indispen-

sável aos outros. Quanto mais necessário ele for aos outros, tanto mais sua existência será segura.

Tal como está organizado agora, o mundo tem milhões de homens que não têm propriedade e que não praticam a doutrina de Jesus servindo aos outros, mas eles não morrem de fome. Como, então, questionar a doutrina de Jesus, dizendo que aqueles que a praticam trabalhando para os outros vão morrer por falta de comida? Os homens não podem morrer de fome enquanto os ricos têm pão. Na Rússia, há milhões de homens que nada possuem e subsistem exclusivamente de seu trabalho. A existência de um cristão seria tão segura entre pagãos como seria entre aqueles de sua própria fé. Ele trabalharia para os outros; seria necessário aos outros e, por conseguinte, seria alimentado. Mesmo um cão, se for útil, é alimentado e cuidado; e não será alimentado e cuidado um homem cujos serviços são necessários ao mundo inteiro?

Mas aqueles que buscam por todos os meios possíveis justificar a vida pessoal têm outra objeção. Dizem que, se o homem estiver doente, se tiver uma esposa, pais e filhos que dependem dele - se este homem

não puder trabalhar, não será alimentado. Dizem isso e vão continuar dizendo; mas seus próprios atos provam que não acreditam no que eles próprios dizem. Essas mesmas pessoas que não querem admitir que a doutrina de Jesus é praticável, praticam-na elas mesmas em uma certa medida. Não deixam de cuidar de uma ovelha doente, nem de um boi doente, nem de um cão doente. Não matam um cavalo velho; dão a ele um trabalho proporcional à sua resistência. Cuidam de todas as espécies de animais sem esperar qualquer recompensa em troca; e será que pode acontecer de elas não cuidarem de um homem útil que ficou doente, de não encontrarem um trabalho adequado à resistência do velho e da criança, de não cuidarem dos próprios bebês que mais tarde, por sua vez, serão capazes de trabalhar para elas? Na verdade, fazem tudo isso. Nove décimos dos homens são cuidados pelo outro décimo, assim como tantas cabeças de gado. E, por maior que seja a escuridão em que vive esse um décimo, por mais errada que seja sua visão dos outros nove décimos da humanidade, mesmo que pudessem, não privariam os outros nove décimos de comida. Os ricos não vão privar os pobres do que é necessário porque querem que estes se multipliquem e trabalhem, de modo que, hoje em dia, a pequena minoria de ricos provê, direta ou indiretamente, a alimentação da maioria, para que esta

possa fornecer o máximo de trabalho e se multiplicar e criar um novo suprimento de trabalhadores. As formigas cuidam da proliferação e bem-estar de suas escravas. Por que não cuidariam os homens daqueles cujo trabalho acham necessário? Os trabalhadores são necessários. E aqueles que se beneficiam do trabalho sempre vão ter o cuidado de prover os meios de trabalho para aqueles que estão dispostos a trabalhar. Procede a objeção referente à possibilidade de praticar a doutrina de Jesus - a objeção de que, se os homens não adquirirem bens para si mesmos e não tiverem riqueza de reserva, ninguém vai cuidar de sua família, mas só procede em relação a pessoas ociosas e odiosas como os membros da maioria de nossas classes abastadas. Ninguém (com a exceção de pais tolos) se dá ao trabalho de cuidar de pessoas preguiçosas, porque pessoas preguiçosas não são úteis para ninguém, nem mesmo para si mesmas; quanto aos trabalhadores, mesmo os homens mais cruéis e egoístas vão contribuir para o bem-estar deles. As pessoas criam gado, treinam e cuidam de bois, e um homem, enquanto besta de carga, é muito mais útil do que um boi, como mostra o preço do mercado de escravos. Esta é a razão pela qual as crianças nunca vão ficar sem arrimo.

O homem não está no mundo para trabalhar para si mesmo; está no mundo para trabalhar para os outros, e o trabalhador é digno de seu trabalho. Essas verdades são confirmadas pela experiência universal; agora, sempre e em todo lugar, o homem que trabalha recebe os meios de subsistência material. Essa subsistência é assegurada àquele que trabalha contra a vontade; pois tudo quanto esse tipo de trabalhador deseja é se livrar da necessidade de trabalhar e faz de tudo para retirar o *jugo* de seu próprio pescoço e colocá-lo no pescoço de outro. Um trabalhador como esse - invejoso, ávido, trabalhando contra a vontade - nunca vai deixar de ter comida e vai ser mais feliz do que aquele que, sem trabalhar, vive do trabalho dos outros. Quão mais feliz então não vai ser o trabalhador que trabalha em obediência à doutrina de Jesus com o objetivo de realizar todo o trabalho de que é capaz e desejando por ele o menor retorno possível? Sua situação não vai ser muito mais cobiçada, quando, pouco a pouco, ele vir seu exemplo seguido por outros? Pelos serviços prestados, ele vai receber serviços iguais.

A doutrina de Jesus em relação ao trabalho e aos frutos do trabalho é expressa na história dos pães e dos peixes, onde fica claro que o homem desfruta da maior soma possível dos benefícios acessíveis à humanidade, não quando se apropria de tudo quanto conseguir se apoderar, nem quando usa o que tiver para seu prazer pessoal, mas

quando satisfaz as necessidades dos outros, como Jesus fez nas fronteiras da Galileia.

Havia muitos milhares de homens e mulheres a serem alimentados. Um dos discípulos de Jesus disse a ele que havia um rapaz que tinha cinco pães e dois peixes. Jesus compreendeu que algumas das pessoas que vieram de longe tinham trazido provisões e que algumas não tinham trazido nada; mas, depois que todos foram saciados, os discípulos juntaram doze cestas cheias de restos (se ninguém, exceto o rapaz, tivesse trazido algo de comer, como poderia haver tantos restos depois que todos foram alimentados?). Se Jesus não tivesse dado um exemplo, as pessoas teriam agido como as pessoas do mundo agem agora. Algumas das que tinham comida teriam devorado tudo o que tinham por gula ou avidez, e algumas, depois de comer o que precisavam comer, teriam levado o resto para casa. Aquelas que não tinham nada ficariam com fome e teriam olhado seus companheiros mais providentes ou afortunados com inveja e ódio; algumas delas talvez se sentissem tentadas a tomar à força a comida daquelas que tinham e o resultado teria sido a fome, o ódio e as rixas. Ou *seja*, a multidão teria agido exatamente como as pessoas agem *hoje*.

Mas Jesus sabia exatamente o que fazer. Pediu que todos se sentassem e depois ordenou a seus discípulos para dividir o que tinham com aqueles que nada tinham, e para pedir aos outros para fazer o mesmo. O resultado foi que aqueles que tinham comida seguiram o exemplo de Jesus e de seus discípulos e dividiram com os outros o que tinham. Todo mundo comeu e ficou satisfeito e, com os restos que sobraram, os discípulos encheram doze cestas.

Jesus ensina todos nós a governar sua vida pela lei da razão e da consciência, pois a lei da razão é tão aplicável ao indivíduo como à humanidade em geral. O trabalho é a condição inevitável da vida humana, a verdadeira fonte do bem-estar humano. Por essa razão, recusar-se a dividir os frutos do próprio trabalho com os outros é recusar-se a aceitar as condições da verdadeira felicidade. Dar os frutos do próprio trabalho a outros é contribuir para o bem-estar de todos os homens.

Já ouvi a réplica mordaz de que, se os homens não tirassem à força a comida dos outros, eles próprios morreriam de fome. Para mim parece mais razoável dizer que, se os homens tiram à força a comida dos outros, alguns deles vão morrer de fome, e a experiência confirma o meu ponto de vista.

Todo homem, quer viva de acordo com a doutrina de Jesus, quer viva de acordo com a doutrina do mundo, vive apenas graças ao sofrimento e aos cuidados *das* outros. Desde seu nascimento, o homem

é cuidado e alimentado pelos outros. De acordo com a doutrina do mundo, o homem tem o direito de pedir que os outros continuem a alimentar e cuidar dele e de sua família; mas, de acordo com a doutrina de Jesus, ele só tem direito aos cuidados e à alimentação se fizer tudo o que puder para servir aos outros e, desse modo, tornar-se útil e indispensável à humanidade. Em geral, os homens que vivem de acordo com a doutrina do mundo ficam ansiosos para se livrar de alguém inútil a quem são obrigados a alimentar; na primeira oportunidade que tiverem, param de alimentar essa pessoa e a deixam morrer, por causa de sua inutilidade; mas aquele que vive para os outros de acordo com a doutrina de Jesus, todos- os homens, por mais maldosos que sejam, vão sempre cuidar e alimentar, para poder continuar trabalhando em seu favor.

Qual vida, então, é a mais razoável? Qual oferece mais alegria e mais segurança? Uma vida de acordo com a doutrina do mundo, ou uma vida de acordo com a doutrina de Jesus?

## **Capítulo XI**

A doutrina de Jesus vai instituir o reino de Deus na Terra. A prática de sua doutrina não é difícil; além de não ser difícil, sua prática é uma expressão natural da crença de todos que reconhecem sua verdade. A doutrina de Jesus oferece a única oportunidade possível de salvação para aqueles que querem escapar da perdição que ameaça a vida pessoal. Além de livrar os homens das privações e sofrimentos desta vida, praticar essa doutrina vai acabar com nove décimos do sofrimento suportado em nome da doutrina do mundo.

Quando compreendi isso, perguntei a mim mesmo por que eu nunca tinha praticado uma doutrina que ia me dar tanta felicidade, paz e alegria; e por que, por outro lado, eu sempre tinha praticado uma doutrina inteiramente diferente e, com isso, desgraçado a mim mesmo? Por quê? A resposta era simples. Porque eu nunca havia conhecido a verdade. A verdade havia sido escondida de mim.

Quando a doutrina de Jesus foi revelada a mim pela primeira vez, não achei que a descoberta poderia me levar a rejeitar a doutrina da Igreja. Eu temia essa separação e, ao longo de meus estudos, não procurei os erros na doutrina da Igreja, ao contrário: tentei fechar meus olhos a proposições que pareciam obscuras e estranhas, visto que elas não estavam em contradição evidente com aquilo que eu considerava a substância da doutrina cristã.

Porém, quanto mais eu avançava no estudo dos Evangelhos, e quanto mais claramente a doutrina de Jesus se revelava a mim, tanto mais

inevitável se tornava a escolha. Ou eu aceitava a doutrina de Jesus, uma doutrina razoável e simples de acordo com minha consciência e minha esperança de salvação, ou eu aceitava uma doutrina inteiramente diferente, uma doutrina contrária à razão e à consciência e que nada me oferecia além da certeza de minha própria perdição e da dos outros. Portanto, fui obrigado a rejeitar, um após outro, os dogmas da Igreja. Fiz isso contra minha vontade, lutando contra o desejo de amenizar tanto quanto possível a minha discordância da Igreja, não querendo ser obrigado a me separar da Igreja e, com isso, privar-me da comunhão dos irmãos de fé, a maior felicidade que a religião pode conceder. Mas, quando completei minha tarefa, vi que, apesar de todos os meus esforços para manter uma ligação com a Igreja, a separação foi completa. Eu sabia antes que essa ligação, se é que existiu algum dia, devia ser muito frágil, mas logo fiquei convencido de que ela não existia.

Depois de eu ter completado meu estudo dos Evangelhos, meu filho me procurou e me falou a respeito de uma discussão entre dois serviçais nossos (pessoas sem instrução que mal sabiam ler), referente

a uma passagem em certo livro religioso que afirmava não ser pecado condenar criminosos à morte, nem matar inimigos na guerra. Eu não consegui acreditar que uma afirmação dessa espécie pudesse estar escrita em um livro, qualquer que fosse, e pedi para vê-lo. O volume tinha o título de *Um livro de orações selecionados*; terceira edição; oitenta mil; Moscou: 1879. Na página 163 deste livro, li o seguinte:

- Qual é o sexto mandamento de Deus?
- Não matar.
- O que Deus proibiu com esse mandamento?
- Ele nos proibiu de matar, de tirar a vida de qualquer homem.
- É pecado punir um criminoso com a morte de acordo com a lei, ou matar um inimigo na guerra?
  
- Não; isso não é pecado. Acabamos com a vida do criminoso para pôr um fim ao erro que ele comete; matamos um inimigo na guerra porque, na guerra, lutamos por nossa soberania e por nossa pátria.

E, desse modo, a lei de Deus foi anulada! Mal pude acreditar no que tinha acabado de ler.

Foi pedido um parecer meu sobre o assunto em questão. Para aquele que sustentava que a instrução dada pelo livro era legítima, eu disse que a explicação não estava correta.

- Por que, então, eles imprimem explicações que não são válidas, que são contrárias à lei? - foi sua pergunta, à qual nada pude responder.

Fiquei com o volume e examinei seu conteúdo. O livro continha trinta e uma orações com instruções referentes a genuflexões e à junção dos dedos; uma explicação do Credo; uma citação do quinto capítulo de Mateus sem qualquer explicação que fosse, mas com o título de "Mandamentos para aqueles que querem as beatitudes"; os dez mandamentos acompanhados por comentários que os tornavam quase nulos; e hinos para cada santo do dia.

Como já disse, além de não ter procurado censurar a religião da Igreja, havia feito de tudo para ver apenas seu lado mais favorável; e, conhecendo de ponta a ponta a sua literatura acadêmica, eu não tinha prestado atenção à sua literatura popular. Esse livro de devoção, difundido através de um número enorme de cópias; e que despertava dúvidas na cabeça das pessoas mais incultas, deu-me o que pensar. O conteúdo do livro me parecia tão inteiramente pagão, em desacordo tão completo com o cristianismo, que não pude acreditar que fosse um propósito deliberado

da Igreja em propagar essa doutrina. Para testar minha opinião, comprei e li todos os livros publicados pelo sínodo com sua "bênção" (*blagoslovnia*), livros que continham exposições resumidas da religião da Igreja para uso de crianças e do povo comum.

O conteúdo deles era quase inteiramente novo para mim, pois na época em que recebi meus primeiros ensinamentos religiosos, eles ainda não tinham sido publicados. Tanto quanto eu conseguia me lembrar, não havia mandamentos em relação às beatitudes, nem havia doutrina que ensinasse que não era pecado matar. Nenhum desses ensinamentos constava dos catecismos antigos; eles não estavam no catecismo de Pedro Mogilas, nem no de Beliokof, nem nos catecismos católicos abreviados. A inovação foi introduzida por Philaret<sup>26</sup>, que preparou um catecismo com a devida consideração pelas suscetibilidades da classe militar, e foi com base nesse catecismo que compilaram o *Livro das orações selecionadas*. O trabalho de Philaret é intitulado *O catecismo cristão da igreja ortodoxa russa para uso de todos os cristãos ortodoxos* e foi publicado "por ordem de sua Majestade Imperial?",

O livro é dividido em três partes: "Sobre a fé", "Sobre a esperança" e "Sobre o amor". A primeira parte contém a análise do símbolo da fé apresentado pelo Concílio de Niceia. A segunda parte é composta de uma exposição do *Pai Nosso* e dos primeiros oito versículos do quinto capítulo de Mateus, que servem de introdução ao Sermão da Montanha e são chamados (não sei o porquê) de "Mandamentos para aqueles que querem as beatitudes". Essas duas primeiras partes tratam dos dogmas da Igreja, de orações e dos sacramentos, mas não apresentam nenhuma regra sobre a conduta da vida. A terceira parte, "Sobre o amor", contém uma exposição dos deveres cristãos, baseada não nos mandamentos de Jesus, mas nos dez mandamentos de Moisés. Esta exposição dos mandamentos de Moisés parece ter sido feita com o propósito especial de ensinar os homens a não obedecer a eles. Cada mandamento é seguido de uma restrição que

26 N. T.: Philaret (1554-1633) - Arcebispo da Igreja Ortodoxa Russa em Moscou e pai do primeiro czar Romanov.

27 N.T.: Este livro foi usado em todas as escolas e igrejas da Rússia desde 1830.

destrói completamente sua força. Em relação ao primeiro mandamento, que ordena adorar apenas a Deus, o catecismo prega a adoração de santos e anjos, para não falar da Mãe de Deus, nem das três pessoas da Trindade (*Catecismo especial*, p. 107, 108). Em relação ao segundo mandamento, contra a adoração de ídolos, o catecismo prega a adoração de imagens



(p. 108). Em relação ao terceiro mandamento, o catecismo afirma que fazer juramentos é o principal símbolo da autoridade legítima (p. 111). Em relação ao quarto mandamento, relativo à observância do sábado, o catecismo inculca a observância do domingo, das treze festas religiosas, de um grande número de feriados religiosos de importância secundária, a observância da quaresma e de jejuns às quartas-feiras e às sextas-feiras (p. 112-115). Em relação ao quinto mandamento "Honrar pai e mãe", o catecismo ordena honrar o soberano, o país, os pais espirituais, todas as pessoas em posição de autoridade e, em relação a estas, apresenta uma lista de três páginas, entre as quais as autoridades educacionais, as autoridades civis, judiciais e militares, e os donos de servos, com instruções sobre a maneira de honrar cada uma dessas classes (p. 116-199). Minhas citações são da 64ª edição do catecismo, datada de 1880. Vinte anos se passaram desde a abolição da servidão e ninguém se deu o trabalho de apagar a frase que, relativa ao mandamento de Deus de honrar os pais, foi introduzida no catecismo para manter e justificar a escravidão. Quanto ao sexto mandamento "não matar", as instruções do catecismo são, desde a primeira, em favor do assassinato.

Pergunta: - O que o sexto mandamento proíbe?

Resposta: - Ele proíbe o assassinato, proíbe tirar a vida do próximo de qualquer maneira, seja qual for.

Pergunta: - Todo assassinato é uma transgressão da lei?

Resposta: - O assassinato não é uma transgressão da lei quando a vida for tirada em obediência a uma ordem. Por exemplo:

1º Quando um criminoso condenado pela justiça for punido com a morte.

2º Quando matamos em guerra pelo soberano e por nosso país.

Mais adiante lemos:

Pergunta: - Em relação ao assassinato, quando a lei é transgredida?

Resposta: - Quando alguém esconde um assassino ou o põe em liberdade. (sic)

Tudo isso está impresso em milhares de cópias e, sob o nome de doutrina cristã, é ensinado compulsoriamente a todo russo, que é obrigado a aprendê-lo sob pena de castigo. Isso é ensinado a todo o povo russo. f: ensinado a crianças inocentes - às crianças que Jesus ordenou que fossem levadas até a ele, uma vez que pertenciam ao reino de Deus;

às crianças às quais devemos nos parecer, em sua ignorância de doutrinas falsas, para entrar no reino de Deus; às crianças que Jesus tentou proteger ao amaldiçoar aquele que fizesse um daqueles pequenos tropeçar! E as criancinhas são obrigadas a aprender tudo isso, e nos dizem que essa é a lei única e sacrossanta de Deus. Essas não são declarações publicadas clandestinamente, cujos autores são punidos com trabalhos forçados; são declarações que impõem trabalhos forçados a todos aqueles que não concordem com as doutrinas que elas procuram inculcar. Enquanto escrevo estas linhas, experimento um sentimento de insegurança, simplesmente porque me permiti dizer que os homens não podem revogar a lei fundamental de Deus inscrita em todos os códigos e em todos os corações, por meio de palavras como estas: "O assassinato não é uma transgressão da lei quando a vida for tirada em obediência a uma ordem ... quando matamos em guerra por nosso soberano e por nosso país".

Tremi por me permitir dizer que essas coisas não deveriam ser ensinadas às crianças.

Foi contra ensinamentos como esses que Jesus advertiu os homens ao dizer: "Cuidado, então, para que a luz que há em você não seja treva (Lucas 11:35).

A luz que está em nós transformou-se em trevas; e as trevas que existem em nossa vida estão cheias de terror.

Mas ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois fecham aos homens o reino dos céus; e nem vocês entram, nem deixam entrar os que querem entrar. Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois devoram as casas das viúvas, sob o pretexto de orações prolongadas; por isso sofrerão mais rigoroso juízo. Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois atravessam o mar e a terra para fazer um seguidor; e, depois de fazer um seguidor, fazem dele um filho do inferno, duas vezes pior que vocês. Ai de vocês, dirigentes cegos (Mateus 23: 13-16)!

Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois constroem os sepulcros dos profetas e decoram os monumentos dos justos e dizem: "Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos juntaríamos a eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vocês mesmos confessam ser filhos dos que mataram os profetas. Acabaram, portanto, de encher a medida de seus pais (Mateus 23: 29-32).

Portanto, envio profetas, sábios e escribas; a alguns deles vocês vão matar e crucificar; e a outros vocês vão açoitar nas suas sinagogas e persegui-los de

cidade em cidade; para que sobre vocês caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel (Mateus 23:34-35).

Todo pecado e blasfêmia contra os homens serão perdoados; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada (Mateus 12:31).

Na verdade, poderíamos dizer que tudo isto foi escrito ontem mesmo, e não contra os homens que não mais atravessam mar e terra para blasfemar contra o Espírito, nem para converter outros a uma religião que torna seus prosélitos piores do que eram antes, e sim contra homens que forcem deliberadamente as pessoas a abraçar sua religião, perseguem e matam todos os profetas e justos que tentam revelar suas imposturas à humanidade. Eu me convenci de que a doutrina da Igreja, embora se diga "cristã", é a mesma treva contra a qual Jesus lutou e a qual ele ordenou a seus discípulos que combatessem.

A doutrina de Jesus, como todas as doutrinas religiosas, é vista de duas maneiras: a primeira, como um sistema moral e ético que ensina aos homens como viver enquanto indivíduos isolados e em relação entre si; a segunda, como uma teoria metafísica que explica por que os homens devem viver de uma determinada maneira e não de outra. Uma necessita da outra. O homem deve viver dessa maneira porque esse é o seu destino; ou o destino do homem é esse e, por conseguinte, ele deve cumpri-lo. Esses dois métodos de expressão doutrinal são comuns a todas as religiões do mundo, à religião dos brâmanes, à de Confúcio, à de Buda, à de Moisés e à do Cristo. Mas, em relação à doutrina de Jesus, em relação a todas as outras doutrinas, os homens se desviam de seus preceitos e sempre acham alguém para justificar seus desvios. Aqueles que, como disse Jesus, ocupam o lugar de Moisés, explicam a teoria metafísica de modo tal que as prescrições éticas da doutrina deixam de ser consideradas obrigatórias e são substituídas por formas externas de culto, pelo cerimonial. Esta é um elemento comum a todas as religiões; mas, a meu ver, ele parece nunca ter se manifestado com tanta pompa quanto no cristianismo, e por duas razões: a primeira, porque a doutrina de Jesus é a mais elevada de todas as doutrinas (a mais elevada porque as partes metafísica e ética estão ligadas de modo tão estreito que uma não pode ser separada da outra sem destruir a vitalidade do todo); a segunda,

porque a doutrina de Jesus é em si mesma um protesto contra todas as fórmulas vazias, uma negação não só do cerimonial judaico, mas de todos os ritos exteriores de um culto. Portanto, a separação arbitrária dos aspectos metafísico e ético do cristianismo desfigura a doutrina e a priva de todo e qualquer significado. A separação começou com a pre-

gação de Paulo, que não conhecia bem as doutrinas éticas apresentadas no Evangelho de Mateus e que pregava uma teoria físico-cabalista completamente estranha à doutrina de Jesus; e essa teoria foi aperfeiçoada sob Constantino, quando a organização social pagã existente foi proclamada cristã simplesmente cobrindo-a com um verniz de cristianismo. Depois de Constantino, aquele arquipagão, a quem a Igreja, apesar de todos os seus crimes e vícios, colocou na categoria de santo, começou a ditadura dos concílios e o centro de gravidade do cristianismo foi permanentemente deslocado até que só continuou visível a parte metafísica. E essa teoria metafísica, com o cerimonial que a acompanha, desviou-se cada vez mais de seu significado verdadeiro e primitivo, até atingir seu estágio presente de desenvolvimento, tornando-se uma doutrina que explica os mistérios de uma vida celestial além da compreensão da razão humana e, com todas as suas complicadas fórmulas, não dá qualquer orientação que seja a respeito da organização desta vida terrena.

Todas as religiões, com exceção da religião da Igreja cristã, exigem de seus adeptos, além de rituais e cerimônias, a prática de certas ações consideradas boas e a abstinência de certas ações consideradas más. A religião judaica prescrevia a circuncisão, a observância do sábado, dar esmolas, a festa da páscoa judaica. O islamismo prescreve a circuncisão, orar cinco vezes por dia, dar o dízimo aos pobres, a peregrinação ao túmulo do profeta e muitas outras coisas. O mesmo acontece com todas as outras religiões. Se essas prescrições são boas ou más, não importa; são prescrições que exigem a realização de certas ações. Só o

pseudocristianismo nada exige. Nada há que um cristão seja obrigado a fazer, exceto jejuns e orações, que a própria Igreja não reconhece como obrigatórios. Tudo quanto é necessário a um pseudocristão é o sacramento. Mas o sacramento não é realizado pelo fiel; é ministrado a ele por outros. O pseudocristão não é obrigado a fazer nada, nem a se abster de nada em prol de sua salvação, pois a Igreja ministra a ele tudo o que ele necessita. A Igreja o batiza, a Igreja o confessa e, mesmo depois de ter perdido a consciência, ministra-lhe a extrema-unção e ora por ele, e ele se salva. Desde o tempo de Constantino que a Igreja cristã não prescreve nenhum dever religioso a seus adeptos. Nunca exigiu que eles se abstivessem de nada. A Igreja cristã aceitou e aprovou o divórcio, a escravidão, os tribunais, todos os poderes terrenos, a pena de morte e a guerra; e nada tem exigido, exceto a renúncia a um propósito de fazer o mal na ocasião do batismo e, mesmo isso, só nos primeiros tempos; mais tarde, quando foi introduzido o batismo da

criança, até mesmo este requisito deixou de ser exigido.

A Igreja reconhece teoricamente a doutrina de Jesus, mas a nega na prática. Em vez de orientar a vida do mundo, a Igreja, por amor ao mundo, expõe a doutrina metafísica de Jesus de tal modo que não decorre dela nenhuma obrigação quanto ao modo de vida, nenhuma necessidade para os homens viverem de modo diferente daquele que viveram até agora. A Igreja se rendeu ao mundo e simplesmente faz parte do séquito do vencedor. O mundo faz o que quer e deixa à Igreja a tarefa de justificar seus atos com explicações sobre o significado da vida. O mundo organiza a vida de maneira totalmente oposta à doutrina de Jesus, e a Igreja faz de tudo para demonstrar que os homens que vivem contrariamente à doutrina de Jesus vivem, na verdade, de acordo com esta doutrina. O resultado final é que o mundo vive uma existência pior do que a pagã e a Igreja, além de aprová-la, também afirma que essa existência está em exata conformidade com a doutrina de Jesus.

Mas vai chegar um momento em que a luz da verdadeira doutrina de Jesus vai brilhar a partir dos Evangelhos, apesar dos esforços criminosos da Igreja de escondê-la dos olhos dos homens como, por exemplo, ao proibir uma tradução da Bíblia; vai chegar um momento em que a luz vai chegar às pessoas, nem que seja através dos sectários e dos livres-pensadores, e a falsidade da doutrina da Igreja vai ser demonstrada tão claramente que os homens vão começar a transformar o modo de vida que a Igreja legitima.

Foi assim que, de comum acordo e contrapondo-se à aprovação da Igreja, os homens aboliram a escravidão, aboliram o direito divino-de imperadores e de papas e agora estão prestes a abolir a propriedade e o Estado. E a Igreja não pode proibir esses atos, porque a abolição de iniquidades está em conformidade com a doutrina cristã, que a Igreja prega depois de ter deturpado.

E, desse modo, a direção da vida humana liberta-se do controle da Igreja e sujeita-se a uma autoridade inteiramente diferente. A Igreja continua com seus dogmas, mas de que valem seus dogmas? Uma explicação metafísica só é útil se houver uma doutrina de vida à qual ela sirva de meio de expressão. No entanto, a Igreja só tem a explicação de uma organização do mundo que ela um dia aprovou e que não existe mais. A Igreja só deixou templos, sacrários, paramentos sacerdotais, roupas e palavras.

Por dezoito séculos a Igreja escondeu a luz do cristianismo atrás de suas fórmulas e cerimoniais, e é essa mesma luz que revela sua vergonha. O mundo, com uma organização sancionada pela Igreja, rejeitou a Igreja em nome dos próprios princípios do cristianismo que a Igreja diz

professar. A separação entre os dois é completa e não há como escondê-la. Tudo o que verdadeiramente vive hoje no mundo europeu (tudo o que não está congelado e emudecido por um isolamento odioso), tudo o que é vivo está separado da Igreja, de todas as igrejas, tem uma existência independente da Igreja. Que não se diga que isto se aplica

somente às civilizações decadentes da Europa ocidental. A Rússia, com seus milhões de racionalistas cristãos, civilizados ou não, homens que rejeitaram a doutrina da Igreja, prova incontestavelmente que, em relação à emancipação do jugo da Igreja, ela está, graças a Deus, em uma condição pior de decadência do que o resto da Europa.

Tudo o que vive é independente da Igreja. O poder do Estado baseia-se na tradição, na ciência, no voto popular, na força bruta, em tudo, exceto na Igreja. Guerras, as relações de Estado com Estado, são todas governadas pelos princípios de nacionalidade, de equilíbrio de poder, mas não pela Igreja. As instituições criadas pelo Estado ignoram francamente a Igreja. A ideia de que, hoje em dia, a Igreja pode servir de base para a justiça, ou para a preservação da propriedade, é simplesmente absurda. Não é só que a ciência não aprova a doutrina da Igreja; ela é, com seu desenvolvimento, completamente hostil à Igreja. A arte, no início inteiramente devotada ao serviço da Igreja, abandonou totalmente a Igreja. É pouco dizer que a vida humana está agora inteiramente emancipada da Igreja; em relação à Igreja, ela sente agora apenas desprezo quando ela não interfere nos negócios humanos, e ódio quando ela procura reafirmar seus antigos privilégios. À Igreja ainda se permite uma existência formal simplesmente porque os homens temem quebrar o cálice que um dia conteve a água da vida. Só assim podemos explicar em nossa época a existência do catolicismo, da Igreja Ortodoxa e das diferentes igrejas protestantes.

Todas essas igrejas - católica, ortodoxa, protestante - são como as muitas sentinelas ainda vigiando cuidadosamente as portas da prisão, embora os prisioneiros já tenham sido libertados há muito tempo diante de seus olhos e até mesmo ameacem sua existência. Tudo o que realmente constitui a vida, ou seja, a atividade dos seres humanos em direção ao progresso e a seu próprio bem-estar, ao socialismo, ao comunismo, às novas teorias político-econômicas, ao utilitarismo, à liberdade

e igualdade de todas as classes sociais, e de homens e de mulheres, a todos os princípios morais da humanidade, à santidade do trabalho, à razão, à ciência, à arte - tudo o que leva ao progresso do mundo é em detrimento da Igreja, tudo isso não passa de fragmentos da doutrina

que a Igreja professa e empenha-se tão fervorosamente em esconder. Hoje em dia, a vida do mundo é inteiramente independente da doutrina da Igreja. A Igreja ficou tão para trás que os homens não ouvem mais as vozes daqueles que pregam suas doutrinas. Isso é fácil de entender, pois a Igreja ainda se agarra a uma organização da vida do mundo que já foi abandonada e está caminhando rapidamente para a destruição. Imagine uns homens navegando em um bote, com um piloto ao leme. Os homens confiam no piloto e o piloto sabe o que faz; mas, depois de algum tempo, o piloto competente é substituído por outro que nada entende do assunto. O bote segue em frente rápida e facilmente. No começo, os homens não notam a incompetência do novo piloto; contentam-se em saber que o bote avança facilmente. Mas, a certa altura, descobrem que o novo piloto é um inútil, decepcionam-se com ele e o tiram do lugar.

A questão não seria tão séria se os homens, ao tirar o piloto inábil, não se esquecessem de que, sem um piloto, provavelmente vão tomar uma direção errada. O mesmo acontece com nossa sociedade cristã. A Igreja perdeu seu controle; nós nos movemos suavemente para a frente e estamos muito longe de nosso ponto de partida. A ciência, aquele orgulho especial deste século dezenove, às vezes fica alarmada; mas isto acontece por causa da falta de um piloto. Estamos seguindo em frente, mas para onde? Organizamos nossa vida sem ao menos sabermos por quê, com que finalidade. Mas não podemos mais nos contentar em viver sem sabermos por quê, assim como não podemos navegar em um bote sem sabermos em que direção estamos indo.

Se os homens nada pudessem fazer por si mesmos, se não fossem responsáveis por sua condição, poderiam muito bem responder à pergunta: "Por que você está nessa situação?", dizendo: "Não sabemos, mas aqui estamos e nos conformamos em estar aqui". Mas os homens são os construtores de seu destino e, mais particularmente, do destino de seus filhos; por isso, quando perguntamos, "Por que vocês juntam milhões de soldados em vez de vocês mesmos se transformarem em soldados, por que não mutilam e não matam uns aos outros? Por que gastaram, e ainda gastam, uma enorme quantidade de energia humana para a construção de cidades inúteis e insalubres? Por que organizam tribunais ridículos e enviam da França para Caiena, da Rússia para a Sibéria, da Inglaterra para a Austrália indivíduos que consideram criminosos, quando sabem da loucura, da inutilidade irremediável desse procedimento? Por que abandonam a agricultura, de que tanto gostam, para trabalhar em fábricas e moinhos, que vocês desprezam? Por que

criam seus filhos de um modo que vai obrigá-los a levar uma existência que vocês mesmos acham fútil? Por que fazem isso?': Os homens são obrigados a responder de algum modo a todas essas perguntas.

Se essa vida fosse boa e os homens tivessem prazer nela, mesmo assim eles tentariam explicar por que continuavam a viver nessas condições. Mas todas essas coisas são terrivelmente difíceis; elas são suportadas com ranger de dentes e lutas amargas, e os homens não podem deixar de refletir sobre o motivo que os impele nessa direção. Ou deixam de manter a organização da vida tal como a conhecem, ou explicam por que a apoiam. Os homens nunca deixaram essa pergunta sem resposta. Em todas as épocas há alguma tentativa de resposta. Os judeus viviam como viviam, isto é, faziam guerra, matavam criminosos, construíam o Templo, organizavam toda a sua vida de um modo e não de outro por estarem convencidos de estar obedecendo a leis que o próprio Deus havia promulgado. Podemos dizer o mesmo dos hindus, dos chineses,

dos romanos e dos maometanos. Uma resposta similar foi dada pelos cristãos há um século e é dada pela grande massa de cristãos agora.

Há um século, e agora entre os ignorantes, o cristão nominal dá a seguinte resposta: "O serviço militar obrigatório, as guerras, os tribunais e a pena de morte existem em obediência à lei de Deus transmitida a nós pela Igreja. Este é um mundo degenerado. Todo o mal que existe, existe pela vontade de Deus, como uma punição pelos pecados dos homens. Por esta razão, nada podemos fazer para diminuir o mal. Tudo quanto podemos fazer é salvar nossa alma pela fé, pelos sacramentos, pelas orações e pela submissão à vontade de Deus tal como transmitida pela Igreja. A Igreja nos ensina que todos os cristãos devem obedecer sem hesitação a seus governantes, que são escolhidos pelo Senhor, e também a obedecer às pessoas colocadas em posição de autoridade pelos governantes; que elas devem defender sua propriedade e a dos outros pela força, lutar em guerras, infligir a pena de morte e em todas as coisas se submeter às autoridades, que governam pela vontade de Deus”:

O que quer que pensemos sobre a racionalidade dessas explicações, elas já foram convincentes para um cristão genuíno, do mesmo modo que explicações similares convenceram um judeu ou um maometano, e os homens não se sentiam obrigados a renunciar à razão para viver de acordo com uma lei que reconheciam como divina. Mas, hoje em dia, só os muito ignorantes acreditam nessas explicações e seu número diminui dia a dia e hora a hora. É impossível verificar essa tendência. Os homens seguem irresistivelmente os que estão à sua frente e, mais cedo ou mais tarde, passam pelo mesmo caminho



da vanguarda. A vanguarda está agora em uma posição crítica; aqueles que a compõem organizam a vida de acordo com suas conveniências, preparam as mesmas condições para aqueles que devem segui-los e não têm absolutamente a menor ideia do porquê fazem isso. Nenhum homem civilizado na vanguarda do progresso é capaz de dar agora

uma resposta qualquer às perguntas claras: "Por que você leva a vida que leva? Por que estipula as condições que estipula?". Já fiz essas perguntas a centenas de pessoas e nunca obtive delas uma resposta clara. Em vez de uma resposta clara a uma pergunta clara, tenho recebido resposta a uma pergunta que não fiz.

Quando você pergunta a um católico, a um protestante ou a um ortodoxo por que leva uma existência contrária à doutrina de Jesus, em vez de dar uma resposta clara, ele começa a falar do melancólico estado de ceticismo característico desta geração, de gente má que espalha dúvida entre as massas, da importância do futuro da Igreja que existe hoje. Mas não diz a você porque não age em conformidade com os mandamentos da religião que professa. Em vez de falar de sua própria condição, fala sobre a condição da humanidade em geral e da Igreja em particular, como se sua própria vida não tivesse a menor importância e suas únicas preocupações fossem a salvação da humanidade e daquilo que ele chama de Igreja.

Se perguntarmos a um filósofo, de qualquer escola que seja, idealista ou espiritualista, pessimista ou positivista, por que vive como vive, ou seja, em desacordo com sua doutrina filosófica, ele vai se pôr imediatamente a falar do progresso da humanidade e da lei histórica de seu progresso que ele descobriu e em virtude da qual a humanidade gravita em direção à justiça. Mas ele nunca vai dar qualquer resposta clara à pergunta de por que ele mesmo, por si só, não vive em harmonia com o que ele reconhece como os ditames da razão. Parece que o filósofo tem as mesmíssimas preocupações do fiel: não se preocupa com sua vida pessoal, e sim em observar o efeito de leis gerais no desenvolvimento da humanidade.

o homem "comum" (ou seja, um membro da imensa maioria das pessoas civilizadas que é meio cética e meio religiosa, pessoas que - todas elas, sem exceção - deploram e condenam sua organização

e preveem a destruição universal), quando lhe perguntamos por que continua levando uma vida que condena, sem fazer nenhum esforço para melhorá-la, não dá nenhuma resposta clara e começa imedia-

tamente a falar sobre coisas genéricas, sobre justiça, sobre o Estado, sobre o comércio, sobre a civilização. Se for um membro da polícia ou um promotor de justiça, ele pergunta: "e o que aconteceria ao Estado se eu, para melhorar minha existência, deixasse de servi-lo?", "o que aconteceria ao comércio?" é a sua pergunta se ele for um comerciante, "o que seria da civilização se eu deixar de trabalhar para ela e procurar melhorar só a minha situação?" será a objeção de outro. Sua resposta sempre vai ser desse tipo, como se o dever de sua vida não fosse buscar o bem conforme sua natureza, mas o de servir o Estado, ou o comércio, ou a civilização.

O homem comum responde exatamente da mesma maneira que o homem religioso ou o filósofo. Em vez de considerar a pergunta pessoal, ele passa imediatamente para as generalidades. Esse subterfúgio é empregado simplesmente porque tanto o homem religioso quanto o filósofo, assim como o homem comum, não têm nenhuma doutrina positiva em relação à existência e não podem, portanto, responder à pergunta pessoal: "o que está fazendo com sua vida?". Ficam irritados e envergonhados por não terem o menor vestígio de uma doutrina de vida, pois ninguém pode viver em paz sem alguma compreensão do que realmente a vida significa. Mas, hoje em dia, só os cristãos se agarram a um credo fantástico e desgastado sobre uma explicação de por que a vida é como é, e não uma outra diferente. Só os cristãos dão o nome de religião a um sistema que não tem a menor utilidade para ninguém. Só entre os cristãos a vida é separada de qualquer doutrina e continua sem nenhuma definição. Além do mais, a ciência, assim como a tradição, formulou uma lei geral a partir das condições fortuitas e anormais da humanidade. Homens

eruditos, como Tiele e Spencer, tratam a religião como um assunto sério, compreendendo como religião a doutrina metafísica do princípio universal, sem suspeitar que perderam a visão da religião como um todo ao restringir toda a sua atenção a uma de suas fases.

De tudo isso tiramos conclusões realmente extraordinárias. Vemos homens cultos e inteligentes acreditando ingenuamente que estão emancipados de toda religião simplesmente porque rejeitam a explicação metafísica do princípio universal que satisfaz uma geração anterior. Não ocorre a eles que os homens não podem viver sem uma visão de mundo; que todo ser humano vive de acordo com algum princípio, e que esse princípio, de acordo com o qual governa sua vida, é sua religião. As pessoas com quem tenho conversado estão persuadidas de que

têm convicções racionais, mas que não têm religião. No entanto, por mais sérias que sejam suas afirmações, elas têm uma religião a partir do momento em que se propõem governar suas ações pela razão, pois um ato racional é determinado por uma espécie de fé. Ora, sua fé está naquilo que lhes dizem para fazer. A fé daqueles que negam a religião está em uma religião de obediência à vontade da maioria governante; em uma palavra, submissão à autoridade estabelecida.

Podemos levar uma vida puramente animal em pleno acordo com a doutrina do mundo, sem reconhecer qualquer força motriz mais imperativa que as regras da autoridade estabelecida. Mas aquele que vive dessa maneira não pode dizer que leva uma vida racional. Antes de afirmar que levamos uma vida racional, é preciso saber qual é a visão de mundo, qual é a doutrina que dirige a nossa vida e que consideramos racional. Que lástima! Como homens desgraçados que somos, não temos nada que se pareça com uma doutrina assim; pior ainda: perdemos até mesmo a consciência da necessidade de uma doutrina racional de vida.

Pergunte aos homens religiosos ou céticos de nossa época que doutrina eles seguem. Eles vão ser obrigados a confessar que seguem apenas uma doutrina, a doutrina baseada nas leis formuladas pelas assembleias judiciárias ou legislativas e que a polícia obriga a cumprir - a doutrina favorita da maioria dos europeus. Eles sabem que esta doutrina não vem do alto, nem dos profetas, nem dos sábios; eles não param de achar defeitos nas leis promulgadas pelo judiciário, nem naquelas formuladas por assembleias legislativas; apesar disso, submetem-se à polícia encarregada de fazê-las cumprir. Submetem-se sem um pio às mais terríveis exigências. Os funcionários empregados pelo judiciário ou pelas assembleias legislativas decretam que todo homem jovem deve estar pronto para pegar em armas, para matar e para morrer; e que todos os pais que tiverem filhos adultos devem facilitar a obediência a essa lei que foi promulgada ontem por um oficial mercenário e que pode ser revogada amanhã.

Perdemos de vista a ideia de que uma lei deve ser racional em si mesma e obrigar a todos, tanto em espírito quanto na letra. Os hebreus possuíam uma lei que organizava sua vida, não por obediência compulsória às suas exigências, mas por apelar para a consciência de cada indivíduo; e a existência dessa lei é considerada um atributo excepcional do povo hebreu. É considerada uma característica nacional extraordinária

que os hebreus estivessem dispostos a obedecer apenas àquilo que reconheciam como verdade incontestável revelada diretamente por Deus através de uma percepção espiritual. Mas parece que o natural e normal para os homens civilizados é obedecer àquilo que, tanto quanto sabem, é decretado por funcionários públicos desprezíveis e que a cooperação da polícia armada faz cumprir.

O traço distintivo do homem civilizado é obedecer ao que a maioria dos homens considera iníquo, contrário à consciência. Na sociedade civilizada, procuro em vão saber se existe hoje uma única base de vida

que seja formulada com clareza. Não há nenhuma. Não existe nenhuma consciência de sua necessidade, ao contrário: deparamo-nos somente com a estranha convicção de que elas são supérfluas; que a religião não passa de umas poucas palavras sobre Deus e sobre uma vida futura, e umas poucas cerimônias muito úteis para a salvação da alma, segundo alguns, e completamente inúteis, segundo outros; e que a vida acontece por si mesma e não tem necessidade de qualquer regra fundamental e que tudo quanto temos a fazer é fazer o que nos dizem para fazer.

As duas fontes substanciais da fé, a doutrina que é diretriz de vida e a explicação do significado da vida, são consideradas de valor muito desigual. A primeira é considerada de importância muito pequena, algo sem relação alguma com a fé; a segunda, a explicação de um modo de vida do passado, ou composta de especulações relativas ao desenvolvimento histórico da vida, é considerada algo da maior importância. Quanto a tudo que constitui a vida do homem expressa em ação, os membros de nossa sociedade moderna dependem de bom grado, para se orientar, de pessoas que, como eles, não sabem por que orientam seus semelhantes no sentido de viver de um modo e não de outro. Essa atitude parece boa, seja a questão em pauta decidir matar ou não matar, julgar ou não julgar, criar os filhos dessa ou daquela maneira. E os homens racionalizam uma vida assim sem o menor constrangimento!

As explicações da Igreja que passam por fé, e a verdadeira fé de nossa geração, que consiste em obedecer às leis sociais e às leis do Estado, chegaram a um ponto de profundo antagonismo. A maioria das pessoas civilizadas nada tem para regular sua vida, exceto a fé na polícia. Essa situação seria insustentável se fosse universal. Felizmente há um resíduo, constituído pelas inteligências mais nobres de nossa época e que não estão satisfeitas com essa religião; mas têm uma fé inteiramente diferente no que diz respeito à vida que o homem deveria levar.

Esses homens são considerados os mais malévolos, os mais perigosos e geralmente os mais suspeitos de todos os seres humanos; apesar disso, são os únicos homens de nossa época que acreditam na doutrina dos Evangelhos, se não como um todo, ao menos em parte. Em geral, essas pessoas conhecem pouco da doutrina de Jesus; não a compreendem e, como seus adversários, recusam-se a aceitar a força motriz da religião de Jesus, que é não resistir ao mal; não é raro elas terem horror até do nome de Jesus; mas tudo o que acreditam que a vida deve ser baseia-se inconscientemente nas verdades humanas e eternas da doutrina cristã. Esse resíduo, apesar da calúnia e da perseguição, é constituído pelos únicos que não se submetem docilmente às ordens do primeiro que chega. Portanto, hoje em dia, eles são os únicos que levam uma vida racional e não puramente animal, os únicos que têm fé.

A ligação entre o mundo e a Igreja, embora cultivada com carinho e zelo pela Igreja, torna-se cada vez mais frágil. Hoje ela é pouco mais do que um estorvo. A ligação entre a Igreja e o mundo não tem mais nenhuma justificativa. Um misterioso processo de maturação está acontecendo bem diante de nossos olhos. Essa ligação vai ser cortada em breve e o corpo vivo da sociedade vai começar a exercer suas funções enquanto ser totalmente independente. A doutrina da Igreja, com seus dogmas, seus concílios e sua hierarquia, está evidentemente ligada à doutrina de Jesus. A ligação é tão visível quanto o cordão umbilical que liga o recém-nascido à sua mãe; mas, assim como o cordão umbilical e a placenta se tornam pedaços de carne inúteis depois do parto e são cuidadosamente enterrados em respeito ao ser que um dia nutriram, também a Igreja se tornou um órgão inútil, a ser preservado, se for, em algum museu de curiosidades em respeito ao que foi um dia. Tão logo a respiração e a circulação são estabelecidas, a fonte anterior de nutrição se torna um estorvo, um obstáculo à vida. Seria inútil e idiota tentar manter a ligação e forçar a criança que veio para

a luz do dia alimentar-se por meio de um processo pré-natal. Mas a separação entre a criança e o elo maternal não assegura a vida. A vida do recém-nascido depende de outro elo que é estabelecido entre ele e mãe, é um outro elo que garante sua nutrição.

E assim deve ser com nosso mundo cristão de hoje. A doutrina de Jesus deu à luz um novo mundo. A Igreja, um dos órgãos da doutrina de Jesus, cumpriu sua missão, mas agora é inútil. O mundo não pode ficar ligado à Igreja; mas o parto do mundo em relação à Igreja não assegura sua sobrevivência. A vida vai começar quando o mundo perceber sua própria fraqueza e a necessidade de uma fonte diferente de

força. O mundo cristão sente essa necessidade: tem consciência de seu desamparo, sente a impossibilidade de depender de seu antigo meio de nutrição, a inadequação de qualquer outra forma de se alimentar que não seja a doutrina da qual nasceu. Esse nosso mundo europeu moderno, aparentemente tão seguro de si mesmo, tão ousado, tão decidido e, no fundo, tão dominado pelo terror e pelo desespero, está na mesmíssima situação de um animal recém-nascido: treme, grita alto, está perplexo, não sabe o que fazer; sente que sua fonte anterior de nutrição foi retirada, mas não sabe onde procurar outra. Um carneiro recém-nascido sacode a cabeça, abre os olhos e examina o mundo a seu redor, e pula, e nos leva a pensar, com seus movimentos aparentemente inteligentes, que já dominou os segredos da vida; mas disso a pobre criaturinha nada sabe. A impetuosidade e a energia que ela mostra lhe foram dadas por sua mãe através de um meio de transmissão que acabou de ser cortado e nunca mais será refeito. A situação do recém-chegado é de deleite e, ao mesmo tempo, cheia de perigo. Ele está animado pela força da juventude, mas está perdido se não puder se valer do alimento que só sua mãe pode lhe dar.

E assim é com nosso mundo europeu. Que atividades complexas, que energia, que inteligência ele parece ter! Dá a impressão de que todos

os seus atos são governados pela razão. Com que entusiasmo, com que vigor, com que alegria os habitantes desse mundo moderno dão vazão à sua vitalidade abundante! As artes e as ciências, as várias indústrias, os detalhes políticos e administrativos estão todos cheios de vida. Mas essa vida se deve à inspiração recebida através do elo que o liga à sua fonte. A Igreja, ao transmitir a verdade da doutrina de Jesus, deu vida ao mundo. Com esse alimento, o mundo cresceu e se desenvolveu. A Igreja teve seus dias de glória, mas agora é supérflua.

O mundo é um organismo vivo; os meios pelos quais ele anteriormente recebia seu alimento definharam e ele ainda não encontrou outros; e ele busca por toda parte, por toda parte, exceto na verdadeira fonte da vida. Ele ainda tem a vitalidade derivada da alimentação já recebida, mas ainda não compreende que seu alimento futuro só pode vir de uma única fonte à qual tem de chegar por seus próprios esforços. Está na hora de o mundo compreender que terminou o período de gestação e que um novo processo de nutrição consciente é que vai manter sua vida a partir de agora. A verdade da doutrina de Jesus, antes absorvida inconscientemente pela humanidade através do órgão constituído pela Igreja, agora deve ser reconhecida conscientemente; pois a humanidade sempre bebeu sua força vital na verdade dessa doutrina.

Os homens devem levantar a tocha da verdade, que por tanto tempo ficou escondida, e carregá-la à sua frente, guiando seus atos pela sua luz. A doutrina de Jesus, como uma religião que governa os atos dos homens e explica a eles o significado da vida, agora está à frente do mundo exatamente como estava havia dezoito séculos. Antes o mundo tinha as explicações da Igreja que, ao esconder a doutrina, parecia oferecer ela mesma uma interpretação satisfatória da vida; mas agora chegou o momento em que a Igreja perdeu sua utilidade e o mundo, não tendo outros meios para manter sua verdadeira vida, sente apenas seu desamparo e procura beber diretamente na doutrina de Jesus.

Ora, primeiro Jesus ensinou os homens a acreditar na luz, e que a luz está dentro deles mesmos. Jesus ensinou os homens a levantar bem alto a luz da razão. Ele os ensinou a viver guiando seus atos por sua luz e a nada fazer contrário à razão. É irracional, é absurdo sair para matar os turcos ou os alemães; é irracional fazer uso do trabalho dos outros de modo que você e os seus possam se vestir conforme a última moda e manter aquela fonte mortal de tédio, um salão; é irracional pegar pessoas já corrompidas pelo ócio e pela depravação e trancá-las dentro dos muros de uma prisão e, desse modo, condená-las a uma vida de mais absoluta ociosidade e depravação; é irracional viver no ar pestilento das cidades quando uma atmosfera mais pura está ao seu alcance; é irracional basear a educação de seus filhos nas leis gramaticais de línguas mortas; tudo isso é irracional e, apesar disso, essa é hoje a vida do mundo europeu, que leva uma vida sem sentido; que age, mas age sem **um** propósito, sem ter confiança na razão e vive de forma contrária a seus princípios.

A doutrina de Jesus é a luz. A luz brilha e a escuridão não pode escondê-la. Os homens não podem negá-la, os homens não podem se recusar a aceitar sua orientação. Dependem da doutrina de Jesus, que dispersa todos os erros que impregnam a vida dos homens. Assim como o éter insensível que preenche o espaço universal, envolvendo todas as coisas criadas, também a doutrina de Jesus é inescapável para todo homem, seja qual for a situação em que ele se encontrar. Os homens não podem se recusar a reconhecer a doutrina de Jesus; podem negar a explicação metafísica da vida que ela oferece (podemos negar tudo), mas só a doutrina de Jesus apresenta regras segundo as quais orientar a vida e sem as quais a humanidade nunca teria vivido e nunca será capaz de viver; sem as quais nenhum ser humano viveu ou pode viver se quiser viver como um homem deve viver, se quiser levar uma vida racional. O poder da doutrina de

Jesus não reside em sua explicação do significado da vida, mas nas regras que ela oferece para nos orientar na vida. A doutrina metafísica de Jesus não é nova; é aquela eterna doutrina da humanidade inscrita no coração de todos os homens e pregada por todos os profetas de todas as épocas. O poder da doutrina de Jesus está na aplicação dessa doutrina metafísica à vida.

A base metafísica da antiga doutrina dos hebreus, que pregava o amor a Deus e aos homens, é idêntica à base metafísica da doutrina de Jesus. Mas a aplicação dessa doutrina à vida, da forma proposta por Moisés, era muito diferente dos ensinamentos de Jesus. Os hebreus, ao aplicar a lei mosaica à vida, eram obrigados a cumprir seiscentos e treze mandamentos, muitos dos quais absurdos e cruéis; mas todos eles se baseavam na autoridade das Escrituras. A doutrina da vida, construída por Jesus sobre a mesma base metafísica, está expressa em cinco mandamentos racionais e benéficos e que têm um significado óbvio e justificável, e abrangem com suas restrições a totalidade da vida humana. Um judeu, um discípulo de Confúcio, um budista ou um maometano que duvide sinceramente da verdade de sua própria religião não pode se recusar a aceitar a doutrina de Jesus; muito menos, então, pode essa doutrina ser repudiada pelo mundo cristão de hoje, que está vivendo agora sem qualquer lei moral. A doutrina de Jesus não contradiz em nada a visão de mundo dos homens de hoje; em primeiro lugar, ela está em harmonia com sua metafísica, mas lhes dá o que eles não têm agora, o que é indispensável à sua existência, e o que todos eles buscam: oferece a eles um modo de vida; não um modo de vida desconhecido, mas um modo de vida já explorado e familiar a todos.

Vamos supor que você seja um cristão sincero, não importa de que linha. Acredita na criação do mundo, na Trindade, na queda e na redenção do homem, nos sacramentos, na oração, na Igreja. A doutrina de Jesus não se opõe à sua crença dogmática e está em absoluta harmonia

com sua teoria da origem do universo; e oferece algo que você não tem. Mesmo continuando com sua religião atual, você sente que sua própria vida, assim como a vida do mundo, está cheia de mal que você não sabe como remediar. A doutrina de Jesus (que você deveria seguir, pois é a doutrina de seu próprio Deus) oferece-lhe regras simples e práticas que certamente vão livrar, a você e a seus semelhantes, dos males que os atormentam.

Acredite, se quiser, no Paraíso, no Inferno, no papado, na Igreja, nos sacramentos, na redenção; reze de acordo com os ditames de sua



fé, cumpra suas devoções, cante seus hinos - nada disso o impede de praticar os cinco mandamentos formulados por Jesus para a sua felicidade: não ficar com raiva; não cometer adultério; não fazer juramentos; não resistir ao mal; não fazer a guerra. Pode acontecer que você quebre uma destas regras; você talvez ceda à tentação e viole uma delas, assim como você viola os preceitos de sua religião atual, ou os artigos do código civil, ou as regras de comportamento. Do mesmo modo você pode, talvez, em momentos de tentação, deixar de obedecer a todos os mandamentos de Jesus. Mas, neste caso, não se sente calmamente como agora, organizando sua vida de modo a tornar extremamente difícil a tarefa de não ficar com raiva, de não cometer adultério, de não fazer juramentos, de não resistir ao mal, de não fazer a guerra; em vez disso, organize sua vida de tal forma que fazer todas essas coisas fique tão fácil quanto agora é difícil. Você não pode recusar-se a reconhecer a validade dessas regras, pois elas são os mandamentos do Deus a quem você faz de conta que cultua.

Vamos supor que você seja um cético, um filósofo, não importa de qual escola. Você afirma que o progresso do mundo está de acordo com uma lei que você descobriu. A doutrina de Jesus não se opõe a suas descobertas; está em harmonia com a lei que você descobriu. Mas, além dessa lei, segundo a qual daqui a mil anos o mundo vai chegar à felicidade,

ainda há sua própria vida pessoal a ser considerada. Você pode levar sua vida em conformidade com a razão, ou pode desperdiçá-la vivendo em oposição à razão, e assim não vai ter nenhuma regra para orientá-lo, exceto os decretos baixados por homens que você não respeita e que a polícia o obriga a cumprir. A doutrina de Jesus oferece a você regras que com certeza estão de acordo com sua lei de "altruísmo", que nada mais é do que uma paráfrase diluída dessa mesma doutrina de Jesus.

Vamos supor que você seja um homem comum, meio cético, meio religioso, um homem que não tem tempo de analisar o significado da vida humana e, portanto, um homem que não tem uma visão de mundo muito clara. Vive como o resto do mundo ao nosso redor. A doutrina de Jesus não se contrapõe em nada à sua condição. Você é incapaz de raciocinar, de verificar as verdades das doutrinas que lhe são ensinadas; é mais fácil para você fazer como os outros. Mas, por mais modesta que você considere a sua capacidade de raciocinar, sabe que tem dentro de si um juiz que às vezes aprova seus atos e às vezes os condena. Por mais modesta que seja sua condição social, há ocasiões em que você é obrigado a refletir e a se perguntar: "Devo

seguir o exemplo do resto do mundo, ou agir de acordo com meu próprio discernimento?". É exatamente nessas ocasiões em que você é obrigado a resolver algum problema em relação à conduta de vida que os mandamentos de Jesus se revelam com todo o seu poder. Os mandamentos de Jesus certamente vão responder à sua pergunta, porque eles se aplicam à totalidade de sua existência. A resposta vai estar de acordo com sua razão e com sua consciência. Se você estiver mais perto da fé que da descrença, ao seguir esses mandamentos vai agir em harmonia com a vontade de Deus. Se estiver mais perto do ceticismo que da fé, ao seguir a doutrina de Jesus vai orientar seus atos pelas leis da razão, pois os mandamentos de Jesus são evidentes por si mesmos e sua legitimidade não precisa ser demonstrada.

Agora é o julgamento deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo (João 12:31).

Tenho lhes dito isso para que em mim encontrem paz; no mundo vocês vão encontrar aflições, mas não percam as esperanças, eu venci o mundo (João 16:33).

O mundo, ou seja, o mal no mundo, será vencido. Se o mal ainda existe no mundo, existe somente por causa da lei da inércia; não contém mais o germe de vida. Para aqueles que têm fé nos mandamentos de Jesus, ele não existe mais. Ele é vencido por uma consciência desperta, pela elevação do filho do homem. Um trem que tiver sido posto em movimento continua a se mover na direção em que começou a andar; mas chega a hora em que o esforço inteligente de uma mão controladora se manifesta e o movimento é revertido: "Porque todo aquele que é nascido de Deus vence o mundo; e essa é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (I João 5:4).

A fé que triunfa sobre as doutrinas do mundo é a fé na doutrina de Jesus.

## **Capítulo XII**

Acredito na doutrina de Jesus e esta é a minha religião. Acredito que somente a prática da doutrina de Jesus pode dar aos homens a verdadeira felicidade. Acredito que a prática dessa doutrina é possível, fácil e prazerosa. Acredito que, embora ninguém mais siga essa doutrina, e apenas eu a esteja praticando, não me posso recusar a obedecê-la se quiser salvar minha vida da certeza de danação eterna; assim como um homem em uma casa em chamas deve fugir se encontrar a saída, também devo me beneficiar do caminho para a salvação. Acredito que a vida que levei de acordo com a doutrina do mundo foi um tormento e que só uma vida de acordo com a doutrina de Jesus pode me dar neste mundo a felicidade para a qual fui destinado pelo Pai que me deu a vida. Acredito que esta doutrina é essencial para o bem-estar da humanidade, que me vai salvar da certeza da perda eterna e que me vai dar neste mundo a maior felicidade possível. Acreditando em todas essas coisas, sou obrigado a praticar os mandamentos de Jesus. "Porque a lei foi dada por Moisés; mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1:17).

A doutrina de Jesus é uma doutrina da graça e da verdade. Antes eu não conhecia a graça, nem a verdade. Tomando o mal pelo bem, caí no mal e duvidei da legitimidade de minha inclinação para o bem. Agora compreendo e acredito que o bem em direção ao qual fui atraído é a vontade do Pai, a essência da vida.

Jesus nos aconselhou a viver em busca do bem e a tomar cuidado com as armadilhas e tentações (σκάνδαλον) [*skandalon*] que, aos nos seduzir com a aparência do bem, arrastam-nos para longe do verdadeiro bem e nos levam para o mal. Ele nos ensinou que nosso bem-estar deve ser buscado na amizade com todos os homens; que o mal é não ter amizade com o filho do homem e que não devemos nos privar da felicidade que podemos sentir ao seguir a sua doutrina.

Jesus demonstrou que a amizade com o filho do homem, que o amor dos homens uns pelos outros não é apenas um ideal que todos os homens queiram realizar; demonstrou que esse amor e essa amizade são atributos naturais dos homens em sua condição normal, a condição em que as crianças nascem, a condição em que todos os homens deveriam viver se não fossem arrastados pelo erro, pelas ilusões e pelas tentações. Em seus mandamentos, Jesus enumerou clara e inconfundivelmente as tentações que interferem com essa condição natural de amor e amizade e a tornam uma presa do mal. Os mandamentos de Jesus oferecem os remédios pelos quais posso me salvar das tentações que me têm privado da felicidade; e isso me levou a acreditar que esses manda-

mentos são verdadeiros. A felicidade estava ao meu alcance e a destruí. Com seus mandamentos, Jesus me mostrou as tentações que levam à destruição da felicidade. Não posso mais trabalhar pela destruição de minha felicidade e, nesta determinação, e apenas nela, está a substância da minha religião.

Jesus me mostrou que a primeira tentação que destrói a felicidade é a inimizade aos homens, a raiva contra eles. Eu não tenho como deixar de acreditar nisso, de modo que não posso continuar voluntariamente a cultivar a inimizade com os outros. Eu não posso mais, como pude antes, alimentar a raiva, ficar orgulhoso dela, jogar lenha em sua fogueira, justificá-la, considerar a mim mesmo um homem inteligente e superior e os outros, inúteis e idiotas. Só agora, depois de abrir mão

da raiva, consigo perceber que somente eu sou culpado e procuro fazer as pazes com aqueles que fizeram alguma coisa, por menor que seja, contra mim.

Mas isso não é tudo. Além de ver agora que a raiva é um estado anormal, destrutivo e mórbido, também me dou conta da tentação que me levou a ela. A tentação estava em me afastar de meus semelhantes, reconhecendo apenas uns poucos deles como meus iguais e considerando todos os outros pessoas sem valor (*rekim*) ou animais sem cultura (*tolos*). Agora vejo que esse afastamento deliberado dos outros homens, essa sentença de *raca* ou *tolo* atribuída aos outros, foi a fonte principal de minhas discórdias. Examinando minha vida passada, percebi que eu raramente havia permitido que minha raiva se manifestasse contra aqueles que eu considerava meus iguais, a quem eu raramente tratava mal. Mas, por menos desagradável que fosse um ato de alguém que eu considerava inferior, ele despertava a minha raiva e me levava a palavras ou atos ofensivos; e quanto mais elevado eu me sentia, tanto menos me esforçava para controlar as minhas emoções; às vezes, a mera suposição de que um homem era de uma posição inferior à minha bastava para eu o tratar como o último dos mortais.

Eu agora compreendo que está acima dos outros apenas aquele que é humilde com os outros e é o servo de todos. Eu agora compreendo por que aqueles que são grandes aos olhos dos homens são uma abominação perante Deus, que amaldiçoou os ricos e poderosos e derramou suas bênçãos sobre os pobres e os humildes. Agora eu compreendo esta verdade e tenho fé nela, e essa fé transformou minha visão do que é certo e importante, e do que é errado e desprezível. Tudo o que antes me parecia certo e importante, como honrarias, prestígio, civilização, riqueza, as complicações e refinamentos da existência, a luxúria, as comidas requintadas, as

roupas elegantes, a etiqueta, passaram a ser erradas e desprezíveis para mim. Tudo o que antigamente me parecia errado e desprezível, tal como

rusticidade, obscuridade, pobreza, austeridade, simplicidade do ambiente, da comida, da roupa, de maneiras, tudo isso se tornou agora correto e importante para mim. Assim sendo, mesmo que de vez em quando eu me deixe tomar pela raiva e maltrate alguém, não consigo mais me entregar deliberadamente à ira e assim me privar da verdadeira fonte da felicidade: amizade e amor; pois é possível que um homem ponha uma armadilha para si mesmo e assim se perca. Agora eu não posso mais apoiar nada que me eleve acima dos outros, não posso mais apoiar nada que me separe dos outros. Não posso, como já fiz, reconhecer em mim ou em outros títulos, posições ou qualidades além do título e da qualidade de ser humano. Não posso mais buscar a fama e a glória; não posso mais cultivar um sistema de educação que me separa dos outros seres humanos. Não posso, no meu ambiente, na minha comida, na minha roupa, no meu modo de agir, esforçar-me por conseguir aquilo que, além de me separar dos outros, faz de mim uma crítica à maioria da humanidade.

Jesus me mostrou outra tentação que destrói a felicidade, ou seja, a devassidão, o desejo de possuir outra mulher que não aquela à qual estou unido. Não posso mais, como já fiz, considerar minha sensualidade um traço sublime da natureza humana. Não posso mais justificá-la por meu amor à beleza, ou à minha virilidade, ou aos defeitos de minha companheira. Ao ouvir o primeiro chamado da devassidão, não posso deixar de reconhecer que estou em um estado mórbido e anormal e que preciso me libertar do pecado insistente.

Sabendo que a devassidão é um mal, conheço também sua causa e, por isso, fujo dela. Sei agora que a causa principal dessa tentação não é a necessidade de uma relação sexual, mas o abandono das esposas por seus maridos e dos maridos por suas esposas. Sei agora que um homem que abandona uma mulher, ou uma mulher que abandona um homem, quando os dois já se uniram, carrega a culpa do divórcio que Jesus proibiu, porque os homens e as mulheres

abandonados por seus primeiros companheiros são a causa original de toda a devassidão do mundo.

Ao procurar descobrir os fatores que levaram à devassidão, encontrei a educação bárbara, tanto física quanto intelectual, que cultiva a paixão erótica que o mundo procura justificar com os argumentos dos mais sutis. Mas cheguei à conclusão de que o fator

principal é o abandono da mulher à qual me uni pela primeira vez, combinado ao abandono das mulheres ao meu redor. A fonte principal de tentação não estava nos desejos carnavais, mas no fato de que esses desejos não estavam satisfeitos nas mulheres e nos homens que me cercavam. Agora compreendo as palavras de Jesus quando ele diz:

Então vocês não leram que o Criador os fez desde o princípio homem e mulher ... e que os dois são uma só carne? Portanto, o que Deus juntou, não o separe o homem (Mateus 19:4-6).

Compreendo agora que a monogamia é a lei natural da humanidade e que não pode ser violada impunemente. Agora compreendo perfeitamente as palavras que declaram que o homem ou mulher que se separa de seu par para procurar outro leva o que foi abandonado a recorrer à devassidão e, desse modo, introduz no mundo um mal que se volta contra aqueles que o causaram.

Acredito nisso; e a fé que tenho agora transformou minhas opiniões sobre o que é certo e importante, sobre o que é errado e desprezível, sobre as coisas da vida. O que antes me parecia a vida mais feliz do mundo, uma vida requintada, uma vida de prazeres e paixões estéticas, agora me repugna. E uma vida de simplicidade e pobreza, que modera os desejos sexuais, agora me parece o bem. A instituição humana do casamento, que dá uma sanção nominal à união de homem e mulher, a considero de

menor importância do que a união que, quando completa, deve ser considerada a vontade de Deus e nunca ser desfeita.

Agora, quando em momentos de fraqueza, cedo às tentações do desejo, reconheço a armadilha que me leva ao mal e, por isso, não consigo planejar deliberadamente meu modo de vida como antes eu estava acostumado a fazer. Deixei de cultivar habitualmente a preguiça física e a luxúria, que despertam uma sensualidade excessiva. Não procuro mais as distrações que são lenha na fogueira da sensualidade amorosa - a leitura de romances e a maior parte da poesia, ouvir música, frequentar teatros e bailes - divertimentos que antes me pareciam elevados e refinados, mas que agora considero perniciosos. Não posso mais abandonar a mulher à qual me uni, pois sei que, ao abandoná-la, preparo uma armadilha para mim mesmo, para ela e para os outros. Não posso mais incentivar a existência grosseira e ociosa dos outros. Não posso mais encorajar ou tomar parte em

passatempos licenciosos, em literatura romântica, em peças, óperas, bailes, que são outras tantas armadilhas para mim e para os outros.

Mas também não posso aplaudir o celibato de pessoas aptas para a relação conjugal. Não posso encorajar as mulheres a se separarem de seus maridos. E não consigo fazer nenhuma distinção entre aquelas uniões que atendem pelo nome de casamento e daquelas às quais se nega esse título. Sou obrigado a considerar como sagrada e absoluta apenas e unicamente a união através da qual um homem se liga para sempre, indissoluvelmente, à primeira mulher à qual se uniu.

Jesus me mostrou que a terceira tentação que destrói a verdadeira felicidade é o juramento. Sou obrigado a acreditar em suas palavras; por conseguinte, não posso, como já fiz, amarrar-me através de um juramento a servir alguém, seja qual for o objetivo em questão, e não posso mais, como já fiz antes, justificar-me por ter feito um juramento porque ele "não vai prejudicar a ninguém", porque todo mundo fez o mesmo

juramento, porque é necessário ao Estado, porque as consequências poderiam ser terríveis para mim ou para outra pessoa qualquer se eu me recusar a me submeter a essa exigência. Sei agora que isto é um mal para mim mesmo e para os outros, e não me posso conformar a ele.

Mas isso não é tudo; agora conheço a armadilha que me levou ao mal e não posso mais agir como cúmplice. Sei que a armadilha é usada em nome de Deus para sancionar uma impostura, e que a impostura consiste em prometer de antemão obedecer às ordens de um homem, ou de muitos deles, ao passo que devo obedecer apenas aos mandamentos de Deus. Sei agora que males dos mais terríveis são seu resultado - guerras, prisões, pena de morte - e só existem porque os homens se fazem instrumentos do mal e acreditam que estão eles mesmos isentos de toda e qualquer responsabilidade. Quando agora penso nos muitos males que me levaram à hostilidade e ao ódio, vejo que todos eles se originaram em um juramento, em uma submissão à vontade dos outros. Agora compreendo o significado das palavras: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno" (Mateus 5:37).

Compreendendo isso, estou convencido de que o juramento destrói a minha verdadeira felicidade e a verdadeira felicidade dos outros e esta crença mudou minha visão do que é certo e errado, importante e desprezível. O que antes me parecia certo e importante - a promessa de fidelidade ao governo garantida pelo juramento, a exigência de juramento dos outros, e todos os atos

contrários à consciência realizados por causa do juramento, agora me parecem errados e desprezíveis. Portanto, não posso mais fugir do mandamento de Jesus que proíbe o juramento, não posso mais submeter-me a ninguém obrigado por um juramento e não posso exigir um juramento de ninguém, não posso encorajar os homens a fazer um juramento, nem forçar os outros a fazer um juramento; nem posso considerar o Juramento algo necessário, importante ou mesmo inofensivo.

Jesus me mostrou que a quarta tentação que destrói minha felicidade é lançar mão da violência para resistir ao mal. Fui obrigado a acreditar que isso é um mal para mim e para os outros; por conseguinte, não posso, como já fiz, fazer uso deliberado da violência e procurar legitimar meus atos dizendo que são indispensáveis para a defesa de minha pessoa e de minha propriedade, ou da pessoa e das propriedades dos outros. Não posso mais ceder ao primeiro impulso de usar a violência; fui obrigado a renunciar a ela, a me abster dela completamente.

Mas isso não é tudo. Compreendo agora a armadilha que me fez cair neste mal. Agora sei que a armadilha consistia na crença errônea de que minha vida poderia se tornar segura pela violência, pela defesa de minha pessoa e de minha propriedade contra a usurpação dos outros. Sei agora que uma grande parte dos males que afligem a humanidade se devem a isso - que os homens, em vez de oferecer seu trabalho aos outros, privam-se completamente do privilégio de trabalhar e apropriam-se à força do trabalho de seus semelhantes. Todo mundo considera o uso da violência a melhor garantia de preservação da vida e da propriedade, e vejo agora que uma grande parte do mal que eu próprio fiz, e que vi os outros fazerem, resultou dessa prática. Compreendo agora o significado das palavras: "Não para ser servido, mas para servir", "O trabalhador faz jus à sua comida".

Agora acredito que a minha verdadeira felicidade - e a verdadeira felicidade dos outros - só vai ser possível quando eu trabalhar, não para mim, mas para os outros, e que não me devo recusar a trabalhar para os outros, mas devo dar a eles o prazer do qual eles têm necessidade. Esta fé mudou minha visão do que é certo e importante, e do que é errado e desprezível. O que antes me parecia certo e importante - riquezas, direitos de propriedade, questões de honra, a preservação da dignidade

e dos privilégios pessoais - agora se tornaram errados e desprezíveis para mim. Trabalhar para os outros, a pobreza, a humildade, a renúncia à propriedade e a privilégios pessoais se tornaram certos e importantes



aos meus olhos. Quando agora, em um momento de fraqueza, eu cedo ao impulso de usar a violência em defesa de minha pessoa ou da minha propriedade, ou das pessoas ou propriedades dos outros, não posso mais deliberadamente usar esta armadilha que me leva para minha própria destruição e para a destruição dos outros. Não posso mais adquirir propriedade. Não posso mais usar a força sob qualquer forma para minha própria defesa, nem para a defesa de outros. Não posso mais cooperar com qualquer poder cujo objetivo seja a defesa dos homens e de suas propriedades pela violência. Não posso mais atuar como juiz, nem me investir de qualquer autoridade, nem de tomar parte no exercício de poder em qualquer jurisdição, seja ela qual for. Não posso mais incentivar os outros a apoiar os tribunais, ou o exercício da autoridade. Jesus me mostrou que a quinta tentação que me priva da felicidade é a distinção que fazemos entre compatriotas e estrangeiros. Acredito nisso piamente; portanto, se, em um momento de fraqueza, eu tiver um sentimento de hostilidade para um homem de outra nacionalidade, sou obrigado, ao cair em mim, a considerar esse sentimento pernicioso. Não posso mais, como fiz antes, justificar minha hostilidade pela superioridade de meu próprio povo sobre outros, nem pela ignorância, crueldade ou barbarismo de outra raça. Não posso mais deixar de tentar ser ainda mais amistoso com um estrangeiro do que com um de meus próprios compatriotas.

Sei agora que a distinção que já fiz entre meu próprio povo e os povos de outros países destrói minha felicidade; mais do que isso: conheço agora a armadilha que me levou a este mal e não posso mais, como fiz antes, cair deliberada e calmamente nesta armadilha. Agora sei que esta armadilha consiste na crença errônea de que minha felicidade depende somente da felicidade de meus compatriotas, e não da

felicidade de todos os seres humanos. Sei agora que minha amizade pelos outros não pode ser impedida por uma fronteira, nem por um decreto governamental que conclui que pertencem a uma determinada instituição política. Sei agora que, por toda parte, todos os homens são irmãos e iguais. Quando penso agora em todo o mal que fiz, em todo o mal que suportei e em todo o mal que vi ao meu redor decorrente das inimizades nacionais, vejo claramente que todo ele se deve àquela grosseira impostura que atende pelo nome de patriotismo - amor pela própria terra nativa. Quando penso agora em minha educação, vejo como esses sentimentos odiosos foram impressos em mim. Compreendo agora o significado das palavras:

Amem seus inimigos e rezem por aqueles que perseguem vocês; para se

tornarem filhos de seu Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos (Mateus 5:44-45).

Compreendo agora que a verdadeira felicidade só é possível para mim com a condição de eu reconhecer minha amizade pelo mundo. Acredito nisso, e essa crença mudou minha visão do que é certo e errado, importante e desprezível. O que antes me parecia certo e importante - amor à pátria, amor àqueles de minha própria raça, à instituição que atende pelo nome de Estado, aos serviços prestados às custas da felicidade dos outros homens, aos atos de heroísmo militar - agora me parecem detestáveis e repugnantes. O que antes me parecia vergonhoso e errado - renúncia à nacionalidade e o cultivo do cosmopolitismo - agora me parece certo e importante. Quando, agora, em um momento de fraqueza, prefiro sustentar um russo a sustentar um estrangeiro, e desejo o sucesso da Rússia ou do povo russo, não posso mais, em momentos de lucidez, me permitir ser controlado por ilusões tão contrárias à minha felicidade e à felicidade dos outros. Não

posso mais reconhecer Estados ou povos; não posso mais tomar parte em qualquer rixa entre povos e Estados, nem em qualquer discussão entre eles, seja oral ou escrita, e muito menos em qualquer serviço em favor de qualquer Estado em particular.

Compreendo agora em que consiste minha verdadeira felicidade, tenho fé nessa compreensão e, por isso, não posso fazer o que destruiria inevitavelmente essa felicidade. Além de acreditar que devo viver assim, acredito que, se eu viver assim, e apenas assim, minha vida vai chegar a ter seu único significado possível e ser racional e prazerosa, e a morte não vai conseguir destruí-la. Acredito que minha vida racional, a luz que levo comigo, foi dada a mim apenas para que ela pudesse brilhar frente aos homens, não em palavras somente, mas em boas ações, de modo que os homens possam com elas glorificar o Pai. Creio que minha vida e minha consciência da verdade são os talentos confiados a mim para um bom propósito e que esses talentos só cumprem sua missão se forem úteis aos outros. Creio que sou um ninivita em relação a outros Jonas com os quais descobri e vou continuar descobrindo a verdade; mas que sou um lonas em relação a outros ninivitas a quem sou obrigado a transmitir a verdade. Creio que a única coisa que dá sentido à minha existência é viver de acordo com a luz que está dentro de mim, e que devo permitir que essa luz brilhe de modo a ser vista por todos os homens. Esta fé me dá força renovada para praticar a doutrina de Jesus e para superar os obstáculos que ainda surgem

em meu caminho. Tudo aquilo que antes me fazia duvidar da possibilidade de seguir a doutrina de Jesus, tudo que antes me desviava, a possibilidade de privações, e de sofrimentos, e da morte, infligidos por aqueles que não conhecem a doutrina de Jesus, agora confirma sua verdade e me arrasta a seu serviço. Jesus disse: "Quando vocês tiverem levantado o filho do Homem, então saberão que eu sou ele" - então vocês serão arrastados ao meu serviço - e sinto que sou irresistivelmente arrastado para ele pela

força de sua doutrina. "A verdade": repete ele, "A verdade os libertará" e sei que estou em perfeita liberdade.

Certa vez pensei que, se acontecesse uma invasão estrangeira, ou mesmo se bandidos me atacassem, e eu nada fizesse para me defender, que seria roubado, espancado, torturado e morto junto com aqueles que me sentia obrigado a proteger, e esta possibilidade me perturbava. Mas, isso que um dia me perturbou, agora me parece desejável e em harmonia com a verdade. Sei agora que o inimigo estrangeiro e os malfeitores ou bandidos são homens como eu mesmo; que, como eu mesmo, eles amam o bem e detestam o mal; que vivem como eu vivo, às portas da morte; e que, como eu, buscam a salvação, e que vão encontrá-la na doutrina de Jesus. O mal que eles fazem a mim é um mal que fazem a si mesmos e só o que é um bem para os outros pode ser um bem para mim. Mas, se eles não conhecerem a verdade e fazem o mal pensando fazer o bem, eu, que conheço a verdade, devo revelá-la a eles, o que só pode ser feito pela recusa em participar do mal: o meu exemplo vai lhes revelar a verdade.

"Mas aí vêm os inimigos - alemães, turcos, selvagens; se você não lutar contra eles, eles vão exterminar você!". Não vão, não. Se houvesse uma sociedade de homens cristãos que não fizessem mal a ninguém e oferecessem seu trabalho para o bem comum, essa sociedade não teria inimigos a matar ou a torturar. Os estrangeiros pegariam somente o que os membros dessa sociedade lhes dessem voluntariamente, sem fazer distinção entre russos, turcos ou alemães. Mas, quando os cristãos vivem no meio de uma sociedade que não é cristã, que se defende pela força das armas e convoca os cristãos a se juntarem a ela para fazer a guerra, então os cristãos têm uma oportunidade de revelar a verdade àqueles que não a conhecem. Um cristão que conhece a verdade dá testemunho da verdade perante os outros, e esse testemunho só pode ser

dado pelo exemplo. Ele deve renunciar à guerra e fazer o bem a todos os

homens, sejam eles estrangeiros ou compatriotas.

"Mas há bandidos entre os compatriotas; eles vão atacar o cristão e, se este não se defender, eles vão roubá-lo e massacrar a ele e à sua família".

Não; não vão, não. Se todos os membros desta família forem cristãos e, por conseguinte, viverem apenas para servir aos outros, nenhum homem será insano a ponto de privar essas pessoas das coisas necessárias à vida, nem de matá-las. O famoso Maclay vivia entre os selvagens mais sedentos de sangue de que se tem notícia; eles não o mataram, eles o respeitavam e seguiam seus ensinamentos, simplesmente porque ele não os temia, nada exigia deles e os tratava sempre com bondade.

"Mas, e se o cristão viver em uma família que não é cristã, que está acostumada a defender a si mesma e a sua propriedade com o uso da violência e ele for chamado a tomar parte nas medidas de defesa?". Essa situação não passa de um apelo feito a um cristão para ele pôr em prática os preceitos da verdade. Um cristão só conhece a verdade se puder mostrá-la a outros, mais particularmente a seus vizinhos e àqueles que estão ligados a ele por laços de sangue e de amizade; e um cristão só pode mostrar a verdade recusando-se a praticar os erros dos outros, não tomando o partido dos agressores, nem dos defensores, mas entregando tudo o que tem àqueles que querem tomar suas coisas, mostrando assim, com seus atos, que não tem necessidade de nada além de cumprir a vontade de Deus, e que nada teme, exceto desobedecer a essa vontade.

"Mas, e se o Estado não permitir que um membro da sociedade sobre o qual tem poder repudie os princípios fundamentais da ordem governamental, nem que deixe de cumprir os deveres de um cidadão? O Estado exige de um cristão que ele faça juramentos, que atue como jurado, que preste o serviço militar, e sua recusa em cumprir essas exigências pode ser punida com o exílio, com a prisão e até mesmo com a morte". Nesse caso, repetindo mais uma vez, as exigências daqueles

que ocupam posições de autoridade não passam de um apelo ao cristão para expressar a verdade que está nele. Para um cristão, as exigências daqueles em posição de autoridade são as exigências daqueles que não conhecem a verdade. Portanto, um cristão que conhece a verdade deve mostrá-la, pelo exemplo, àqueles que não a conhecem. Exílio, prisão e morte dão ao cristão a possibilidade de revelar a verdade, não com palavras, mas com atos. Violência, guerra, banditismo, execuções, nenhuma dessas coisas é realizada pelas forças da natureza inconsciente; elas são realizadas por homens que estão cegos e não conhecem a verdade. Portanto, quanto mais males esses homens maus fizerem aos cristãos, tanto

mais se afastam da verdade, tanto mais infelizes eles são e tanto mais necessário é que eles tomem conhecimento da verdade. Ora, um cristão só pode demonstrar seu conhecimento da verdade abstendo-se dos erros que levam os homens ao mal; deve retribuir o mal com o bem. É esta a missão da vida de um cristão e, se ela for cumprida, a morte não pode prejudicá-lo, pois o sentido de sua vida nunca poderá ser destruído. Os homens estão unidos pelo erro em uma massa compacta. O poder prevalecente do mal é a força coesiva que os une. A atividade racional dos seres humanos pode destruir o poder coesivo do mal. As revoluções são tentativas de acabar com o poder do mal pela violência. Os homens pensam que, martelando a massa, serão capazes de quebrá-la em pedaços, mas com isso só a tornam mais densa e impermeável do que era antes. A violência externa de nada adianta. O momento que produz ruptura deve vir de dentro, quando a molécula libera sua força da outra molécula e a massa inteira se desintegra. O erro é a força que solda os homens uns aos outros; só a verdade pode libertá-los. Ora, a verdade só é verdade quando está em ação e só nesse caso ela pode ser transmitida de um homem a outro. Só a verdade em ação, ao introduzir a luz na consciência de cada indivíduo, pode dissolver a homogeneidade do erro e, um a um, soltar os homens de suas amarras.

Este trabalho está sendo feito há mil e oitocentos anos. Começou quando os mandamentos de Jesus foram apresentados à humanidade pela primeira vez e não vai cessar, como disse Jesus, "até que tudo seja cumprido" (Mateus 5:18). A Igreja que procurava libertar os homens do erro e soldá-los novamente pela afirmação solene de que somente ela era a verdade, entrou em decadência há muito tempo. Mas a Igreja constituída de homens unidos, não por promessas ou sacramentos, mas por atos de verdade e de amor, sempre existiu e sempre vai existir. Agora, como há mil e oitocentos anos, esta Igreja não é constituída por aqueles que dizem "Senhor, Senhor" e fazem iniquidades, mas por aqueles que ouvem as palavras da verdade e as expressam em sua vida. Os membros dessa Igreja sabem agora que a vida é uma bênção para eles quando cultivam a fraternidade com os outros e vivem na amizade do filho do homem; e que essa bênção só vai deixar de ser usufruída por aqueles que não obedecem aos mandamentos de Jesus. E, assim sendo, os membros dessa Igreja praticam os mandamentos de Jesus e, com sua prática, transmitem-nos aos outros. Essa Igreja pode ser pouco numerosa, ou muito; seja como for, ela é a Igreja que nunca vai perecer, é a Igreja que finalmente vai unir com seus laços os corações de todos os seres humanos: "Não tema, pequeno rebanho; pois é do

propósito de seu Pai lhe dar o reino" (Lucas 12:32).

Texto em inglês:

Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/Page:My-Religion.djvu/1>

Acesso em: 20/12/2009

\